

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS-FFLCH
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA- DL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL**

PAULO JEFERSON PILAR ARAÚJO

**Aspectos semântico-cognitivos de usos espaciais das preposições *para* e *em*
na fala de comunidades quilombolas**

São Paulo
2008

PAULO JEFERSON PILAR ARAÚJO

**Aspectos semântico-cognitivos de usos espaciais das preposições *para* e *em*
na fala de comunidades quilombolas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral

Orientadora: Profa. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter

São Paulo
2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

Paulo Jeferson Pilar Araújo

Aspectos semântico-cognitivos de usos espaciais das preposições *para* e *em* na fala de comunidades quilombolas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Lingüística Geral do Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Semiótica e Lingüística Geral

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter

Membros da Banca

Profa. Dra. Maria Lúcia Leitão de Almeida

Instituição: UFRJ

Assinatura: _____

Prof. Dr. Leland Emerson McCleary

Instituição: DLM-USP

Assinatura: _____

*A Légua Bogi Buá da Trindade, o rei do Codó
Pelos mitos que o fazem e que estão sempre presentes nos meus caminhos.*

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. *Margarida Petter*, pela orientação e estímulo para ir em busca de novas descobertas, e a cada nova descoberta me sentir um pouco mais um africanista.

Ao Prof. Dr. *Leland McCleary*, pelos primeiros passos nas teorias instigantes da Linguística Cognitiva.

Ao Prof. Dr. *Ronald Beline*, pela atenção dada desde o meu início como aluno da Pós-Graduação, pelas valiosas observações no exame de qualificação, e tudo isso com o seu inconfundível bom humor.

À Profa. Dra. *Evani Viotti*, pelas boas conversas e observações oportunas à minha pesquisa em vários momentos.

Ao Prof. Dr. *Vagner Gonçalves*, do Departamento de Antropologia-FFLCH, por descortinar para mim parte de São Paulo com seus candomblés, e pelas estimulantes conversas que me mostraram que além de necessária, uma Antropologia Linguística é possível.

Aos colegas do Grupo de Estudos de Línguas Africanas – GELA, e do BATIK, na pessoa da Profa. Dra. *Márcia Duarte* FFLCH-USP, pelo companheirismo para além dos muros da academia e por tornar a África muito mais próxima.

Aos colegas do Grupo dos Duvidosos, também chamado de “Grupo de Estudos de Linguística Funcional e Linguística Cognitiva”, *Estribeiro-Mór (Celso)*, *Pega-Copos-Mór (Dayane)*, *Escudeira-Mór (Deize)*, *Bôba-Mór (Alessandra Castilho)*, *Semicupio-Mór (Zé)*, *Pateta-Mór (Verena)* e aos colegas “do” Alemanha: *Steffi* e *Matthias*, os sinceros agradecimentos pela acolhida das dúvidas e pelas contribuições inestimáveis de vosso Pirata-Mór.

À FAPEMA, pela bolsa de estudos, e na pessoa de *Ana Raquel*, pelo acompanhamento durante cada etapa desta pesquisa.

À *Ana Stela*, exemplo de pesquisadora que conhece os meandros entre a academia e o campo, pelo aprendizado, pessoal e acadêmico, e pelas parcerias que têm sido bastante frutíferas.

Às comunidades quilombolas, no nome da comunidade Santo Antonio dos Pretos, de Codó-MA, onde encontrei o interesse e o estímulo para conhecer melhor minhas raízes.

Aos funcionários do Departamento de Linguística FFLCH-USP, *Érica*, *Robson* e *Ben Hur*, pela solicitude e esclarecimentos, desde o processo de seleção, e em todas as etapas do mestrado.

Aos amigos de todas as horas, nas figuras inconfundíveis do *Ivan* e *Maraca*, verdadeiros irmãos.

À minha família, apesar da distância, sempre presente.

À minha mãe *Sunamita* e ao meu pai *João Paulo*, minhas motivações para continuar sempre em frente.

Aos meus tios, *Antonio*, *Gracinha*, *Isaías*, *Rita*, sem a ajuda dos quais eu não teria chegado até aqui.

Em especial, à *Selina*, pela compreensão, confiança e carinho, nos momentos mais difíceis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Figura e fundo na psicologia da <i>Gestalt</i> -----	21
Figura 2 – Representação do esquema imagético CONTÊINER -----	21
Figura 3 – Representação esquemática de uma lâmpada ou garrafa -----	22
Figura 4 – Representação do esquema imagético CONTENÇÃO-----	31
Figura 5 – Esquema de CONTENÇÃO como entrada e inclusão -----	32
Figura 6 – Contenção esquemática -----	32
Figura 7 – Esquema imagético PERCURSO -----	82
Figura 8 – Esquema imagético ORIGEM-PERCURSO-DESTINO -----	82
Figura 9 – Esquemas imagéticos de ORIGEM-PERCURSO-DESTINO e CONTÊINER sobrepostos -----	99
Figura 10 – PERCURSO perfilado -----	99
Figura 11 - CONTÊINER perfilado -----	100

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Classificação dos Esquemas imagéticos -----	24
Quadro 2 – Esquema imagético PERCURSO e esquemas subsidiados-----	27
Quadro 3 – Esquema imagético REGIÃO DELIMITADA e esquemas subsidiados-----	27
Quadro 4 – Esquema imagético PARTE-TODO e esquemas subsidiados -----	28
Quadro 5 – Esquema imagético LIGAÇÃO e esquemas em dependência conceptual -----	28
Quadro 6 – Classificação das preposições do português brasileiro-----	37
Quadro 7 – Tipologia das preposições e seus esquemas imagéticos-----	40
Quadro 8 – Preposições do eixo horizontal-----	42

ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar. **Aspectos semântico-cognitivos de usos espaciais das preposições *para* e *em* na fala de comunidades quilombolas**. 2008 116ff Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

RESUMO

Este trabalho se ocupa dos usos espaciais das preposições *para* e *em* nos contextos aqui chamados de locativos e direcionais produzidos com o verbo *estar* pleno de sentido de locação e o verbo *ir* de movimento. A análise parte dos pressupostos da Semântica Cognitiva, especificamente da teoria dos esquemas imagéticos (JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987) e as operações de transformações entre esses esquemas (PEÑA, 2008; DEWELL, 2005; LAKOFF, 1987). O *corpus* utilizado é composto por entrevistas de fala espontânea coletadas em comunidades quilombolas dos estados do Maranhão e São Paulo. Os contextos analisados são aqueles nos quais as duas preposições parecem alternar, como em: “Eles estão *pro* Maranhão” ou “Eles estão *no* Maranhão”, como também em: “Foram *pro* cinema” e “Foram *no* cinema”. Argumenta-se que tal alternância se dê pelas transformações entre esquemas imagéticos, nomeadamente os esquemas ORIGEM-PERCURSO-DESTINO e CONTÊINER. Para fundamentar a argumentação, são apresentados os pressupostos teóricos que embasam este trabalho, a problemática e algumas questões de cunho metodológico são discutidos. Por fim, apresenta-se uma proposta de análise semântico-cognitiva que considere a representação do espaço para as duas preposições em foco.

PALAVRAS-CHAVE: semântica cognitiva; preposições; esquemas imagéticos; comunidades quilombolas; português brasileiro.

ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar. **Cognitive Semantic aspects of the spatial uses of prepositions *em* (in) and *para* (to) in the speech of marron communities.** 2008 116ff
Thesis (Master Course) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ABSTRACT

This study deals with the spatial uses of the prepositions *em* (in) and *para* (to) in the contexts here called locative and directional produced with the verb *estar* (to be) for locations and the verb *ir* (to go) in the movement sense. The analysis is based on the Cognitive Semantics framework, specifically the theory of image schemas (JOHNSON, 1987; Lakoff, 1987) and the transformation processes of those schemas (PEÑA, 2008; DEWELL, 2005; Lakoff, 1987). The corpus is made of interviews of spontaneous speech collected in comunidades quilombolas (maroon communities) from the states of Maranhão and São Paulo. The contexts examined are those in which the two prepositions appear to switch, as in: "Eles estão *pro* Maranhao" (They are *to* Maranhão) or "Eles estão *no* Maranhao," (They are *in* Maranhão) also in: "Eles foram *pro* cinema" (They went *to* the cinema) and "Eles foram *no* cinema." (They went *in* the cinema). It is argued that this alternation is given by image schema transformations, mainly the SOURCE-PATH-GOAL and the CONTAINER image schema. To support this argument, the theoretical assumptions are presented. The problem of this work and some methodological issues are as well discussed. Finally, a proposal in the Cognitive Semantic framework analysis is suggested for analyzing the spatial representation of both prepositions in focus in this work.

KEYWORDS: Cognitive Semantics; prepositions; image schemas; marron communities; Brazilian Portuguese.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	14
1.1 A Linguística Cognitiva como um Empreendimento	14
1.2 A Teoria dos Esquemas Imagéticos	17
1.2.1 A base corporificada dos esquemas imagéticos	17
1.2.2 Propriedades dos esquemas imagéticos	19
1.2.3 Propostas de classificação dos esquemas imagéticos	23
1.2.4 Transformação de esquemas imagéticos e a natureza dinâmica de suas transformações	29
1.3 Algumas teorias relacionadas aos esquemas imagéticos	34
CAPÍTULO 2 - AS PREPOSIÇÕES DO PORTUGUÊS DO BRASIL	37
2.1 A classe preposições no português do Brasil	37
2.2 Preposições sob o enfoque cognitivo	39
2.2.1 As preposições <i>para</i> e <i>em</i>	44
2.3 Estudos sobre a regência variável do verbo <i>ir</i> de movimento e uso variável entre as preposições <i>a</i>, <i>para</i> e <i>em</i>	46
2.4 O problema da alternância entre preposições em contextos diretivos e locativos	51
CAPÍTULO 3 – QUESTÕES METODOLÓGICAS	58
3.1 A Linguística Cognitiva como modelo baseado no uso	58
3.2 A constituição do <i>corpus</i> das comunidades quilombolas	63
3.3 Uma caracterização das comunidades quilombolas	67
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE SEMÂNTICO-COGNITIVA DE <i>PARA</i> E <i>EM</i>	71
4.1 Usos espaciais baseados em transformações de esquemas imagéticos	72
4.1.1 Alternância de preposições e esquemas imagéticos	72
4.1.2 Esquemas imagéticos envolvidos na alternância de <i>para</i> e <i>em</i>	74
4.2 Usos espaciais no esquema CONTÊINER	77
4.2.1 Contextos locativos de <i>em</i>	78
4.3 Usos espaciais no esquema ORIGEM-PERCURSO-DESTINO	81
4.3.1 Contextos diretivos de <i>para</i>	83
4.4 O ponto final do esquema ORIGEM-PERCURSO-DESTINO como esquema CONTÊINER	84
4.4.1 Contextos locativos de <i>para</i> : de foco em um percurso para foco no ponto final de um percurso	87
4.4.2 Contextos diretivos de <i>em</i> : o ponto final de um percurso como contêiner	91
4.4.3 A alternância de <i>em</i> e <i>para</i> em contextos diretivos e locativos no português brasileiro	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	104
ANEXO	110

INTRODUÇÃO

Alguns aspectos do sistema preposicional do português brasileiro têm sido foco de análise quanto a questões relativas à origem e formação da língua portuguesa no Brasil. As discussões são geralmente voltadas para a variação de preposições em comparação com o português europeu. Em um rápido exame na literatura que se ocupou de tal tema, é comum que se encontrem menções ao caráter variável do sistema preposicional do português brasileiro (doravante PB), ou seja, da “flutuação” no uso das preposições. Dentre vários fenômenos variáveis estudados, a possibilidade de supressão ou alternância entre certas preposições tem recebido relativa atenção por parte dos estudiosos.

Para alguns autores tais fatos serão decorrentes de possíveis contatos lingüísticos na história do português brasileiro com línguas africanas e indígenas (GUY, 1989; LUCCHESI, 2001), enquanto para outros a motivação está na própria deriva interna das línguas românicas (NARO; SCHERRE, 2007). Os trabalhos de Gomes (1996, 1999) são os que mais detidamente se ocuparam da questão da supressão de preposições como por exemplos: “Ela gosta <0> brincadeira pesado”, retirado de Cunha (2003). Petter (2008, p. 167) observa os mesmos fenômenos em outras variedades de português além da europeia e brasileira, especificamente de Angola e Moçambique, em que a variedade de português, em formação nesses países, apresenta realmente uma flutuação nos usos das preposições.

Foi, porém, com o trabalho ainda inédito de Ilari *et alii* (no prelo)¹, dedicado à classe das preposições do PB, que se descortinaram outras facetas do sistema preposicional do português além daquelas relacionadas à supressão ou não de preposições em constituintes nominais e verbais. Nesse caso, questões relacionadas à semântica do espaço na língua e outras relacionadas à categorização da realidade pareciam exercer um importante papel nos

¹ Todas as citações a Ilari *et alii* (no prelo) são referentes ao mesmo trabalho dos autores, por essa razão, a partir daqui sempre que for referendado esse trabalho utilizar-se-á da abreviação do volume II da **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**, da seguinte forma: (GPFB, no prelo).

fenômenos de variação ou alternância dos usos preposicionais. Houve uma motivação maior para se fazer uma análise sobre o comportamento variável de preposições no PB no momento em que se observou que a abordagem funcionalista utilizada por Ilari *et alii* na GPFB, a Linguística Cognitiva, permitia analisar os mesmos fenômenos de variação, tratados por aqueles autores, sob um novo prisma, relacionado a questões semântico-cognitivas.

Este trabalho busca aplicar algumas das abordagens teóricas da Linguística Cognitiva aos fenômenos referentes ao sistema preposicional do PB, em particular o uso variável de preposições com verbos de movimento, especificamente o verbo *ir*, e conseqüentemente os contextos locativos, como nos exemplos abaixo:

- (1) a. Eu fui *ao* Maranhão ano passado.
 b. Eu vou *pro* Maranhão este ano.
 c. Eu vou *no* Maranhão ano que vem.

em que as preposições *a*, *para* e *em* alternam² nos mesmos contextos com o mesmo verbo de movimento e em constituintes nominais locativos. Este estudo tem por motivação, provavelmente, as mesmas razões de caráter teórico-metodológico que devem ter levado os pesquisadores da GPFB a utilizar os pressupostos da Linguística Cognitiva, de forma a oferecer uma abordagem diferente daquelas até então utilizadas no tratamento da classe de preposições do PB, ao mesmo tempo em que fosse considerado um dos usos primordiais dessa classe de palavras, em seu sentido de base demonstrado pelos processos de gramaticalização pelos quais elas passam, qual seja, a representação de entidades no espaço (real ou imaginário), em outras palavras, a configuração do espaço na língua.³

² O uso do termo alternância será usado neste trabalho no lugar de variação. Conferir o item 2.4.

³ As preposições são apenas uma das categorias gramaticais, chamada por Talmy de classes fechadas, que as línguas utilizam para representar o espaço (MCCLEARY; VIOTTI, 2004).

Por se tratar de questões referentes ao espaço, a teoria em lingüística cognitiva que se mostrou mais promissora para tratar da alternância de preposições foi a teoria dos esquemas imagéticos (*image schemas theory*), originalmente apresentada por Johnson (1987) e Lakoff (1987). Por questões metodológicas e pela natureza do *corpus* a ser utilizado, de comunidades quilombolas, delimitou-se o trabalho às preposições *para* e *em*, já que, como observado em análises prévias do *corpus*, a preposição *a* praticamente inexistente nos contextos produzidos com o verbo *ir* de movimento, permanecendo na fala dessas comunidades apenas em expressões feitas ou formulaicas como em: “Não vá com pressa *ao* pote”.⁴ Sendo assim, na fala de comunidades quilombolas, as preposições *para* e *em* serão as mais produtivas nas construções como o verbo *ir* de movimento, enquanto que, uma alternância parecida entre as duas preposições também ocorre em contextos com o verbo *estar* pleno em locativos, como em (2) abaixo:

- (2) a. Os filhos dela estão **no** Rio de Janeiro, morando lá.
 b. Os filhos dela estão **pro** Rio de Janeiro, morando lá.

Nesses exemplos, a preposição *para* ocorre no mesmo contexto em que normalmente ocorreria a preposição *em*, mostrando que o caso de alternância não se dá apenas com verbos de movimento, como também com verbos estativos.

Frente à possibilidade de alternância apresentada por essas duas preposições em dois contextos específicos, este trabalho limita-se às construções com o verbo *ir* de movimento e o verbo *estar* pleno estativo. Partindo de estudos anteriores na linha variacionista e fazendo uso de um *corpus* de fala espontânea, de comunidades quilombolas de dois estados brasileiros, pretende-se aqui apresentar os aspectos semânticos e cognitivos da problemática de variação do uso preposicional do PB, quanto ao uso não-padrão da preposição *em* com verbos de

⁴ Conferir o trabalho de Nascimento (2007) sobre o uso do dativo em variedades lingüísticas rurais de Goiás, nas quais o uso de preposições apresenta o mesmo comportamento.

movimento. Uma primeira motivação é demonstrar que uma abordagem da Semântica Cognitiva poderá contribuir para o tema, já bastante discutido nas abordagens variacionistas (MOLLICA, 1996; RIBEIRO, 2000; VALLO, 2003).

A dissertação é composta por quatro capítulos, como segue: Capítulo 1 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS - trata dos pressupostos teóricos que nortearão a análise. São apresentados os conceitos, propriedades e propostas de classificação dos esquemas imagéticos, dando ênfase a uma das propriedades dos esquemas imagéticos imprescindível para análise da alternância entre as preposições: as transformações entre esquemas e suas implicações para a análise dos usos espaciais na semântica das preposições.

O Capítulo 2 – AS PREPOSIÇÕES NO PORTUGUÊS DO BRASIL - trata da classe de preposição no português do Brasil e a proposta de análise das preposições feita na GFPB (no prelo) sob o enfoque cognitivo. Em seguida, são apresentados os trabalhos de cunho sociolinguístico e outros que se ocuparam da problemática da variação entre preposições com verbos de movimento no português brasileiro.

O Capítulo 3 QUESTÕES METODOLÓGICAS é dedicado às questões teórico-metodológicas que nortearão a análise dos casos de alternância, bem como à forma de seleção e organização do *corpus* de fala de comunidades quilombolas e por fim, uma rápida apresentação das comunidades quilombolas que serviram como universo de pesquisa para a elaboração do *corpus*. São apresentados argumentos a favor de uma investigação em Linguística Cognitiva na qual o uso de material empírico seja privilegiado.

No Capítulo 4 - ANÁLISE SEMÂNTICO-COGNITVO DE *PARA* E *EM*, são apresentados os esquemas imagéticos envolvidos na alternância das preposições sob análise e as operações que justificam no nível gramatical a alternância no uso de preposições em contextos diretivos e locativos. Seguem esses quatro capítulos, as considerações finais com uma reflexão sobre o que foi apresentado e as perspectivas futuras de pesquisa.

CAPÍTULO 1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 A Lingüística Cognitiva como um Empreendimento

A Lingüística Cognitiva (doravante LC) diferentemente de outras correntes lingüísticas surgidas no século XX não possui um nome específico que poderia ser ligado diretamente a ela, como no caso do Gerativismo com Noam Chomsky e da Sociolingüística variacionista, com Labov. Entretanto, já se fala em três nomes como os mais representativos, chamados também de “pais” da Lingüística Cognitiva (doravante LC): George Lakoff, Ronald Langacker e Leonard Talmy (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, p. 07). A LC vai se desenvolvendo no decorrer das décadas de 1970 e 1980 juntamente com as outras também chamadas ciências cognitivas, contando atualmente com uma associação internacional: *International Cognitive Linguistics Association* (ICLA), e o periódico, *Journal of Cognitive Linguistics*. Como atestado por Geeraerts e Cuyckens (2007, p. 3): “It (Cognitive Linguistics) constitutes a cluster of many partially overlapping approaches rather than a single welldefined theory.”, como reforçado por Evans e Green (2006, p. 3):

Cognitive linguistics is described as a ‘movement’ or an ‘enterprise’ because it is not a specific theory. Instead, it is an approach that has adopted a common set of guiding principles, assumptions and perspectives which have led to a diverse range of complementary, overlapping (and sometimes competing) theories.

Alguns desses princípios-guias apontados são os dois compromissos da LC: o Compromisso de Generalização e o Compromisso Cognitivo (Evans & Green, 2006: 27). O primeiro tem a ver com a caracterização dos princípios gerais responsáveis por todos os aspectos da linguagem humana, e o segundo com os princípios gerais da linguagem em acordo com as demais ciências cognitivas que se ocupam da mente e do cérebro (2006: 27).

Em um rápido resumo, Geeraerts e Cuyckens (2007: 04) afirmam que a Lingüística Cognitiva:

(...) sees language as embedded in the overall cognitive capacities of man, topics of special interest for Cognitive Linguistics include: the structural characteristics of natural language categorization (such as prototypicality, systematic polysemy, cognitive models, mental imagery, and metaphor); the functional principles of linguistic organization (such as iconicity and naturalness); the conceptual interface between syntax and semantics (as explored by Cognitive Grammar and Construction Grammar); the experiential and pragmatic background of language-in-use; and the relationship between language and thought, including questions about relativism and conceptual universals.

Diante disso, torna-se uma tarefa árdua tentar abarcar numa apresentação como esta o conjunto das principais preocupações da LC e seus conceitos básicos, conforme apresentado por Geeraerts e Cuyckens (2007) na primeira parte do “*The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*”, abrangendo tópicos como a corporificação do sentido (*embodiment of meaning*), esquemas imagéticos (*image schemas*), teoria dos protótipos (*prototypes theory*), modelos cognitivos idealizados (*Cognitive Idealized Models*), espaços mentais (*mental spaces*), metáforas conceptuais (*conceptual metaphors*), etc. Muitos desses conceitos embasam o desenvolvimento de modelos de gramática, como a gramática de construções (*Construction Grammar*), apresentada por Goldberg (1995) e a gramática cognitiva (*Cognitive Grammar*), de Langacker (2008).⁵

Todo esse arcabouço teórico tem se mostrado de grande poder descritivo e explicativo em teoria lingüística, principalmente em questões relacionadas à semântica das línguas naturais comumente relegadas a segundo plano ou mesmo abandonadas como problemáticas insolúveis para a formulação de um teoria de linguagem preocupada com questões intrinsecamente formais. Com isso, construções idiomáticas, usos metafóricos e metonímicos, ambigüidades de difícil solução para teorias formais em semântica, dentre outras questões, tiveram com o Empreendimento Cognitivo um novo impulso e novas perspectivas de análise.

⁵ Santos (2007, p. 25) em nota, lembra o fato de que muitos dos termos da literatura da LC ainda não serem consensuais em português e que o grupo de Lingüística Cognitiva, Incógnito, da UFMG, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Heliana Melo, está trabalhando para uma padronização desses termos em português. Desde já, deixa-se claro aqui que a terminologia a ser utilizada neste trabalho seguirá a que tem sido mais freqüentemente encontrada nos textos e discussões em eventos científicos e reuniões de grupos de pesquisa. Sempre que possível, no caso de termos de tradução problemática, outras terminologias ou escolhas serão mencionadas durante o desenvolvimento do trabalho.

Um outro aspecto que tem sido bastante contemplado por tal Empreendimento é o estudo da semântica do espaço (HICKMANN; ROBERT, 2006; ZLATEV, 2007).

Dos diversos tópicos abarcados pelo corpo teórico da LC, a categoria dos conectivos ou adposições, tem recebido bastante atenção, geralmente em uma perspectiva mais tipológica (HICKMANN; ROBERT, 2006; TALMY, 2003). Uma vez que, com essas categorias, diversas facetas da cognição humana entram em jogo, como a estruturação do espaço, a polissemia e extensões de sentido por meio de projeções metafóricas, além de outras operações cognitivas. Ao tratar da semântica de preposições, questões relativas ao processo de gramaticalização e de extensões de sentido ou polissemia de determinado item preposicional surgem para que haja um melhor entendimento dessas categorias em questão, como também de questões relativas à representação do espaço. Como não poderia deixar de ser, mesmo tratando de um problema relacionado ao uso variável de preposições do português brasileiro, Mollica (1996) se vale da configuração do espaço para tratar do fenômeno variável por ela estudado, assim como Farias (2004) que duvida haver um caso de variação nos moldes labovianos para o caso de alternância entre as preposições *a*, *para* e *em* com verbos de movimento no PB. Partindo de trabalhos como esses, descortinou-se a possibilidade de uma análise da semântica de preposições em que se considerasse a configuração do espaço por parte de falantes do PB.

Nas próximas seções, serão apresentados os principais construtos a serem utilizados para a análise semântica das preposições em foco neste estudo, quais sejam, as preposições *para* e *em*. Parte-se então para alguns desses princípios básicos na LC que subsidiarão a análise das duas preposições.

1.2 A Teoria dos Esquemas Imagéticos

1.2.1 A base corporificada dos esquemas imagéticos

O conceito de esquema imagético é inicialmente elaborado por Johnson (1987) e Lakoff (1987), sendo posteriormente utilizado em outras perspectivas de análise, abarcando desde a epistemologia e filosofia moral elaborada por Johnson, a teoria de categorização de Lakoff conhecida como a teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) aos usos em psicolinguística por Gibbs, crítica literária com Turner e as teorias de gramática com Langacker e Talmy, (OAKLEY, 2007). A importância do conceito de esquemas imagéticos em Linguística Cognitiva é inegável, principalmente nos trabalhos voltados para a conceptualização espacial nas línguas e nos estudos sobre polissemia (HAMPE, 2005; OAKLEY, 2007). Um exemplo dessa importância é o volumes da série *Cognitive Linguistics Research* da Mouton de Gruyter: *From perception to meaning: image schemas in Cognitive Linguistics*, organizado por Hampe (2005). O livro agrupa trabalhos de vários autores preocupados com a temática e é apresentada, de acordo com os objetivos apontados pela organizadora, a diversidade teórica e também as críticas em relação aos usos e ao desenvolvimento da teoria de esquemas imagéticos.

O conceito de esquema imagético é relacionado intimamente com a tese do sentido corporificado (*embodied meaning*), em outras palavras, de acordo com as premissas da Linguística Cognitiva, a estrutura semântica emerge da estrutura conceptual humana, e esta da base corporificada do sentido. A estrutura conceptual humana consistiria de representações conceptuais mais abstratas, incluindo os esquemas imagéticos. Desde as primeiras definições e das primeiras listas de esquemas imagéticos propostas por Johnson (1987), e Lakoff (1987), há controvérsias, tanto sobre o que define um esquema imagético como quanto ao seu número (GRADY, 2005; OAKLEY, 2007).

Em linhas gerais, os esquemas imagéticos são estruturas abstratas que organizam os padrões recorrentes da experiência sensório-motora que emergem da estrutura corpórea do ser humano e da forma como se dá a interação do corpo com o mundo em sua volta (EVANS; GREEN, 2006, p. 168). Hampe (2005, p. 01-2): apresenta a seguinte caracterização condensada da definição original dada por Johnson (1987, p. 29):

- os esquemas imagéticos são diretamente providos de sentido, devido à sua base corpórea (sentido corporificado), são estruturas pré-conceptuais e não proposicionais decorrentes da interação com o mundo externo e a manipulação de objetos nesse mundo;
- são *gestalts* altamente esquemáticas nas quais são integradas as experiências sensório-motoras com informação de diversas modalidades perceptivas, como as dos sistemas visual, auditivo, tátil e vestibular (EVANS; GREEN, 2006, p. 179);
- existem como padrões contínuos e analógicos abaixo do nível de consciência, preliminares e independente de outros conceitos;
- como *gestalts*, os esquemas imagéticos são internamente estruturados - compostos de pequenas e poucas partes relacionadas - e flexíveis – tal flexibilidade é demonstrada nas diversas transformações pelas quais os esquemas imagéticos podem passar.

Como são decorrentes da base corporificada do sentido, a forma como experienciamos o mundo e nos deslocamos nele produz esquemas imagéticos com significados (*meaningful*), por exemplo, devido à natureza do nosso corpo e à forma como experienciamos o espaço em três dimensões, o fato de nos deslocarmos em um sentido direcional, para frente ou para trás, produziria o esquema imagético PERCURSO, como também de FRENTE-ATRÁS.⁶ Da percepção de estarmos sempre circundados ou não por ambientes ou espaços no mundo físico emergiria o esquema imagético CONTÊINER.⁷

⁶ Segue-se aqui a tradição de grafar o nome dos esquemas imagéticos em CAIXA ALTA.

⁷ Optou-se pela forma CONTÊINER no lugar de RECIPIENTE como utilizado em Ilari *et alii* (no prelo) por essa forma já estar integrada ao português brasileiro. Oliveira (em preparação) também faz uso dessa forma.

Um exemplo representativo de como esses esquemas imagéticos, em decorrência de nossa “mente corporificada” (*embodiment mind*), operam em nosso sistema conceitual e lingüístico, comumente por meio de extensão metafórica, é o seguinte trecho do clássico livro *The body in the mind* de Johnson (1987), no qual o autor ilustra com cenas de um início de dia o esquema imagético CONTÊINER:

You wake *out of* a deep sleep and peer *out from* beneath the covers *into* your room. You gradually emerge *out of* your stupor, pull yourself *out from* under the covers, climb *into* your robe, stretch *out* your limbs, and walk *in* a daze *out* of the bedroom and *into* the bathroom. You look *in* the mirror and see your face staring *out* at you. You reach *into* the medicine cabinet, take *out* the toothpaste, squeeze *out* some toothpaste, put the toothbrush *into* your mouth, brush your teeth *in* a hurry, and rinse *out* your mouth. (Johnson 1987: 331)

Pelo uso constante das duas preposições em inglês *in* e *out* durante a execução de uma rotina simples como o acordar, Johnson demonstra como a recorrência de experiências como a de entrar e sair de espaços produz padrões que contribuem para a emergência do esquema imagético CONTÊINER. Pelo exemplo de Johnson, percebe-se como a classe das preposições expressa na língua operações espaciais básicas de nossa experiência cotidiana, no inglês pela recorrência de uso dos *ins* e *outs* do trecho acima.

1.2.2 Propriedades dos esquemas imagéticos

Evans e Green (2006, p. 179-89) apresentam detalhadamente algumas das propriedades dos esquemas imagéticos.

- (a) são pré-conceptuais em sua origem;
- (b) um esquema imagético pode dar origem a conceitos mais específicos;
- (c) esquemas imagéticos derivam das experiências sensório-motoras e da observação do mundo;
- (d) são inerentemente providos de sentido;

- (e) são representações analógicas;
- (f) são internamente complexos;
- (g) não são o mesmo que imagens mentais;
- (h) são multi-modais;
- (i) são sujeitos a transformações;
- (j) podem ocorrer em redes ou grupos.

Cada uma das dez propriedades dos esquemas imagéticos apresentados por Evans e Green mereceria uma apresentação à parte, entretanto, para fins de uma melhor focalização das questões de interesse neste trabalho outros conceitos relacionados aos esquemas imagéticos serão apresentados à medida que as propriedades já mencionadas forem tratadas, mesmo que rapidamente. Sempre que for pertinente, será indicada com que propriedade dos esquemas imagéticos os fenômenos em foco têm relação.

De acordo com Evans e Green (2006), por surgirem das experiências sensório-motoras, os esquemas imagéticos precedem os conceitos, na verdade, são conceitos, os que primeiro emergem da mente humana, mas são conceitos de um tipo especial, os que irão fundamentar outros conceitos mais específicos. A diferença dos esquemas imagéticos como conceitos de outros conceitos mais específicos estaria no nível de consciência que se tem deles. Por não serem de fácil apreensão, em outras palavras, não serem o mesmo que imagens mentais (propriedade g), os esquemas imagéticos são representações analógicas de experiências sensório-motoras (propriedade c, e propriedade e), sendo que para representá-los, os lingüistas cognitivistas fazem uso das operações entre dois construtos, inicialmente usados em Langacker (1987) e denominados por ele TRAJECTOR (do inglês TRAJECTOR, a partir daqui TR) e MARCO (do inglês LANDMARK, a partir daqui MR). O TR é geralmente considerado o elemento de maior proeminência e o MR o elemento tomado como referência

ao TR.⁸

Geralmente, para uma melhor explicação de como operam esses dois construtos em LC, não é raro a menção aos conhecidos testes na psicologia da Gestalt, no clássico exemplo da alternância entre figura e fundo, pela semelhança entre as operações cognitivas para cada construto teórico específico:



Figura 1 – Figura e fundo na psicologia da *Gestalt*

em que a assimetria entre a figura focalizada só é possível em relação a um fundo. A alternância do foco de uma ou outra permite que se visualize ora dois perfis ora uma jarra. Da mesma forma, um TR é sempre focalizado em relação a um MR, tome-se um outro exemplo bastante conhecido na literatura cognitivista:

(3) A bicicleta está perto da igreja.

Devido às características do TR, ser mais móvel, menor, de difícil localização, será sempre construído em relação ao MR, geralmente mais fixo, de dimensão maior e de mais fácil localização. Raramente se usaria o inverso de (1): “A igreja está perto da bicicleta”, entre outros fatores, devido às características desses dois construtos.

⁸ Segue-se aqui o uso feito por Oliveira (2007b) atentando também para o que a autora menciona em nota de rodapé: na literatura cognitivista operações semelhantes são denominadas de forma diferente por cada autor. Em Talmy (2000a; 2000b) encontra-se *figure* e *ground* (traduzido na GPFB como FIGURA e FUNDO), em Vandeloise (1986) *cible* e *site* (Cf. OLIVEIRA, 2007b, p. 28). É possível encontrar também termos mais genéricos para os mesmos construtos como “objeto proeminente” e “objeto de referência” (Cf. HICKMANN; ROBERT, 2006) ou como mencionam os autores da GPFB (no prelo), também OBJETO EM FOCO e TERMO DE REFERÊNCIA.

Quanto à propriedade em (b), toma-se por exemplo, a representação do esquema imagético CONTÊINER, retirado de Evans e Green (2006, p. 181):

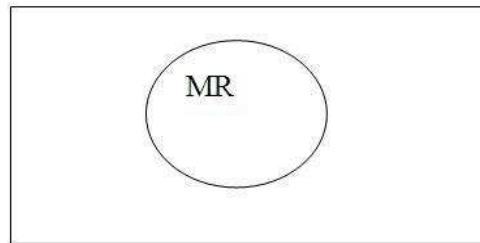


Figura 2 – Representação do esquema imagético CONTÊINER

Aqui, a figura representa de forma altamente esquemática o esquema imagético CONTÊINER. Nele, estão presentes os elementos necessários para a caracterização de outros esquemas mais específicos, como o de CONTENÇÃO, isto é, estar envolvido em algo ou ambiente, de estar dentro ou fora, ou o esquema de DENTRO-FORA, etc. Essa propriedade além de chamar a atenção para o caráter altamente esquemático dos esquemas imagéticos, aponta também para a possibilidade de transformações entre vários esquemas imagéticos.

Quanto à propriedade (d) acima, de que os esquemas imagéticos são inerentemente providos de sentido, Evans e Green fazem uso de um exemplo retirado de Vandeloise (EVANS; GREEN, 2006, p. 183-4) a partir da seguinte figura:



Figura 3 – Representação esquemática de uma lâmpada ou garrafa

Essa figura pode ser tanto uma lâmpada como uma garrafa, e a parte superior como sendo o soquete da lâmpada como a tampa da garrafa. A disposição espacial é a mesma nos dois

casos, entretanto, a forma de construir a cena é diferente com a utilização do esquema imagético CONTÊINER:

- (4) a. A lâmpada está **no** soquete.
- b. *A garrafa está **na** tampa.

Isso se dá, como atesta Vandeloise, devido à dinâmica de forças, nesse caso particular a força da gravidade, ou outros esquemas imagéticos relacionados à força imprimida pelo soquete de forma que a lâmpada não caia, o que não acontece com a tampa de uma garrafa que não exerce nenhuma dinâmica de forças semelhante àquela do soquete para que a forma de conceptualizar a cena tenha sentido. Esse é um dos exemplos de como as conseqüências do esquema imagético CONTÊINER, juntamente com outros esquemas imagéticos, afetam a aceitabilidade do uso da preposição em determinados contextos, ou seja, os esquemas imagéticos não são simplesmente abstrações sem vínculo com o concreto nem somente fatos de experiência sensório-motora desprovido de sentido, eles constroem de forma significativa a estrutura conceptual humana, premissa em acordo com a tese da corporificação do sentido.

1.2.3 Propostas de classificação dos esquemas imagéticos

Apresenta-se abaixo a lista de esquemas imagéticos segundo proposta de Clausner e Croft (1999), também apresentada em Croft e Cruse (2004, p. 45). A lista é parcial, e foi organizada de acordo com a literatura sobre esquemas imagéticos. A tradução apresentada segue a sugestão feita por Muniz (2006, p. 72), com algumas alterações.

Os esquemas imagéticos estão agrupados de acordo com a base experiencial (*experience ground*) de cada um, segundo a proposta inicial de Clausner e Croft (1999).

Evans e Green (2006, p. 190) também sugerem uma lista de esquemas imagéticos montada a partir da proposta de Clausner e Croft, entretanto, com algumas modificações, como a inclusão do esquema LOCOMOÇÃO (LOCOMOTION) e EQUILÍBRIO entre as bases experienciais de outros esquemas imagéticos.

Quadro 1 – Classificação dos Esquemas imagéticos

SPACE (Esquemas de ESPAÇO)	UP-DOWN, FRONT-BACK, LEFT-RIGHT, NEAR-FAR, CENTER-PERIFERY, CONTACT (EM CIMA-EM BAIXO, FRENTE-ATRÁS, ESQUERDA-DIREITA, PRÓXIMO-LONGE, CENTRO-PERIFERIA, CONTATO)
SCALE (Esquema de ESCALA)	PATH (PERCURSO)
CONTAINER (Esquema de CONTÊINER)	CONTAINMENT, IN-OUT, SURFACE, FULL-EMPTY, CONTENT (CONTENÇÃO, DENTRO-FORA, SUPERFÍCIE, CHEIO-VAZIO, CONTEÚDO)
FORCE (Esquema de FORÇA)	BALANCE, COUNTERFORCE, COMPULSION, RESTRAINT, ENABLEMENT, BLOCKAGE, DIVERSION, ATTRACTION (EQUILÍBRIO, CONTRA FORÇA, COMPULSÃO, RESTRIÇÃO, DESBLOQUEIO, BLOQUEIO, DESVIO, ATRAÇÃO)
UNITY/MULTIPLICITY (Esquema de UNIDADE/MULTIPLICIDADE)	de MERGING, COLLECTION, SPLITTING, ITERATION, PART-WHOLE, MASS-COUNT, LINK (FUSÃO, COLEÇÃO, SEPARAÇÃO, REITERAÇÃO, PARTE-TODO, INCONTÁVEL-CONTÁVEL, LIGAÇÃO)
IDENTITY (Esquema de IDENTIDADE)	MATCHING, SUPERIMPOSITION (COMBINAÇÃO, SOBREPOSIÇÃO)
EXISTENCE (Esquema de EXISTÊNCIA)	REMOVAL, BOUNDED SPACE, CYCLE, OBJECT, PROCESS (REMOÇÃO, ESPAÇO DELIMITADO, CICLO, OBJETO, PROCESSO)

Fonte: (CLAUSNER; CROFT, 1999; CROFT; CRUSE, 2004)

Vale ressaltar aqui, a questão levantada por Oakley (2007) sobre o número de esquemas imagéticos e a possibilidade de haver esquemas imagéticos mais prototípicos que

outros ou uma sobreposição de esquemas imagéticos formando uns mais complexos a partir de outros mais simples. A sugestão dada pelo autor para a possibilidade de agrupar os esquemas imagéticos viria das pesquisas em neurociência - sobre o desenvolvimento ontogenético e filogenético do ser humano, a exemplos dos trabalhos feitos por Mandler (apud OAKLEY, 2007, p. 230). Esses trabalhos têm dado mostras de como na aquisição da linguagem alguns esquemas se mostram mais prototípicos e recorrentes que outros, ou mesmo havendo uma indistinção entre aqueles esquemas imagéticos que seriam mais básicos e outros mais simples. Essas pesquisas em psicolinguística seriam alternativas para um possível mapeamento dos esquemas imagéticos mais básicos na construção do sentido.⁹

Tomando uma outra linha de análise, não pautada em resultados de aquisição da linguagem como sugerido por Oakley, mas baseada no uso, ou seja, *corpora*, alguns trabalhos como os de Peña (1999; 2008) e Santibáñez, (2002) têm proposto um sistema de dependência entre esquemas imagéticos partindo de estudos relacionados à teoria da metáfora e metonímia conceituais e outros relacionados à polissemia de preposições. Nesses trabalhos, o objetivo é mostrar as diversas bases experienciais que permitem a elaboração dos níveis de categorização dos esquemas imagéticos, confirmando o que os estudos em psicolinguística e aquisição da linguagem, que se valem da teoria dos esquemas imagéticos, advogam sobre a possível hierarquia experiencial entre eles. Toma-se como referência para apresentação da proposta de um sistema de dependência de esquemas imagéticos o trabalho de Peña (2008) por ser o mais recente e devido aos trabalhos anteriores tratarem de esquemas imagéticos específicos, como o de FORÇA, em Peña (1999) e OBJETO em Santibáñez (2002). No artigo publicado no *Journal of Pragmatics*, Peña oferece uma abordagem mais geral e que abarca praticamente os esquemas imagéticos conhecidos e apresentados nos dois principais trabalhos

⁹ Em nota de rodapé, Alvaro (2008, p. 76) atenta para a possibilidade de haver uma rede polissêmica de esquemas imagéticos ao atentar para as constatações de Johnson sobre a prototipicidade do esquema EQUILÍBRIO, traduzido por ela por BALANÇO (do inglês *balance*). Talvez o trabalho de Peña (2008) publicado recentemente seja a rede polissêmica mencionada por Alvaro (2008) em sua tese.

fundadores desse conceito em Linguística Cognitiva, Johnson (1987) e Lakoff (1987).

A autora sugere três tipos de relação subsidiária entre esquemas imagéticos:

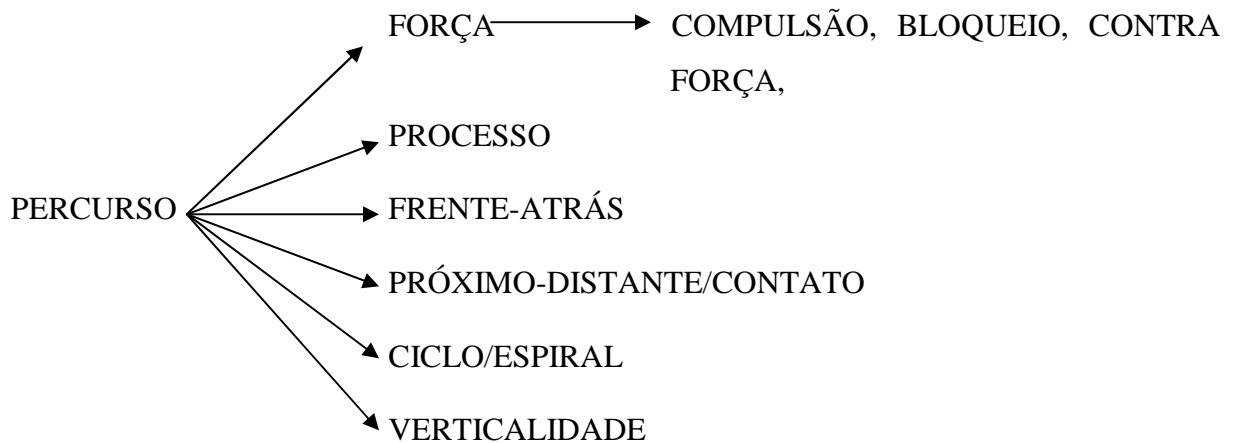
- a) dependência conceptual (*conceptual dependency*): refere-se ao fenômeno no qual um modelo cognitivo, nas palavras da autora, isto é, um esquema imagético, necessita de outro para desenvolver sua estrutura e lógica internas. Os exemplos dados são os esquemas ATRAÇÃO, que depende conceptualmente do esquema COMPULSÃO e os esquemas CONTRA FORÇA e DESVIO que dependem de BLOQUEIO;
- b) derivação/vínculo lógico(o) (*logical entailment*): dá-se quando se constrói uma expressão que envolve um esquema imagético que tenha algum vínculo lógico com parte da lógica interna do esquema da categoria precedente imediata na hierarquia. Como exemplos, a autora apresenta os esquemas DESBLOQUEIO (*ENABLEMENT*) como de vínculo lógico com o esquema REMOÇÃO, e os esquemas CHEIO-VAZIO e EXCESSO como vínculos lógicos do esquema CONTÊINER; e
- c) enriquecimento/ intensificação (*enrichement*): neste caso, a autora baseia-se em Ruiz de Mendonza (1998) e propõe que esse tipo de subsídio entre esquemas imagéticos se dá quando um esquema imagético tem uma base experiencial, ou *experience ground* em Clausner e Croft, (1999), mas se vale inevitavelmente, mesmo que de forma parcial, de outro esquema imagético que tem uma base experiencial diferente. O exemplo apresentado é o seguinte: “*He went into trouble when his father died*”, no qual o esquema CONTÊINER é subsidiado pelo esquema PERCURSO (PEÑA, 2008, p. 1043).

Em rápidas palavras, os dois primeiros tipos de dependência (*subsidiarity*) entre esquemas se dão na mesma hierarquia de esquemas imagéticos e são restritos a essa hierarquia, enquanto o último tipo pode se dar entre esquemas de uma mesma hierarquia ou não. O exemplo mais comum é entre os esquemas CONTÊINER e PERCURSO. Ressalte-se que a autora considera todos esses tipos de relação como dependência conceptual, apesar da

particularidade do último tipo.

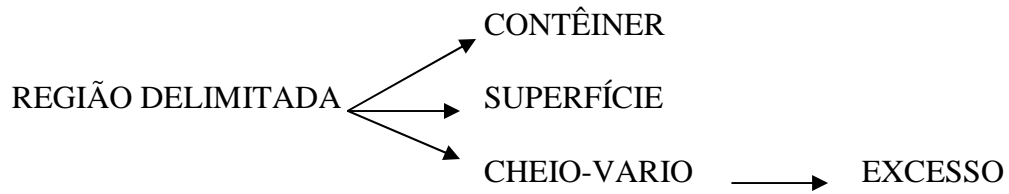
Peña (2008) desenvolve seu modelo de dependência conceitual entre esquemas imagéticos buscando identificar os elementos imediatos de cada esquema e sua lógica interna, por fim atribui a quatro esquemas o nível mais alto na hierarquia: REGIÃO DELIMITADA,¹⁰ PERCURSO, PARTE-TODO e LIGAÇÃO. Este último é tratado à parte por, segundo a autora, não estar associado a um esquema particular, mas fazer parte como um elemento adicional na descrição de outros padrões (PEÑA, 2008, p. 1064). Abaixo, os gráficos apresentados buscam relacionar os esquemas imagéticos e a dependência deles pelos quatro já mencionados. As setas tentam indicar que os esquemas apontados são dependentes do esquema que os precedem:

Quadro 2 - Esquema imagético PERCURSO e esquemas dependentes

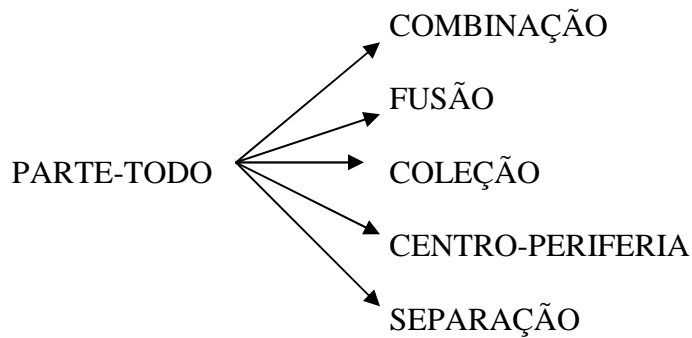


¹⁰ Esquema imagético sugerido por Peña como mais abrangente que CONTÊINER e que também abarcaria em sua lógica interna o esquema SUPERFÍCIE. Mais adiante, no Capítulo 4, esse esquema será tratado com mais detalhe.

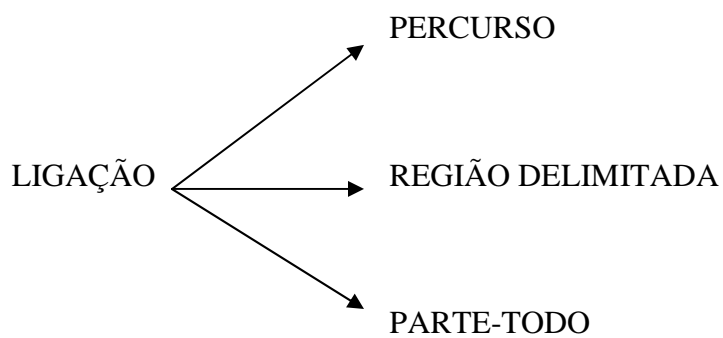
Quadro 3 - Esquema imagético REGIÃO DELIMITADA e esquemas subsidiados



Quadro 4 - Esquema imagético PARTE-TODO e esquemas subsidiados



Quadro 5 – Esquema imagético LIGAÇÃO e esquemas em dependência conceptual



Tentativas como essa de Peña (2008) de agrupar, classificar os esquemas imagéticos, são mais um exemplo da sua natureza dinâmica, confirmando a afirmação de Langacker (2008, p. 33): “Still, there has been some vagueness about the notion of image schemas, their inventory, and the criteria for identifying them. I am not at all sure that the examples commonly cited (of image schemas) form a coherent or naturally delimited class.” Entretanto, o tipo de dependência proposto por Peña (2008), mesmo que não cubra ou dê conta de todas as relações possíveis entre os esquemas ou modelos cognitivos, se coaduna com o caráter dinâmico que eles apresentam e apresenta algumas das possíveis relações entre diversos esquemas.

Na próxima seção, esse caráter dinâmico e as transformações entre esquemas imagéticos são detalhados.

1.2.4 Transformação de esquemas imagéticos e a dinâmica das transformações

Uma das propriedades de suma importância para se entender a lógica da atuação dos esquemas imagéticos na conceptualização e na linguagem é o caráter dinâmico deles. Levantam-se aqui alguns questionamentos que deverão reaparecer no momento da análise, já que um dos pressupostos tomados para a análise a ser feita mais adiante será quanto às transformações e relações existentes entre esquemas imagéticos. Dewell (2005, p. 370) chama a atenção para a desconsideração quanto aos padrões dinâmicos da estrutura dos esquemas imagéticos discutidos na literatura cognitivista. O autor se propõe então a fazer uma retomada das noções dadas por Johnson (1987) quanto ao caráter intrinsecamente dinâmico dos esquemas imagéticos, pois para ele, a impressão é que, pela forma como são tratados na literatura, os esquemas imagéticos acabam por ser vistos como estáticos, já que a sua face dinâmica não é enfatizada.

Interessante que, desde a primeira lista sobre transformações de esquemas imagéticos, no famoso estudo da preposição *over* feito por Lakoff (1987), até a lista apresentada no *The Oxford handbook of cognitive linguistics* por Oakley (2007, p. 217-8), no capítulo dedicado aos esquemas imagéticos, os exemplos de transformações de esquemas imagéticos são sempre os mesmos (GIBBS; COLSTON, 2006, p. 242). Abaixo são apresentadas as quatro transformações de esquemas imagéticos comumente citadas:

- a) De foco no percurso para o final do percurso: na situação em que ao invés do percurso de um objeto, o foco de atenção recai no ponto final do percurso ou onde o objeto irá parar;
- b) De múltiplos para massa (de grupos de objetos contáveis para não contáveis ou massa): imagine um grupo de objetos, como por exemplo um rebanho, afaste-se até o ponto em que os animais, no caso de bovinos, comecem a não ser mais percebidos como indivíduos, mas como uma massa homogênea. A transformação inversa é possível de massa para múltiplos fazendo o sentido contrário;
- c) Seguir uma trajetória: neste caso, a transformação se dá entre um objeto em movimento contínuo e a capacidade que se tem de transformar um movimento de dimensão zero, por exemplo, um ponto que se move, em um objeto de uma dimensão, no caso uma reta perfazendo um percurso, o que possibilita se fazer mentalmente a trajetória do objeto e até mesmo refazê-la;
- d) Sobreposição: imagine um cubo e uma esfera, aumente, mentalmente, o tamanho do cubo de forma que a esfera fique contida no cubo, em seguida diminua o tamanho do cubo de forma que a esfera fique contida no esfera. Essas transformações são exemplos de como é possível a alternância entre um TR e um MR.

(LAKOFF, 1987, p. 442-3)

Esses são os exemplos mais comuns, apesar de os mesmos autores alertarem para a existência de muitos outros casos de transformações. Gibbs e Colston (2006) dão como

exemplo a possibilidade de transformação do esquema imagético INCONTÁVEL (MASS) para o de EQUILÍBRIO (BALANCE) no caso de como um vaqueiro que “experiencia” o seu rebanho, quando não está disperso pelo pasto, como incontável. Há uma sobreposição, ou seja, transformação, no mesmo sentido usado por Lakoff, do esquema EQUILÍBRIO no esquema INCONTÁVEL, ou seja, se o rebanho é visto como uma massa na qual não se distinguem os animais individualmente, o mesmo está em ordem. A dispersão do rebanho acarretaria uma transformação de esquema de INCONTÁVEL para CONTÁVEL suscitando ao mesmo tempo o pólo negativo do esquema de EQUILÍBRIO, nesse caso, desequilíbrio ou desordem.

Nesse ponto, é possível perceber que, das leituras feitas até o momento, é comum alguns autores alternarem a terminologia utilizada ao tratarem sobre as transformações de esquemas imagéticos. Eles ora usam o termo transformação ora ativação de esquemas imagéticos, o que demonstra que a própria dinamicidade dos esquemas imagéticos ainda precisa ser mais bem entendida. Nesse caso, parece que a dúvida é quanto ao fato de haver realmente transformações de esquemas imagéticos, isto é, um esquema se transforma em outro, ou por questão de dependência, no caso da proposta de Peña (2008) apresentada acima, em certas ocasiões um esquema é instanciado ou ativado, devido aos vários tipos de relações de dependência conceptual existente entre eles. O que se quer com isso é chamar a atenção para o caráter dinâmico dos esquemas imagéticos, argumentação que serve de base para este trabalho, e por isso, a referência ao trabalho de Peña (2008).

A referência ao trabalho de Dewell (2005) se torna oportuna já que esse autor advoga um retorno às primeiras conceituações de esquemas imagéticos em Johnson (1987) e sobre a característica de serem eles padrões dinâmicos da experiência, apesar de apresentados de forma estática. O autor parte da análise do esquema de CONTENÇÃO para construir seus argumentos. Para ele, o esquema de CONTENÇÃO, geralmente apresentado na literatura

como a figura abaixo, retirada de Dewell (2005, p. 377), desconsidera qualquer tipo de operação que venha a fazer parte da lógica interna do esquema:

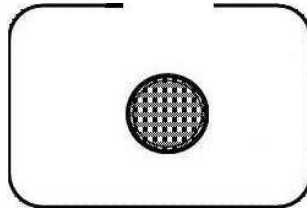


Figura 4 – representação do esquema imagético CONTENÇÃO

Diante de uma representação como esta, a natureza dinâmica de uma contenção, da forma como é experienciada nos primeiros anos de vida, de acordo com estudos psicolinguísticos e da psicologia do desenvolvimento (DEWELL, 2005, p. 373), deixa de fora outros processos necessários para a experiência de contenção, quais sejam, as experiências de introdução (*entry*) e inclusão (*enclosing*). Isso implica numa característica de como os esquemas imagéticos formados ao longo do desenvolvimento cognitivo são verdadeiramente formados, a partir de padrões altamente dinâmicos.

Dewell sugere então a forma como o esquema de CONTENÇÃO deveria ser reproduzido, partindo da experiência de algo que é introduzido (um TR movimenta-se até o interior de uma região) e ao mesmo tempo é enclausurado, isto é, fechado (nesse caso, o MR também tem algo de dinâmico). O exemplo que ele dá é a imagem de uma criança levando comida á boca, como ilustrado abaixo:

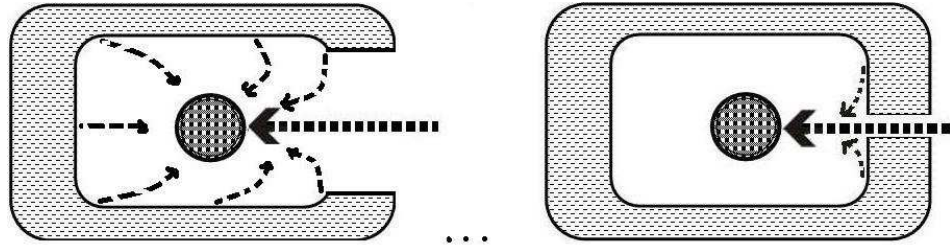


Figura 5 - Esquema de CONTENÇÃO como entrada e inclusão

Por fim, apresenta a forma como deve ser um esquema de CONTENÇÃO, mostrando que os vetores na região interna do MR implicam na estrutura interna e dinâmica do esquema CONTENÇÃO assim como de todos os outros esquemas.

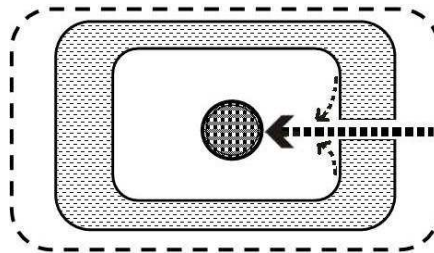


Figura 6 Contenção esquemática

Entretanto, as representações dos esquemas imagéticos são as mais diversas, e mesmo Oakley (2007) chama a atenção para o fato de que o modo de representar os esquemas pode em alguma medida interferir na forma de interpretar os dados. De qualquer forma, a sugestão de Dewell (2005) apresentada rapidamente aqui, reforça o padrão dinâmico dos esquemas imagéticos, característica que se deve levar em conta numa análise que faça uso dessa teoria. Na próxima seção, são apresentadas outras teorias relacionadas aos esquemas imagéticos, não de forma exaustiva, apenas para que se tenha uma breve idéia da importância e das implicações da teoria dos esquemas imagéticos no corpo teórico da Linguística Cognitiva e disciplinas de fronteira, como a psicologia cognitiva e antropologia cognitiva.

1.3 Algumas teorias relacionadas aos esquemas imagéticos

Pelo caráter básico no sistema conceptual humano, é de se esperar que os esquemas imagéticos também sejam imprescindíveis para outros processos cognitivos mais complexos, é o caso, por exemplo, da teoria dos modelos cognitivos idealizados (MCIs) desenvolvida por Lakoff (1987), e das metáforas conceituais, apresentada em livro em 1980 (LAKOFF; JOHNSON, 2003).

Os modelos cognitivos idealizados são formas de categorizar a realidade da qual os falantes lançam mãos (o léxico é entendido como um meio de categorizar a realidade, em Ilari et alii, no prelo). O exemplo clássico em lingüística cognitiva é o de solteirão, de uma pessoa de certa idade, homem e não casado, que para ser entendido faz uso de modelos cognitivos idealizados presentes em sociedades nas quais o casamento a partir de uma certa idade é o comportamento esperado, categoriza a realidade da forma como é percebida pelos indivíduos que fazem uso de tal MCI. Entretanto, para um modelo cognitivo idealizado como o da igreja Católica, na qual o papa é homem, de uma certa idade e não é casado, o MCI de solteirão não faz sentido. Diversos outros MCIs, principalmente os relacionados ao espaço ou extensões do espaço para o tempo, fazem uso dos construtos de esquemas imagéticos, conforme Evans e Green (2006, p. 280). Como exemplo, a forma como a idéia de futuro e passado são categorizados como algo que está à frente ou atrás deve-se particularmente ao esquema imagético FRENTE-ATRÁS.

Na teoria da metáfora e metonímia conceituais, a idéia principal é a de que as estruturas semântica e conceptual humanas operam na base de extensões metafóricas ou metonímicas, indo de um domínio fonte (*source domain*) para um domínio alvo (*target domain*). Em rápidas palavras, as metáforas conceituais são entendidas como operações realizadas entre domínios conceituais diferentes, como por exemplo, tempo e espaço,

enquanto para a metonímia as operações seriam realizadas num mesmo domínio. Abaixo, um exemplo de uma metáfora conceitual (GRADY, 2007, p. 191):

O AMOR É UMA VIAGEM

Para o qual o amor é conceitualizado como uma viagem com seus obstáculos e um ponto de partida e outro de chegada, o que leva a expressões como: “Nosso amor chegou ao fim” ou “A relação deles está atravessando uma tormenta”, etc. Nesses exemplos, do domínio espacial, de uma viagem, por meio de metáfora o falante mapeia a mesma “lógica” para o domínio afetivo. No exemplo acima, é patente o uso do esquema imagético PERCURSO. Para esses casos, Lakoff argumenta que há um princípio chamado por ele de Princípio da Invariância em que a estrutura do domínio fonte não é violada ao ser mapeada para o domínio alvo, porém, Oakley (2007) atenta para o fato de que tal princípio não é totalmente aceito por outros autores.

Langacker (2008, p. 32) também defende o uso dos conceitos consequentes da teoria dos esquemas imagéticos para sua teoria de Gramática Cognitiva, enquanto para a proposta da Gramática de Construções Corporificada (*Embodied Construction Grammar*) de Bergen e Chang (2005), tal conceito é primordial.

Por fim, já é possível encontrar, em português, trabalhos dedicados ao assunto ainda que não sejam tão significativos em quantidade como em outras línguas. Para uma rápida apresentação de trabalhos que se valem da noção de esquema imagético, principalmente para o tratamento de questões relacionadas à polissemia, veja-se Oakley (2007, p. 219-223). Em português, foi possível o acesso aos seguintes trabalhos, que mais diretamente recorrem ao uso do conceito de esquemas imagéticos: Alvaro (2008) para a preposição *até* como

escalarizador; Grenfel (2004) sobre locuções prepositivas; Silva (1999) sobre o verbo *deixar*; Pinheiro (2007) para as construções locativas no português do Brasil; Oliveira (2007a, 2007b, em preparação) para a preposição *sob* e *em*.¹¹

¹¹ Muniz (2006), também faz uso da teoria de esquemas imagéticos, mas aplica para o estudo de verbos frasais do inglês.

CAPÍTULO 2 AS PREPOSIÇÕES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

2.1 A classe de palavras preposição no português brasileiro

Como discutido na GPFB (no prelo),¹² a classe de preposições é geralmente apresentada pela gramática tradicional a partir de critérios que enfocam ou a forma ou a função. Se focalizada a forma, as preposições serão classificadas como simples (*a, contra, de, em, etc.*) e complexas (*a respeito de, em cima de, em oposição a, etc.*). Se focalizada a função, elas serão essenciais, que funcionam sempre como preposições (*a, contra, de, em, para etc.*), e as acidentais (*durante, exceto, embaixo, segundo*). Como se vê, critérios sintáticos e morfológicos são tomados como critérios para a definição dessa categoria gramatical.

É também já bastante apregoado pela gramática tradicional que a classe das preposições é uma classe fechada, em contraste com as classes abertas como substantivos e adjetivos, que recebem mais facilmente novos membros à classe. Nos termos da Gramática Gerativa, elas são classificadas como preposições lexicais ou funcionais, tomando para isso o critério de determinada preposição ser introdutora de argumentos ou adjuntos. Merece menção o fato de que comumente a classe de preposições é denominada pela expressão *palavras vazias de sentido* (GOMES, 1996; VIEGAS, 2008).

Pelo exposto, vê-se como é difícil a adoção de critérios seguros para a definição da classe das preposições, quanto mais para aquelas consideradas locuções preposicionais, objeto de estudo de Grenfel (2004). Neste momento, a proposta dos autores da CPF (no prelo) chama a atenção por considerar o uso de cada preposição, a frequência delas como também questões relacionadas à diacronia e sincronia, ou seja, parte da Teoria da Gramaticalização para uma provável classificação.

¹² *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, de Ilari et al (no prelo), conforme nota de rodapé 1 à página 10.

Ao observar a diferença na frequência do uso de cada preposição e ver que as preposições *de*, *em*, *para* e *a* respondem por 80% no total de ocorrências de preposições no *corpus* do NURC¹³ - além da possibilidade de determinadas preposições poderem fazer parte de processos morfofonológicos como no exemplo: *em* + *o* = *no*, índices do grau de gramaticalização das mesmas preposições, os autores classificam as preposições do português em mais gramaticalizadas e menos gramaticalizadas. Para os autores, ao se considerar o processo de gramaticalização de cada item preposicional seria mais fácil diferenciar aqueles de maior produtividade na língua daqueles que já estão em processo de extinção ou desuso.

Segue abaixo o quadro com a proposta de classificação das preposições a partir da gramaticalização, conforme proposto na GPFB:

Quadro 6 Classificação das preposições do português brasileiro

menos gramaticalizadas	mais gramaticalizadas
(-) ←	→ (+)
GRAMATICALIZAÇÃO	
<i>contra</i> < <i>sem</i> < <i>até</i> < <i>entre</i> <i>sobre</i> <i>sob</i>	<i>por</i> < <i>com</i> < <i>a</i> < <i>em</i> < <i>de</i> <i>para</i>

Fonte: GPFB (no prelo)

Conforme a proposta dos autores, a preposição *contra* é a menos gramaticalizada, enquanto a preposição *de* é a mais gramaticalizada. Já *a* e *para*, como também *até*, *sobre* e *sob* estão alocadas num mesmo nível. Nas próprias palavras dos autores:

A seta bidirecional na segunda linha indica que a gramaticalização deve ser entendida como um *continuum*, não como uma alternativa bipolar. A seta unidirecional da terceira linha indica a gradação da gramaticalização. Verifica-se que as preposições mais gramaticalizadas:

- podem mais facilmente ser amalgamadas a outros elementos lingüísticos;
- possuem valor semântico de mais difícil apreensão;
- podem funcionar como introdutoras tanto de argumentos como de adjuntos do verbo; e

¹³ Projeto Norma Urbana Culta, *corpus* utilizado pelos pesquisadores da GPFB.

- são mais freqüentes que as menos gramaticalizadas.

Tal classificação em que se leva em conta o grau de gramaticalização de cada item preposicional apresenta a vantagem de “localizar” uma determinada preposição no rol dos seus variados usos, além de identificar os variados sentidos adquiridos no seu processo de gramaticalização. Pelo quadro apresentado acima, as preposições de enfoque neste trabalho: *para* e *em*, são duas das mais gramaticalizadas, seguidas da preposição *de*. Dentre algumas características apontadas como fatores que indicam um grau alto de gramaticalização estão o variado uso e emprego de um mesmo item em diversos contextos, incluindo aí a **alternância** de uma preposição por outra sem alteração de sentido ou alterações sutis (VIEGAS, 2008); a possibilidade de amálgama de algumas preposições, entre outros.

Além dessa primeira classificação das preposições do PB a partir da Teoria da Gramaticalização, Ilari *et al* (no prelo) também se preocupam com uma classificação das mesmas a partir da representação do espaço na língua operada pelas preposições. Para isso os autores fazem uso de pressupostos da Linguística Cognitiva dentre eles o conceito de esquemas imagéticos e modelos cognitivos idealizados, além de verificar os usos mais comuns diacronicamente e apontar possíveis vestígios em um determinado uso.

Na próxima subseção, as preposições do PB são apresentadas sob a ótica dos autores da GPFB, a partir de um enfoque cognitivo.

2.2 Preposições sob o enfoque cognitivo

Pela importância dada ao papel do sistema conceptual humano nas representações cognitivas, muitos trabalhos têm se beneficiado do arcabouço teórico da Linguística Cognitiva para o estudo de questões voltadas para a semântica do espaço nas línguas (SLATEV, 2007). Os estudos sobre polissemia e semântica das preposições tornam-se, no Empreendimento

Cognitivo em Lingüística, um campo amplo para análises, desde as questões relacionadas à semântica histórica aos estudos de processamento da linguagem natural (RUDZKA-OSTYN, 1988; BLANK; KOCH, 1999).

Pela natureza primordialmente espacial e pelo caráter altamente polissêmico da categoria preposição, vários autores se utilizaram principalmente das noções de esquemas imagéticos, modelos cognitivos idealizados e teoria dos protótipos, entre outras, para dar conta da gama de dificuldades encontradas na análise da hiper-polissemia das preposições, tanto em línguas específicas como em estudos trans-lingüísticos (HICKMANN; ROBERT, 2006). Não é diferente o caráter dado à análise da classe de preposição no português adotado na GPFB (no prelo).

O Capítulo “A Preposição” da GPFB a ser apresentado aqui, serviu como ponto de partida para as primeiras reflexões sobre a semântica de *para* e *em* nos contextos diretivos e locativos. A organização do Capítulo sobre preposições da GPFB em seis seções abrange diversos temas relacionados ao tratamento dessa classe de palavras esquecida ou subestimada na maioria das análises produzidas até então sobre o português do Brasil, segundo os autores. A seção três do capítulo trata basicamente da estruturação do espaço no português, seguindo uma perspectiva onomasiológica.¹⁴ Já a quarta seção trata das dez preposições mais frequentes no *corpus* do Projeto Norma Urbana Culta - NURC, sendo apresentados um ou vários esquemas imagéticos na produção do sentido de cada item preposicional. A seção cinco trata basicamente da questão dos papéis temáticos, ou seja, se as preposições atuam ou não na expressão de caso em português. O que os autores defendem é que as preposições sozinhas não podem ser apontadas como as responsáveis pela expressão de caso. A sexta e última seção trata das chamadas locuções prepositivas e das frases feitas, com ênfase na

¹⁴ Ao final da seção 2 do Capítulo Preposição da GPFB, é apresentada a distinção entre as duas orientações nos estudos da Semântica Histórica, a “onomasiológica” e a “semasiológica”. Aquela partiria dos sentidos para as formas, enquanto esta das formas para os sentidos. Em Silva (2005) há uma apresentação detalhada sobre essas perspectivas de análise.

dinamicidade da classe de preposições, que não é a mesma das classes ditas abertas como nomes e verbos.

Os autores, além da classificação apresentada anteriormente para as preposições do português a partir do estágio de gramaticalização, assumem haver quatro principais esquemas imagéticos que cobrem parte da rede polissêmica das preposições do português brasileiro. Os autores do capítulo sobre preposição na GPFB sugerem a seguinte tipologia das preposições do português a partir dos esquemas imagéticos que cada uma ativar, conforme quadro reproduzido aqui:

Quadro 7 - Tipologia das preposições e seus esquemas imagéticos

1) Esquema do trajeto:	2) Esquema de em cima / embaixo :	3) Esquema da caixa:	4) Esquema da ligação (ou presença simultânea num mesmo espaço):
<p><u>Dinâmico</u> (indica o deslocamento do elemento): (i) origem: <i>de/desde</i>; (ii) percurso: <i>por</i>; (iii) destino: <i>a / para</i>. (iv) limite final do destino: <i>até</i>.</p> <p><u>Estático</u> (indica a posição do elemento): (i) anterior: <i>ante, perante</i>; (ii) no meio: <i>entre</i>; (iii) posterior: <i>após, trás</i>.</p>	<p>(i) em cima: <i>sobre</i>; (ii) embaixo: <i>sob</i>.</p>	<p><i>em</i> (dentro)</p>	<p><i>com / sem</i></p>

Fonte: GPFB (no prelo)

Os autores também admitem que nem todas as dimensões espaciais estão cobertas por essa tipologia, para as quais, locuções prepositivas supririam a lacuna. Mais adiante, na seção sobre a representação do espaço e as preposições do PB, em concordância com Cifuentes, encaram as preposições como “predicação de relacionais”, ou predicados que “perfilam uma relação entre duas entidades”.

Em gramática cognitiva, as preposições são entendidas como expressões relacionais, já que expressam como o conceitualizador configura as partes que constituem um cena espacial com respeito a outra (...) Assim, pois, as preposições, na qualidade de predicacões relacionais, perfilam uma relação entre duas entidades segundo uma base. A base é aquela parte do esquema que está no escopo da predicacão que é conceitualmente coberta”. Cifuentes (2001: 103-104; grifos nossos).

Retomam-se aqui as operações entre os dois construtos mencionados antes, entre TR e MR, na terminologia de Langacker (1987, 2008), sendo que os autores da GPFB parecem preferir a terminologia de Talmy (2003a; 2003b), FIGURA e FUNDO, mas mencionam também que os mesmos podem ser denominados OBJETO EM FOCO e TERMO DE REFERÊNCIA e subdividem as predicacões realizadas pelas preposições como de primeira e segunda ordem, em que um SP está encaixado num SN, no primeiro caso, ou um SP está encaixado num SV, para o segundo caso, conforme os exemplos: **livro** sobre a mesa e **veio** de casa (o elemento em negrito e sobescrito representa o TR enquanto o elemento em sobescrito mas sem negrito representa o MR, neste caso, o TR pode ser tanto um objeto como um processo).

Na seção sobre a representação do espaço na língua e as preposições, os autores dão a seguinte distribuição das preposições do PB, considerando a configuração do espaço em cinco eixos:

- A) Eixo espacial horizontal: orientação lateral *à esquerda de, à direita de*. O eixo horizontal implica na imagem do percurso, do deslocamento, assinalado pelos traços /PONTO INICIAL, ORIGEM/: *de, desde, a partir de*; /PONTO MEDIAL/: *por, no meio de*; /PONTO FINAL, META/: *a, para, até, contra*.
- B) Eixo espacial vertical: /SUPERIOR/: *sobre, por cima de, em cima de*; /INFERIOR/: *sob, embaixo de, por baixo de, debaixo de*.
- C) Eixo espacial transversal: /ANTERIOR/: *ante, antes de, diante de, em frente de, em face de, defronte de, defronte a, à frente de*; /POSTERIOR/: *atrás (de), por trás de, após, depois (de), em pós de*. Liga-se a este eixo a categoria de TEMPO, associando-se imagetivamente o espaço anterior para o qual nos dirigimos ao futuro, e o espaço posterior de que nos afastamos ao passado.

- D) Eixo espacial da proximidade: /PROXIMAL/: *perto de, acerca de, a cabo de, junto de, a par de, em presença de, à beira de*; /DISTAL/: *longe de, distante de*.
- E) Eixo espacial da abrangência: /DENTRO/: *em, com, entre, dentro de, em meio de, em meio a*; /FORA/: *sem, fora de, na ausência*.

Interessante que mais adiante, os autores ao tratar do Eixo horizontal, incluem entre as preposições do PONTO FINAL, a preposição *em*, conforme quadro abaixo reproduzido:

Quadro 8 – Preposições do eixo horizontal

PONTO INICIAL	PONTO MEDIAL	PONTO FINAL
<i>de, desde, a partir de</i>	<i>Por, no meio de</i>	<i>a, em, para, até (a), contra</i>

Fonte: GPFB (no prelo)

Em seguida à classificação de cada preposição nos Eixos espaciais mencionados, os autores se utilizam de toda a seção três do capítulo na exemplificação de cada item com exemplos retirados do *corpus* do NURC. Enquanto nesta seção, os autores se valem mais da noção de FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA para apresentar a forma como as preposições são utilizadas em português para tratar a semântica do espaço, é na seção seguinte, sobre o sentido e distribuição das preposições mais comuns que os autores fazem uso da noção de esquemas imagéticos para tratar da semântica particular de cada item preposicional. Dessa forma, para a preposição *de* será sugerido o esquema imagético de “extração/origem”; para os valores semânticos da preposição *com*, comitativo e modo, os autores falam de um esquema imagético de “concomitância”; a preposição *por* recebe os esquemas imagéticos de “passagem”, “troca” e “inclinação”, entre outros esquemas geralmente denominados de esquemas cognitivos quase sempre em relação a um modelo cognitivo (MCIs). O Capítulo se encerra com uma discussão acerca do estatuto categorial das locuções prepositivas do português brasileiro, dando demonstrações da dinâmica da classe de

preposições e algumas pistas de como decidir sobre a definição de uma locução prepositiva e as implicações teóricas para isso.

O Capítulo da GPFB ora apresentado tem o mérito de abranger de uma forma coesa diversos aspectos das preposições do português brasileiro, além de buscar um tratamento de forma sistemática de questões relativas à semântica do espaço, ainda pouco exploradas em português.

Antes de iniciar a discussão sobre a alternância entre as preposições *para* e *em*, convém aqui uma apresentação mais detalhada acerca dessas duas preposições. Para tanto, parte-se do mesmo trabalho da GPFB e o trabalho diacrônico de Poggio (2002).

2.2.1 As preposições *para* e *em* no português brasileiro

Para o caso da origem etimológica de *para* e *em* no português brasileiro, o trabalho de Poggio (2002) oferece uma rica análise para as duas preposições, desde a origem no latim aos primeiros usos em português arcaico.¹⁵ Poggio sugere que o sentido da preposição *em* deve provavelmente vir do latim *in*, tendo em português arcaico a forma *en* (POGGIO, 2002, p. 189). Praticamente, todos os sentidos que a preposição *em* irá adquirir em português guarda a noção de locativo, lembrando que já em latim, *in* e *ad* competiam em contextos diretivos e locativos, conforme o caso usado, ablativo ou acusativo (POGGIO, 2002; ROCHA LIMA apud BAGNO, 2001, p. 250-1).

Já quanto a origem da preposição *para*, a questão é mais polêmica. Poggio (2002) advoga, pautada nos autores consultados por ela, que essa preposição pode ter surgido das formas *per + ad* ou *póra* (*por + a*), com o sentido de direção definido. Kewits (2007, p. 22) atenta para a dificuldade de identificar a origem precisa dessa preposição.

¹⁵ Para a preposição *em*, veja-se Poggio (2002, p. 189-202), para a preposição *para*, (2002, p. 239-244).

Os autores da GPFB resumem nos seguintes trechos parte das discussões sobre a etimologia e usos das duas preposições:

Para a preposição *em*:

A preposição portuguesa *em* é proveniente da preposição latina *in*, que tinha as acepções de “**localização dentro de**” ou “**deslocamento em direção a**”, dentre outras, menos concretas e menos comuns, e portanto marcava sobretudo relações de espaço e tempo. (...) Em português a preposição *em* tomou o lugar de várias outras preposições latinas. Emprega-se *em* no lugar de *para* ou *a*, com verbos de movimento, com acepção diretiva [...] (GPFB, no prelo) (Negrito adicionado ao original)

Para a preposição *para*:

A preposição *para* é derivada da preposição latina (tardia) *pera* (ou *pora*), que é por sua vez resultado da junção de *per* + *ad* (ou *pro* + *ad*). Em latim esta preposição marcava “**percurso em direção definida**”, ao passo que em português arcaico lhe são acrescentadas as acepções de “**chegada**” e “**permanência**”. (GPFB, no prelo) (Negrito adicionado ao original)

Pelas acepções antigas das duas preposições é possível perceber que ambas já compartilhavam de configurações espaciais similares, conforme atestado no estudo na GPFB para as duas onde se acrescentou negrito no original. Mesmo que seja um pouco complicado determinar categoricamente a partir de que momento as duas preposições passaram a ter seus sentidos estendidos para outras configurações espaciais, o processo de perda dos casos do latim ao português é apenas uma das possíveis pistas, em que as preposições pediam casos indicando sentidos específicos:

As preposições latinas que “pediam” o acusativo eram sobretudo aquelas que indicavam um deslocamento em curso (*per*) ou seu ponto de chegada (*in*, *ad*); as preposições que “pediam” o ablativo eram sobretudo aquelas que indicavam origem de um movimento (*a(b)*, *de*, *ex*) ou estaticidade (*in*, *prae*, etc.). (GPFB, no prelo) (Negrito adicionado ao original)

Estudos de linha teórica diversas como os que se valem de um aparato quantitativo (PEDRÃO, 2002), da teoria da gramaticalização (KEWITS, 2007), como também diacrônico

(VIARO, 1994), podem contribuir para o entendimento do processo de evolução dos sentidos e extensões de determinada preposição. Um fato para o qual todos esses trabalhos fazem referência, direta ou indiretamente, é para o uso variável atual, principalmente entre as preposições *a*, *para* e *em* com verbos de movimento, nos sentidos de locativo e de direção (BAGNO, 2001, p. 250). Este é o assunto da próxima subseção.

2.3 Estudos sobre a regência variável do verbo *ir* de movimento e uso variável entre as preposições *a*, *para* e *em*

O hoje já clássico estudo de Mollica (1996) sobre a regência variável do verbo *ir* de movimento tornou-se referência obrigatória nos estudos posteriores sobre o mesmo tópico e/ou sobre as preposições *a*, *para* e *em*, principalmente na linha sociolinguística (ASSIS, 2006; VALLO, 2003; RIBEIRO, 2000), sendo que mesmo em trabalhos de outras abordagens teóricas, como a gerativa (FARIAS, 2006), há citação dos resultados de Mollica, apresentados como introdução ao tema. No estudo de Mollica (1996) a preocupação é com a regência considerada não-padrão do verbo *ir* de movimento com a preposição *em*. A autora busca mostrar que o uso dessa variante possui motivações funcionais e que o fenômeno de variação entre as variantes consideradas padrão, *a/para*, não se dá de forma aleatória. A autora fez uso do *Corpus Censo* formado por entrevistas de falantes do Rio de Janeiro e define grupos de fatores para a investigação variacionista.

Os dois grupos de fatores utilizados para a análise entre as variáveis *a/para*, consideradas padrão, e *em*, considerada não-padrão, comprovaram as hipóteses levantadas por Mollica (1996). Esses mesmos fatores foram utilizados nos demais estudos que se seguiram ao de Mollica. Os grupos de fatores mencionados são: configuração do espaço e grau de definitude dos SN locativos. A configuração do espaço foi especificada em [+fechado] e [-

fechado]. Mollica (1996, p. 155) define como [+fechado]: “lugar cercado, com uma entrada definida, com ou sem teto.” Assim, locativos como “escola”, “clube”, “cinema”, etc. foram considerados [+fechado]. Foram incluídos como [-fechado] os locativos que não se enquadravam no critério acima, portanto, “praia”, “cidade”, “rua”, etc. Quando a configuração do espaço era [+fechado], a variável não-padrão era favorecida, em contrapartida, na configuração do espaço [-fechado], era desfavorecida. Quanto ao grau de definitude, Mollica (1996, p. 158) relaciona o grau de definição dos referentes locativos com marcas morfo-semânticas como a presença ou ausência de *determinante* de N, juntamente com os traços *definido/não definido*. Considerando [+definido] como o referente conhecido do falante ou ouvinte, enquanto [-definido] como o referente vago ou pouco identificável pelo falante ou ouvinte. Comprovando as hipóteses apresentadas, Mollica observou que quanto maior o grau de definitude do referente locativo, mais a variável não-padrão era favorecida.

Ribeiro (2000) segue a metodologia proposta por Mollica, desta vez com um *corpus* constituído por falantes da dita norma culta, já que o estudo de Mollica foi realizado com falantes da norma dita não-culta (*Projeto Censo*). Os resultados são os mesmos que os de Mollica (RIBEIRO, 2000, p. 67). Vallo (2003) segue os estudos de Mollica e Ribeiro para tratar do mesmo fenômeno, porém na variedade de fala de João Pessoa, capital da Paraíba. Utiliza os mesmos fatores dos outros trabalhos, incluindo ainda o fator “narratividade do discurso” em seu estudo. Ainda tratando da mesma variável, Assis (2006) desenvolve pesquisa em nível de Iniciação Científica sobre a regência variável do verbo *ir* de movimento, entretanto, com *corpus* de comunidades quilombolas do Estado da Bahia, no âmbito do Projeto Vertentes coordenado por Dante Lucchesi. O trabalho de Assis chama atenção para a variedade do português selecionada para estudo, a mesma com a qual foi montado o *corpus* a ser utilizado neste estudo. A diferença do estudo de Assis é a inclusão das preposições *até* e *de*. Os resultados foram os mesmos em relação aos outros três já mencionados.

Além desses trabalhos, já mencionados, a questão do uso variável das preposições com verbo *ir* de movimento continua: Assis está dando continuidade ao seu estudo, agora em nível de mestrado e com um *corpus* de fala de variedade rural do interior da Bahia. Além dela, Adriana Gazola (2007) também desenvolve pesquisa de mestrado na perspectiva da Sociolinguística paramétrica. Entre seus objetivos está a pesquisa histórica de como a preposição *em* passou a ser utilizada com verbos de movimento no português do Brasil.

A referência inicial ao trabalho de Mollica deve-se ao fato de que os demais trabalhos na linha variacionista que se ocupam e/ou se ocuparam da mesma variável adotar os mesmos fatores apresentados pela pesquisadora no seu estudo de 1996, a *configuração do espaço* e o *grau de definitude*, chegando aos mesmos resultados obtidos no primeiro estudo de 1996. Os estudos mostram que a escolha de uso pela forma dita não padrão, a preposição *em* com verbos de movimento como o verbo *ir*, teria razões funcionais, sofrendo assim “interferência de variáveis semânticas”, nas palavras de Gryner e Omena (2004, p. 89).

Dentro do modelo gramatical advogado pelo gerativismo, a categoria preposição pode ser analisada como item introdutor de argumentos e adjuntos; neste caso, considera-se a existência de preposições lexicais e funcionais. Sob essa perspectiva, Farias (2006) busca analisar a alternância¹⁶ entre as preposições *a*, *para* e *em* com verbos de movimento como *ir* e *chegar*, no português do Brasil (PB) e português de Portugal (PE), como nos exemplos:

- (5)
- a. O João foi **a** Lisboa (PB/PE)
 - b. O João foi **para** Lisboa (PB/PE)
 - c. o João foi **em** Lisboa (PB/*PE)
 - d. O João chegou **a** Lisboa (PB/PE)

¹⁶ Utiliza-se aqui os termos “alternância” e “variação” de forma intercambiável e enfatiza-se que, apesar de terem sido alguns questionamentos de ordem variacionista o ponto de partida para esta discussão, não será apresentada uma análise variacionista, ou seja, não será discutido o estatuto ou não de variação linguística nos moldes labovianos, apesar de que os estudos na linha variacionista já realizados serem imprescindíveis para as discussões posteriores.

e. O João chegou **para** Lisboa (*PB/*PE)

f. O João chegou **em** Lisboa (PB/*PE)

(Farias, 2006 p. 215)

Na análise gerativa feita por ele para a alternância entre *a*, *para* e *em* entre o português brasileiro e o europeu, o autor não concorda com o pressuposto adotado pela sociolinguística de que essas formas estariam em variação, de acordo com os critérios levantados por Labov, por elas não serem “formas distintas de se dizer a mesma coisa”. Considerando que Farias toma muito ao pé da letra o critério laboviano de variação linguística, pois o autor não parece atentar para outro critério na configuração de um fenômeno variável que seria a adoção de uma forma “de se dizer as mesmas coisas” em concorrência com outra nos mesmos contextos (TARALLO, 1990), não querendo com isso obrigatoriamente que as duas formas sejam perfeitamente equivalentes para que haja variação. Fato bem conhecido é a utilização da preposição *para* no lugar de *a* nos contextos em que seriam esperados esta última, nos exemplos das construções dativas no PB.

Desconsiderando por hora essa colocação de Farias sobre o *status* ou não de variação entre essas preposições, o que chama a atenção em seu trabalho é o seguinte trecho para a argumentação de que o uso de *a*, *para* e *em* não constituiria um caso de variação, por não serem “formas distintas de se dizer a mesma coisa”:

Curioso, porém, é observar que os constituintes estruturais em que ocorre variação dos usos das preposições parecem ser condicionados por fatores relacionados a **representações cognitivas do espaço**, mapeadas de formas distintas em cada contexto estrutural: *configuração no espaço*, *grau de definitude*, etc., o que me faz inferir que parecem não ser formas distintas de se dizer a mesma coisa. (FARIAS, 2006, p. 219). (Negrito adicionado ao original)

Farias remete a “fatores” num nível que se reflete na estrutura linguística confirmando sua argumentação de que a alternância entre *a*, *para* e *em* no PB e PE não constituiria um caso de variação linguística de acordo com os pressupostos da sociolinguística laboviana. Como

cada forma daria uma “representação cognitiva específica” do espaço em cada construção, ou seja, ao fazer uso de uma das preposições acima o falante estaria, ao menos cognitivamente, representando o espaço de forma diferente, conseqüentemente estaria utilizando formas distintas para dizer coisas distintas¹⁷. Com isso, Farias faz uso de alguns testes usados na literatura gerativa como o “*clitic extraction*”, “*preposition-orphaning*” e “tópico selvagem” para explicar essa alternância, argumentando que uma explicação satisfatória para o fenômeno de alternância deveria vir de uma teoria lingüística que se preocupa com a estrutura lingüística, ou seja, o caráter lexical ou funcional de cada preposição juntamente com as propriedades morfossintáticas dos verbos de movimento. Chega à conclusão de que tal alternância é possível devido ao status “*halfway*” das preposições envolvidas, além das propriedades predicativas distintas em PB e PE, nos contextos estruturais construídos com os verbos de movimento *ir* e *chegar*.

Não cabe aqui fazer considerações sobre o mérito da análise gerativa feita por Farias, entretanto, pressupõe-se que dentro do modelo por ele proposto, a análise do fenômeno da alternância de preposições tenha sido satisfeita, porém o argumento para não considerar a alternância entre as preposições como um caso de variação lingüística põe em questão que “representações cognitivas do espaço” são essas, apontadas por ele, como a razão de não ser um casos variação lingüística. Obviamente, é possível presumir que nesse momento o autor não devia estar interessado em questões relacionado à semântica das preposições.

A mesma problemática foi tratada por Gärtner (2002, p. 309-312) que chama a atenção para as semelhanças no uso da preposição *em* também nas variedades de português extra-europeu, ou seja, brasileiro e as variedades africanas. O autor advoga como possível causa

¹⁷ O tratamento da variação lingüística, nos moldes labovianos, em que se leve em conta os fatores cognitivos ainda está por vir. O terceiro volume do “*Principles of Language Change: cognitive factors*”, de Labov, que tratará dos fatores cognitivos (*cognitive factors*) em seqüência aos dois primeiros volumes nos quais foram tratados os fatores sociais e internos (*social factors* e *internal factors*) da variação e mudança lingüísticas ainda está sendo aguardado, porém, não se sabe até que ponto a abordagem a ser dada por Labov levará em conta questão da representação conceitual do significado ou algum contato com a abordagem feita na linha cognitivista.

para essa “extensão funcional da preposição em”, os contatos lingüísticos entre o português e línguas africanas, nomeadamente as do grupo banto. Para tanto, o autor vale-se de estudos que mostram a indistinção nas línguas bantas na expressão de lugar *onde* e lugar *aonde*.¹⁸ Bagno (2001, p. 250) dedica algumas páginas ao tema e argumenta, baseado nos estudos de Mollica (1996), que o uso da preposição *em* com verbo de movimento há muito tempo faz parte da norma dita padrão do português brasileiro, apesar da gramática normativa e os comandos paragramaticais, assim chamados por ele, continuarem insistindo nas distinções de sentido entre *a*, *para* e *em* com verbos de movimento. Apresenta em seus argumentos evidências históricas que bem se assemelham à hipótese internalista advogada por Naro e Scherre (2007).

Partindo desses trabalhos voltados para os casos de variação entre as três preposições acima mencionadas e após as primeiras observações referentes a esse tópico no corpus de fala de comunidades quilombolas, a problemática selecionada para estudo neste trabalho é a que segue na próxima subseção.

2.4 O problema da alternância entre as preposições *para* e *em* em contextos diretivos e locativos

Como se vê, o tema sobre a alternância entre preposições é relativamente bem conhecido na literatura, tendo sido tratado sob perspectivas diversas como a sociolingüística variacionista (MOLLICA, 1996) e mesmo numa perspectiva formal como o gerativismo (FARIAS, 2006). Nos dois casos, a discussão é apresentada ora como questão da regência

¹⁸ Por questão de delimitação teórico-metodológica, não é possível ser feita aqui uma análise que leve em conta uma comparação com a semântica do espaço de línguas africanas que possivelmente entraram em contato com o português brasileiro. A hipótese de Gärtner (2002) se coaduna com uma sugestão tipológica feita por Creissels (2006) referente à não distinção que algumas línguas africanas subsaarianas fazem entre localização, origem e destino de um percurso, além dos estudos de Gonçalves e Chimbutane (2004) e Petter (2008, p. 173) que mostram a mesma extensão funcional da preposição *em* nas variedades angolanas e moçambicanas do português. Conferir também comentários de Santos (2007, p. 108). O prof. John Holm (Comunicação pessoal) também menciona a recorrência do uso de preposições equivalentes a *em* com verbos de movimentos em inúmeras línguas crioulas de base lexical portuguesa. Pretende-se uma análise futura quanto a essa questão.

variável do verbo *ir* de movimento, ora como alternância entre as preposições devido ao seu estatuto categorial. Nesses trabalhos, mesmo a problemática sendo quanto à semântica de verbos de movimento e de preposições espaciais, a questão da representação do espaço não recebeu a devida atenção.¹⁹ Mesmo Farias (2006) tendo mencionado tal questão como argumento para o estatuto não variável do fenômeno de alternância entre preposições, e nos estudos variacionistas a questão do espaço ter sido utilizada apenas como parte de grupos de fatores, como o grau de definitude e configuração do espaço (MOLLICA, 1996).

Com a apresentação dos trabalhos que se ocuparam com o uso das preposições *a*, *para* e *em* com verbos de movimento no português do Brasil, os resultados convergentes dos trabalhos variacionistas, mesmo com diferentes variedades do português brasileiro, e os questionamentos de Farias (2006) sobre o estatuto variável do fenômeno de alternância entre preposições, um olhar mais detido sobre a semântica das preposições *para* e *em* leva a acreditar na possibilidade de atuação das duas em dois contextos espaciais similares, o que em termos gramaticais podem ser referidos como contextos diretivos e locativos. Na GPFB, são usados os termos sentido dinâmico e estático para os usos de *para* e *em* com verbos de movimento ou em locativos. Dessa forma, desconsiderando os usos espaciais da preposição *a*, bastante trabalhados nos estudos variacionistas, verificou-se que a alternância entre as duas outras preposições, *para* e *em*, poderia se mostrar produtiva em outros contextos além daqueles já analisados com verbos de movimento no Português do Brasil. Verificou-se no *corpus* de fala dos quilombos que a preposição *para* também pode ser utilizada num contexto em que o esperado seria a preposição *em*, numa acepção similar à desta preposição em contextos considerados locativos, como nos exemplos abaixo:

¹⁹ Para o português europeu, há os trabalhos de Batoréo (2000). No Brasil, além do trabalho da GPFB (no prelo) e os de Castilho (2007) sob a perspectiva da teoria da gramaticalização, Kewitz (2008) desenvolve projeto de pós-doutorado sobre a semântica do espaço no português paulista sob um viés diacrônico. Há também o trabalho de McCleary e Viotti (2004).

(6) a. Os meus filhos tão **no** Rio de Janeiro.

b. Os meus filhos tão **pro** Rio de Janeiro.

o que reforçou ainda mais a suposição de que questões relacionadas à semântica do espaço estariam em jogo na natureza da alternância entre as preposições.

Buscou-se na literatura respaldo para esse comportamento da preposição *para*, o que foi confirmado no trabalho de Poggio (2002) sobre a gramaticalização de preposições. Há contextos de uso em que a preposição *para* ocorre numa acepção locativa ou na acepção de *lugar onde = em*, conforme mencionado por Poggio (2002, p. 259). Na “Gramática de usos do português”, de Moura Neves (2000), há menção desse uso de *para*, de acordo com a autora, no contexto em que há uma relação de circunstanciação de lugar, a preposição *para* teria a “idéia acessória de afastamento, segregação”:

(7) **Havia** um resto de farinha pelo chão e **mais para um canto** o mestre reparou num pedaço de jornal. (Moura Neves, 2002: 699)

Poggio (2002) cita dois trabalhos nos quais a preposição *para* é indicada como tendo as seguintes acepções:

(I) Lugar onde (= em):

(8) **Para** o canto estava a filha Marta (Borba, *apud* Poggio, 2002: 259)

(II) Em contraposição ao lugar em que se está:

(9) Está (lá) *para* a quinta (Dias apud Poggio, 2002, p. 242)

Os exemplos apontados acima demonstram que a preposição *para* certamente opera em contextos em que o esperado seria *em*, dando a idéia de localização. Isso demonstra que além das construções com verbo de movimento, as duas preposições podem alternar também com verbos estativos, permitindo uma alternância entre elas nas duas configurações espaciais.

Como já é bem conhecido pelos trabalhos apresentados na subseção anterior, os casos em que a preposição *em* alterna com *para* com verbo de movimento, a preposição *em* é denominada como de acepção diretiva. Para o caso particular de *para* em locativos, entretanto, até agora não se encontraram trabalhos que se ocupassem dessa preposição nos contextos de alternância com a preposição *em*, em locativos, apenas referências, como as apresentadas acima, em Poggio (2002), Moura Neves (2000) e na GPFB. Seguindo a lógica da denominação dada à preposição *em* nos contextos diretivos, o oposto esperado seria a preposição *para* ser considerada locativa, ou de acepção locativa, para os casos em que ela é utilizada no sentido de *lugar onde = em*.

Na análise dos sentidos e distribuição das preposições na GPFB, os autores partem do sentido de base das preposições para exemplificar os possíveis esquemas imagéticos que estariam na produção dos sentidos espaciais das preposições e suas extensões. Para os autores, *para* e *em* apresentariam a possibilidade de atuar na configuração de dois espaços: estático e dinâmico, e tentam reproduzir em gráficos as quatro configurações espaciais possíveis para as duas preposições, classificando-as como segue:

I(a) Espaço estático de *em*: nos exemplos formados por *estar + em*

I(b) Espaço estático de *para*: nos exemplos formados por *estar + para*

II(a) Espaço dinâmico de *em*: nos exemplos formados por *ir + em*

II(b) Espaço dinâmico de *para*: nos exemplos formados por *ir + para*

Valendo-se de gráficos, os autores apresentam os usos de *para* aos quais este trabalho está voltado, mencionando a provável alternância entre as duas preposições. Retiram do *corpus* do NURC os seguintes exemplos que exemplificam a atuação das duas preposições nesses dois sentidos:²⁰

I No sentido estático:

- (10) a. Tinham os bailes **em** todas as localidades onde íamos..
 b. Ele mora **pra** São Paulo.

II No sentido dinâmico:

- (11) a. Agora roupa, o uruguaio, era no Brasil, vinha **no** Brasil comprar.
 b. Fiz uma viagem daqui **pra** Camaçari que parecia que eu tinha ido quase a Feira de Santana

Os dois casos em (10)b. e (11)a. são os usos ditos alternantes dos usos em que, prototipicamente, deveriam seguir os exemplos em (10)a. e (11)b., ou seja, a preposição *em* com constituintes locativos: “Ele mora **em** São Paulo”, e a preposição *para* na acepção diretiva: “... vinha **pro** Brasil comprar”. Enquanto a preposição **em** na sua acepção diretiva é ainda condenada pela gramática normativa (BAGNO, 2001), a preposição **para** numa acepção locativa soa estranha para falantes do dito português culto ou para variedades com traços [+urbano] do português.²¹

²⁰ Exemplos retirados do NURC, apresentados na GPFB.

²¹ Hipótese que necessita de estudo mais aprofundado para comprovação.

Uma possível explicação para essa alternância, de acordo com Evans e Tyler (2005), estaria na possibilidade de ambas as preposições apresentarem configuração espacial similar entre o TR e o MR, ou seja, compartilhem de esquemas imagéticos similares: “We hypothesize that two prepositions are interchangeable in select contexts because they encode very similar spatial configurations between the TR and LM.” (EVANS; TYLER, 2005: p. 32). Da constatação de Evans e Tyler, deduz-se que o caso de *para* e *em* não deve ser tão diferente. Deduz-se também que a configuração espacial apresentada pelas duas preposições em dois espaços, diretivo e locativo, que a princípio, não poderiam ser aceitos na semântica de cada preposição, de acordo com os ditames da gramática normativa. Tais usos apontam para especificidades do português brasileiro referente à sua semântica do espaço, o que inegavelmente é mais um indício da sua divergência em relação à variedade europeia de português, ao mesmo tempo em que a aproxima de variedades extra-europeias, como as africanas, conforme mencionado por Gärtner (2002) e o *continuum* de português entre as variedades angolana, brasileira e moçambicana, conforme proposta de Petter (2008).

Pinheiro (2007) também faz menção à questão do uso da preposição *em* com o verbo *ir* de movimento, e sugere uma solução para essa problemática dentro do modelo da Gramática de Construções de Goldberg (1995).²² O autor considera essas construções como “construções de movimento intransitivo” (PINHEIRO, 2007, p. 62), não instanciando como se pensaria, numa construção *locativa* prototípica. A proposta de Pinheiro será discutida no Capítulo 4 ao se tratar desse uso da preposição em questão.

Até aqui foram apresentadas diversas linhas de análise que se ocuparam da semântica das preposições do PB, principalmente quanto ao uso considerado não-padrão, o da preposição *em* com verbos de movimento (MOLLICA, 1996; FARIAS, 2006; GÄRTNER, 2002). Os trabalhos de cunho variacionista trataram o espaço como mais um elemento no

²² Deixa-se claro que a abordagem feita por Pinheiro (2007) não se ocupa da variação entre preposições e sim do estatuto da construção locativa no PB, como será visto no capítulo 4.

grupo de fatores semânticos utilizados como condicionantes da variação. Na abordagem gerativa (FARIAS, 2006) a questão se ateve às propriedades ditas estruturais dos itens preposicionais, no que diz respeito aos seus papéis lexicais ou funcionais, no âmbito de uma teoria gramatical formalista. Completando o quadro de perspectivas teóricas que se ocuparam do fenômeno de alternância entre preposições, há os trabalhos que levantam hipóteses relacionadas a contatos lingüísticos como possíveis desencadeadores das extensões funcionais da preposição *em* (GÄRTNER, 2002).

Diante dessa problemática, advoga-se que uma abordagem da língua que leve em conta justamente a “representação cognitiva do espaço” nos contextos lingüísticos em que as duas preposições parecem alternar poderia contribuir de alguma forma para os debates sobre essa particularidade na morfossintaxe do português brasileiro, a dita extensão funcional da preposição *em*. Para tanto, buscou-se ir além das operações entre TR e MR, como mencionado por Evans e Tyler, e observar que operações entre esquemas imagéticos estariam possivelmente envolvidas nesse fenômeno, seguindo aqui, a mesma linha de análise feita na GPFB para a classe de preposições no PB.

Antes de iniciar a análise, é necessário que se apresentem algumas palavras quanto ao *corpus* utilizado neste trabalho, o que é feito no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3 QUESTÕES METODOLÓGICAS

3.1 A Linguística Cognitiva como modelo baseado no uso (*usage-based model*)

Uma das premissas adotadas pelo Empreendimento Cognitivo em Linguística e que tem se mostrado como mais um contraponto bastante forte em relação às abordagens formalistas é a de que o estudo da linguagem deve ser um modelo baseado no uso (*usage-based model*), afirmando mesmo que o conhecimento de mundo é o conhecimento da língua (ILARI *et alii*, no prelo). Nesse quesito, bastante atenção tem sido dada para a importância de métodos de pesquisa que privilegiem a língua em uso, ou seja, dados empíricos e não somente fatos da língua acessados via introspecção. Entretanto, a introspecção continua sendo bastante forte em Linguística Cognitiva.

Em prefácio ao livro *Methods in Cognitive Linguistics*, Talmy (2005, p. xii) afirma:

The methodology of introspection begins this account and occupies some space because it has been central in the development of cognitive linguistics and continues as its main methodology, and because its particular profile of limitations has in part led to patterns in the use of other methodologies.

Para ele, a introspecção continua sendo central nas investigações da Linguística Cognitiva, enquanto outros métodos mais empíricos serviriam para apoiar o que a introspecção não pudesse atingir devido às suas limitações. Acontece que a Linguística Cognitiva tem recorrido muito mais a essas outras metodologias, principalmente para a corrente europeia que há muito tempo tem explorado mais as pesquisas de base empírica, de acordo com Geeraerts (2005, p. 165) que afirma o mesmo na Introdução ao “*The Oxford handbook of cognitive linguistics*” (2007) que, diferentemente da tradição americana, mais voltada para a introspecção, a Linguística Cognitiva produzida na Europa já tem desenvolvido muitos trabalhos numa proposta metodológica com um viés mais empírico de investigação.

Tomando tal posição, Gries (2006: 1-17) arduamente defende, neste e em muitos outros trabalhos desenvolvidos por ele,²³ o uso de *corpora* nas pesquisas em Lingüística Cognitiva. Partindo dos argumentos de Lakoff por uma lingüística empírica, ou seja, baseada no uso, e dos pressupostos compartilhados pela maioria dos lingüistas cognitivistas, entre eles o de que a linguagem não é uma faculdade autônoma e de que o conhecimento da língua **emerge do uso**, o autor advoga por uma Lingüística Cognitiva baseada em *corpus*²⁴.

Gries também aponta para o fato de que mesmo sendo utilizado com bastante frequência, o termo “modelo baseado no uso” (*usage-based model*) para indicar o pressuposto da lingüística cognitiva de que é do uso que emerge o conhecimento da língua, atesta o seguinte²⁵:

While *usage-based* is one of the buzzword in contemporary cognitive linguistics, we believe that prototypical usage-based methods such as corpus-linguistics methods are still underutilized, misunderstood, misrepresented, and overcriticized, wich is particular interesting given that most analyses based on subjective and unfalsifiable intuitions by a native speaker-linguist are hardly ever subjected to any methodological critique...

Entretanto, tal situação vem mudando, como demonstrado pelo volume organizado por Gries e Stefanowitch (2006) com exemplos de trabalhos que se pautam na abordagem da Lingüística Cognitiva a partir de *corpora* os mais diversos, conforme proposto por Gries. É interessante notar que Sardinha (2000) já mencionava, mesmo que indiretamente, o papel de uma abordagem como o da Lingüística Cognitiva no tratamento de *corpora*, conforme observamos nesta citação, onde o autor acaba por se referir à Lingüística Cognitiva como Psicologia Cognitiva:

²³ Indicamos a homepage do autor para outros trabalhos, disponível em: <<http://www.linguistics.ucsb.edu/faculty/stgries/research/overview-research.html>> Acesso em 23 de maio de 2008.

²⁴ Nomenclatura dada às disciplinas que fazem uso de *corpora*, conforme Biber (Apud Sardinha, 2000: 257), a exemplo de “Processamento da fala baseada em corpus”.

²⁵ GRIES, Stefan Th. & DIVJAK, Dagmar S. *Quantitative approaches in usage-based cognitive semantics: myths, erroneous assumptions, and a proposal*. Artigo disponível em: <http://www.linguistics.ucsb.edu/faculty/stgries/research/overview-research.html>> Acesso em 25 de maio de 2008.

Para deixar de ser um tipo de 'Contabilidade lingüística', a Lingüística de Corpus necessita explicitar qual é o quadro teórico que lhe dá coerência e sustentação. Essa deficiência vem, em grande medida, do fato de os lingüistas de corpus não terem se preocupado com a plausibilidade psicológica (Leech, 1992, p.113) da área, ou seja, a Lingüística de Corpus 'ainda não considera central discutir o *porquê* da linguagem ser usada de tal modo que ela exiba os padrões e fenômenos' que são retratados (Sch"nefeld, sic 1999, p.148; tradução minha, grifo no original). Neste sentido, a proposta da Psicologia Cognitiva (sic) de Langacker (1987, 2000) tem sido apresentada como alternativa para ajudar a preencher essa falta de explicação mental do fenômeno talvez mais central à Lingüística de Corpus, que é o da padronização. (SARDINHA, 2000, p. 361-362)

O uso de *corpora* é apenas mais uma dentre muitas que se propõem a trabalhar com exemplos da língua em uso, porém, tem sido a mais explorada até o momento. Uma das conseqüências imediatas do uso de dados empíricos como os dados retirados de *corpora*, é o que Geeraerts (2005) menciona sobre a inevitável emergência de uma sociolingüística cognitiva, conforme aponta também Silva (2006).²⁶ Geeraerts enfatiza que sendo a Lingüística Cognitiva um modelo baseado no uso, deve com isso adotar uma postura empírica que conseqüentemente deverá encarar questões sociais relacionadas ao uso da língua. O inverso também é verdadeiro, pois no momento em que a Lingüística Cognitiva se preocupar mais com questões de variação dialetal, questões empíricas serão sempre recorrentes nas análises a serem realizadas.

Parte desses dilemas realmente surgiu durante o início deste trabalho. Como a motivação para tratar do uso das preposições teve início na observação de alguns comportamentos das preposições no chamado português popular brasileiro, na fala de comunidades quilombolas, como casos de supressão de preposições como mencionados na Introdução deste trabalho, e nos estudos já mencionados sobre variação, uma das primeiras indagações foi justamente sobre a forma de delimitar o *corpus* de fala a ser utilizado nas análises. Logo no início, o conceito de comunidade de fala, que já vinha sendo

²⁶ Um dos volumes da coleção *Cognitive Linguistics Research* da Mouton de Gruyter será dedicado ao tema (KRISTIANSEN; DIRVEN, no prelo).

problematizado antes ainda do início do mestrado, durante o trabalho de seleção das entrevistas coletadas nas comunidades quilombolas, por ser já tão bem discutido, porém ainda bastante controverso, na literatura sociolinguística, foi a primeira alternativa para uma possível delimitação do *corpus*. Considerando que tal conceito pudesse solucionar o problema da representatividade do *corpus* e que o uso de entrevistas de diferentes comunidades em dois estados brasileiros também bastante diferentes não afetaria a análise a ser feita, pois já havia a disponibilidade de entrevistas coletadas em comunidades quilombolas do Maranhão e São Paulo. A justificativa era que, ao poder agrupar comunidades de diferentes localidades sob uma mesma categoria analítica, qual seja, a comunidade de fala quilombola, a análise não estaria comprometida com questões relacionadas à heterogeneidade do *corpus* em uso.

Naquele momento, o modelo de comunidade de fala proposto por Santa Ana e Parodí (2002) ofereceu um suporte teórico-metodológico para justificar um trabalho com *corpora* de diferentes comunidades quilombolas. Nesse modelo, os autores propõem um *continuum* entre diferentes nichos, desde variedades menos prestigiadas socialmente e nível de consciência menor em relação às variáveis linguísticas até aquelas mais prestigiadas e de maior consciência por parte dos falantes, possibilitando o agrupamento em até quatro tipos de comunidades de fala. Nesse modelo, seria possível agrupar as comunidades quilombolas no primeiro nicho, caracterizado pelos traços [+/- prestígio] e [+/- consciência] por parte dos falantes em relação às variáveis linguísticas usadas. Entretanto, no desenvolvimento das análises percebeu-se que o tipo de entrevista e a variedade de português próprio das comunidades quilombolas não seriam um grande problema para uma análise preocupada com a semântica de duas preposições, pois os usos das preposições não diferiam exacerbadamente, como seria, talvez no caso de se ter utilizado *corpus* de comunidades quilombolas com outras variedades do português que não aquele considerado como popular.

Outra questão decorrente do fato de usar dados empíricos e focalizar uma faceta da semântica de duas preposições em alternância concerne ao estatuto variável ou não desse fenômeno de alternância, conforme já discutido na subseção 2.4. Em outras palavras, poderia ser afirmado que *para* e *em* nos dois contextos aqui considerados diretivos e locativos estão em variação, da forma como o conceito de variação é entendido na literatura variacionista? Em última análise, a questão é mais profunda e foge do escopo deste trabalho, entretanto, é válido mencioná-la. A questão seria: qual o estatuto cognitivo de fenômenos de variação lingüística? Não se quer aqui apontar para alguma resposta, o que, por um lado, resolveria o problema de se considerar o uso alternante entre preposições como um fenômeno variável, derrubando ou corroborando o argumento de Farias (2006) de que por entrarem em jogo representações cognitivas diferentes da do espaço não seria possível considerar o fenômeno de alternância entre preposições como um fenômeno variável aos moldes labovianos.²⁷

Esses são apenas dois questionamentos acerca do uso de dados empíricos em questões relacionadas à cognição em lingüística, fato já tratado por Geeraerts (2005). O esperado é que com os futuros desenvolvimentos da promissora sociolingüística cognitiva, tais questionamentos recebam um tratamento adequado que possa dar uma resposta satisfatória para esses fenômenos. Dito isso, nas próximas subseções, o universo das comunidades quilombolas em suas particularidades sociais e culturais será apresentado, fazendo dessa forma, uma caracterização também do *corpus* sob análise e, ao mesmo tempo, as particularidades da variedade do português utilizado nessas comunidades.

²⁷ Frente a essas questões, o próprio conceito de variação deve passar por algumas considerações. Para o caso do argumento de Farias ser adequado, deduz-se que deve ser necessária a existência de configurações cognitivas do espaço semelhantes para que haja variação, e com isso, seguindo a metáfora de Tarallo (1990) variáveis em competição para caracterizar um fenômeno variável não faria tanto sentido. Por que duas variáveis estariam alternando entre si se cognitivamente elas atuariam a mesma configuração espacial?

3.2 A constituição do *corpus* das comunidades quilombolas

O *corpus* a ser utilizado para a análise será o de entrevistas coletadas em comunidades quilombolas no Maranhão e São Paulo. O *corpus* coletado no Maranhão é produto de trabalhos de campo anteriores executados pela pós-doutoranda da Universidade de Coimbra, Ana Stela de Almeida Cunha. Em São Paulo, as entrevistas da comunidade do Cangume fazem parte do *corpus* do Grupo de Estudos de Línguas Africanas - GELA, produzido por alunos de Iniciação Científica. As entrevistas da comunidade de Pedro Cubas foram coletadas por Dayane Pal, para produção de sua dissertação de mestrado defendida em 2005.

O *corpus* coletado no Maranhão constitui-se de entrevistas realizadas nas comunidades de Damásio, Município de Guimarães, Saco das Almas, Município de Brejo, Santana dos Pretos, na Ilha do Cajual. Em São Paulo, foi utilizado material coletado nas comunidades de Cangume, Município de Itaoca, e Pedro Cubas, Município da Estância Turística de Eldorado. Portanto, o *corpus* se constitui de um total de 12 entrevistas, distribuídas da seguinte forma: 4 entrevistas de Damásio, 2 de Saco das Almas, 1 de Santana dos Pretos, 2 de Cangume e 3 de Pedro Cubas. Todos os informantes se enquadram na faixa etária acima dos 30 anos e o nível de escolaridade é de no máximo 3 anos. Ao se utilizar uma ocorrência retirada do *corpus*, será utilizada seguinte identificação:

(12) [...] aí **pu** Carapirau ainda se reza pa Nossa Senhora da Conceição (Dil DAM 8-04).

As primeiras letras identificam os informantes, as letras seguintes em maiúsculas referem-se à comunidade quilombola: CAN: Cangume; DAM: Damásio; SPT: Santana dos Pretos; etc. Os números identificam a planilha e as linhas de ocorrência no *corpus*.

Ao contrário de outros trabalhos de abordagem da Linguística Cognitivista sobre a semântica de preposições que são baseados em *corpus* eletrônico (OLIVERIA, 2007a, em

preparação; SANTOS, 2007), a escolha de trabalhar com *corpus* de fala espontânea de comunidades quilombolas se coaduna com o fenômeno de interesse, como também segue em certa medida a modalidade de *corpus* utilizado nas pesquisas sociolinguísticas que se ocuparam da regência variável do verbo *ir* de movimento (ASSIS, 2006, VALLO, 2003, RIBEIRO, 2000, MOLLICA, 1996). A importância de tal similaridade condiz com os resultados sociolinguísticos que mostram que a variável não padrão – a preposição *em* usada com o verbo *ir* de movimento - é desfavorecida pelo fator social escolarização (MOLLICA, 1996, p. 285), quanto maior a escolarização, menor o uso de *em* nos contextos com verbo de movimento. Com isso, o uso da preposição *em* deverá se mostrar mais produtivo num *corpus* de fala de comunidades quilombolas no qual a maioria dos informantes é analfabeta ou semi-analfabeta, do que em *corpora* eletrônicos, que, direta ou indiretamente, pressupõem um nível de escolarização médio por parte dos usuários.

Numa discussão sobre a natureza do *corpus* a ser usado para determinada análise linguística, Sardinha (2003) discute o papel da Web nas pesquisas da linguística de *corpus* em relação aos *corpora* por ele chamado de tradicionais, ou seja, baseados em inquéritos de fala espontânea. Sardinha conclui seu artigo da seguinte forma:

Caso haja alto grau de similaridade entre os dois *corpora* (Web e tradicional), não seria ilegítimo supor que há redundância entre os dois *corpora*. Nesse caso, um dos *corpora* seria preterido, dependendo da situação em que o pesquisador específico estivesse envolvido. Àquele pesquisador que não possuísse um *corpus* tradicional seria mais prudente recomendar que usasse a Web, visto que ela possui, entre outras qualidades, variedade, renovação, abundância e baixo custo. Por outro lado, aquele pesquisador que disponha de um *corpus* tradicional estaria mais propenso a preterir a Web em favor do *corpus* de que já dispõe. [...] (Sardinha, 2003, p. 193-194)

Este trabalho se enquadra na segunda situação apontada por Sardinha. Com a disponibilidade de utilizar *corpora* de fala de comunidades quilombolas previamente organizados e já analisados em outras pesquisas, o processo inicial de coleta e transcrição foi agilizado. Porém, é importante ressaltar que por se tratar de *corpora* na maior parte produzido

por terceiros, foi necessária uma reanálise de todas as entrevistas utilizadas, ou seja, mesmo já transcritas, foi necessário voltar para o material de áudio. Isso devido, na maioria das vezes, à qualidade de algumas gravações e possíveis problemas de transcrições.

Foi desconsiderada, neste trabalho, a necessidade de um tratamento quantitativo, seja pelos objetivos propostos concernentes à semântica do espaço, por não se ter um interesse imediato em relação à frequência, seja pelos estudos sociolinguísticos que abarcaram bem a questão e oferecem um ótimo quadro do fenômeno em diferentes variedades dialetais do PB (ASSIS, 2006; VALLO, 2003; RIBEIRO, 2000; MOLLICA, 1996). Durante o tratamento de seleção no *corpus* dos contextos de alternância das preposições, verificou-se, qualitativamente, o que os estudos variacionistas comprovam quantitativamente: o uso de *para* e *em*, juntamente com a preposição *a*, estão em “competição” nos contextos diretivos e locativos no PB. Não surpreenderia se neste trabalho um tratamento quantitativo chegasse aos mesmos resultados daqueles dos trabalhos sociolinguísticos apresentados no Capítulo anterior.

Os procedimentos de tratamento do *corpus* montado foram os seguintes: depois de selecionados os informantes por comunidades, para cada entrevista examinada, foram selecionadas as ocorrências das preposições *para* e *em* com sentidos diretivos e locativos. Num primeiro momento, todos os contextos com sentido diretivo e locativo foram identificados. Num segundo momento, foram focalizadas apenas as ocorrências com o verbo *ir* de movimento e o verbo *estar* pleno de localização. Com essa divisão, as ocorrências foram agrupadas em dois grupos, conforme divisão feita por Ilari *et alii* (no prelo), em: contextos dinâmicos e estáticos, para as duas preposições. Por fim, para cada preposição ficaram dois contextos, o que resultou na seguinte divisão:

a) Contextos locativos de *em*: nesses contextos, a maior parte dos dados foi construída com o verbo *estar*. Este deve ser o contexto prototípico da preposição *em* no seu sentido locativo;

b) Contextos diretivos de *para*: o uso de *para* nesse sentido são bem distribuídos, mas como foi mencionado, focalizou-se principalmente o uso de *para* no sentido diretivo com o verbo *ir* de movimento.

E por último, os dois contextos considerados alternantes na semântica das duas preposições:

c) Contextos locativos de *para*: é de uso pouco comum, entretanto, foi o que possibilitou fazer a distribuição em pares, pois foi observado que não só a preposição *em* era usada com verbo de movimento, como *para* também era usado em contextos esperados para *em*; e

d) Contextos diretivos de *em*: o contexto bastante discutido na literatura sociolingüística e o que mais tem chamado a atenção dos estudiosos.

Essa será também a forma de organização e apresentação da análise no Capítulo 4.

Para finalizar esta seção, é oportuno enfatizar aqui mais um dos motivos quanto à escolha de tratar da alternância de uso entre preposições espaciais no português a partir de *corpus* de fala de comunidades quilombolas. Dentre outros motivos isso se dá por corroborar a seguinte constatação de Fillmore (1992: 35):

I have two main observations to make. The first is that I don't think there can be any corpora, however large, that contain information about all of the areas of English lexicon and grammar that I want to explore; all that I have seen are inadequate. The second observation is that every corpus that I've had a chance to examine, however small, has taught me facts that I couldn't imagine finding out about in any other way.

Provavelmente teria sido mais difícil atentar para a possibilidade de uso da preposição *para* em contextos locativos como aqueles mencionados em c) acima se apenas a introspecção fosse usada como forma de acesso aos fenômenos de alternância, como já foi observado (TALMY, 2005). A necessidade de partir de fatos de linguagem em um *corpus* específico como o das comunidades quilombolas, foi o que permitiu vislumbrar melhor a dinamicidade da língua, em uso.

3.3 Uma caracterização das comunidades quilombolas

Os processos de aquilombamento existiram em diversos lugares, em todo o território brasileiro, onde houve escravidão de africanos. Conforme Munanga e Gomes (2004: 64): “são encontrados em todas as Américas situações semelhantes, mas com nomes diferentes, é o caso dos *cimarrónes* em muitos países de colonização espanhola, palenques em Cuba e Colômbia, cumbes na Venezuela e marroons na Jamaica, nas Guianas e nos Estados Unidos”.

No Brasil, essas comunidades foram também chamadas de “comunidades remanescentes de quilombos” logo depois do “reconhecimento” institucional das mesmas. Foram então considerados “remanescentes das comunidades de quilombo”, pelo decreto 4.887, de 20 de novembro de 2003, “os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra, relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”.

No Brasil, aproximadamente 2000 agrupamentos rurais que preenchem praticamente todos os requisitos acima podem ser considerados “remanescentes de quilombos” ou simplesmente comunidades quilombolas.

A visibilidade de tais comunidades nas pautas sociais só se deu depois de um forte crescimento do movimento negro urbano, que conseguiu na Constituinte de 1988, com o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), art. 68, o direito da posse das terras para aquelas comunidades reconhecidamente originárias do que seriam antigos quilombos, por isso a nomenclatura oficial e institucional, “remanescentes de comunidades de quilombos”, ora outras também denominadas “comunidades de remanescentes de quilombos”.

Neste trabalho, optou-se por se referir a tais comunidades pelo termo mais geral “comunidades quilombolas”, por se entende que o termo quilombo aqui não deve ser mais confundido com o adjetivo “quilombo” cristalizado do Brasil colônia e escravocrata. Tal

termo foi ressemantizado e, portanto, carrega consigo um peso político e ideológico que remete a uma identidade construída tomando como ponto de partida uma situação social e cultural que aponta para um passado ligado ao sistema escravista, possuindo como ponto de referência uma ancestralidade negro-africana. É conhecida a resistência por parte de alguns acadêmicos, principalmente da História, em aceitar a denominação quilombola para as atuais comunidades, já que muitas delas se originaram não por resistência à escravidão, como seria o caso prototípico de um “verdadeiro” quilombo. Na verdade, muitos desses quilombos atuais se originaram nos fins do século XIX e início do XX, portanto, logo após o fim oficial do sistema escravocrata. Entretanto, por ter sido ressemantizado, o termo quilombo carrega um peso ideológico e é atualmente usado como forma de identificação e afirmação identitária daqueles que vivem e fazem parte desses grupos étnicos.

Ao se denominar como quilombola, uma comunidade reafirma sua ancestralidade negra ou sua ligação com um passado escravocrata, além de denunciar uma realidade de exclusão social que praticamente contribuiu para produzir essas mesmas comunidades.

O que chama a atenção sobre as comunidades quilombolas é que boa parte delas viveu em quase total isolamento até as primeiras décadas do séc. XX, tanto que foram chamadas de “isolados negros”, mucambos, etc. O termo “terra de preto” é a forma como boa parte das comunidades quilombolas no Maranhão se autodenomina. Não se encontrou até agora essa denominação em outros estados. Assim, é comum encontrar no meio rural maranhense, comunidades chamadas de Santo Antônio dos Pretos, Jamary dos Pretos, Santana dos Pretos, etc. Algumas comunidades são formadas às vezes por menos de cem pessoas, outras por um número bastante grande de famílias.

Uma das principais características das comunidades quilombolas é a afro-descendência. Mesmo a maioria sendo negra, há casos de pessoas filhas de negros da comunidade com brancos de fora da comunidade. Uma outra característica é o uso comum da

terra. Ninguém é dono da terra, a mesma é dividida em partes e cada um planta o que quer. Os animais geralmente são criados soltos pelas praças, ou seja, os terrenos abertos em frente às casas, onde são feitos os festejos da comunidade. A luta pela titulação das terras de quilombos tem sido uma parte da agenda do movimento negro em todo o Brasil. Os conflitos com latifundiários e empresas de médio porte, juntamente com a morosidade burocrática dos órgãos responsáveis pelo reconhecimento e demarcação das terras, têm sido alguns dos principais entraves para a não regulamentação das terras que constitucionalmente as pertence.

As comunidades quilombolas se organizam geralmente em associações. A de Itamatatua, no Município de Alcântara no Maranhão, tem como forte liderança as mulheres da Associação de Mulheres de Itamatatua. São as mulheres nessa comunidade que produzem e comercializam as cerâmicas bastante conhecidas em São Luís, capital do Maranhão. Em outras comunidades como as de Guimarães, há a associação de mães e de jovens. As comunidades quilombolas de São Paulo também se organizam em associações, recebendo orientações e firmando parcerias com outras instituições, principalmente ONGs, como o Instituto Socioambiental. As atividades econômicas mais comuns são as agropecuárias e agroextrativistas. No Maranhão há o plantio de roças de arroz, mandioca, para a produção de farinha, o extrativismo do coco babaçu e a pesca, além das criações de animais como galinhas, porcos, cabras e em alguns casos, gado.

A configuração da maioria das comunidades conhecidas é quase que estritamente idosa, além das crianças, já que os adultos dificilmente continuam na comunidade. Os adultos ou vão para as sedes dos municípios ou para grandes centros urbanos no sudeste e centro-oeste brasileiro. O destino mais conhecido agora tem sido Brasília e Goiás, além de São Paulo, para o caso das comunidades quilombolas do Maranhão.

O Ensino Básico foi recentemente inserido nessas comunidades. Já é comum encontrar escolas com até a 4ª série do Ensino Fundamental, às vezes até a 8ª, como também já é possível a construção de escolas que ofereçam o Ensino Médio.

O universo das comunidades quilombolas no Brasil é diverso, mas pelo o que foi apresentado sucintamente aqui, a maioria dessas comunidades compartilha muitos pontos em comum, guardadas as devidas especificidades. Por exemplo, comparando com as comunidades do Maranhão, as comunidades quilombolas de São Paulo possuem uma infraestrutura mais desenvolvida, como já observado por Cunha (2003), isso deve ser reflexo, certamente, das particularidades de cada estado.

CAPÍTULO 4 ANÁLISE SEMÂNTICO-COGNITIVA DE *PARA* E *EM*

Até aqui foram apresentados os pressupostos teóricos referentes aos construtos da Linguística Cognitiva (Cap. I) utilizados na análise, a partir de uma rápida revisão da literatura; foi apresentada a delimitação do objeto de pesquisa e a problemática selecionada (Cap. II); e foi contemplada a especificação do *corpus* considerado para estudo (Cap. III). Parte-se neste Capítulo para a descrição semântica e análise das duas preposições espaciais em foco no PB. Conforme mencionado, as preposições *para* e *em* parecem atuar em configurações espaciais semelhantes quando estão envolvidos contextos diretivos e locativos, o que tem sido objeto de pesquisa em diferentes abordagens teóricas preocupadas ora com questões de variação (MOLLICA, 1996) ora com questões mais formais (FARIAS, 2004). Neste trabalho, pretende-se uma análise que contemple os aspectos cognitivos e espaciais envolvidos na alternância de preposições em questão.

Mesmo que o objetivo maior não seja traçar a rede semântica das duas preposições, uma vez que isso demandaria uma nova empreitada, sabe-se que, desde a primeira análise feita sobre a preposição *over* por Lakoff (1987), o modelo de extensões radiais do uso de determinada preposição tem sido apresentado como forma de dar conta da polissemia desses itens, na qual um sentido mais básico, considerado prototípico, seria o centro de onde irradiariam os demais sentidos da preposição, considerados periféricos. Tyler e Evans (2003) propõem uma metodologia para dar conta dessas extensões de sentido chamada Polissemia Sistemática, diferente da análise elaborada por Lakoff (1987), considerada ultra-detalhista (*fine-grained*). Em português, há o trabalho de Oliveira (2007a) no qual a autora busca dar conta da rede semântica da preposição *sob* seguindo parcialmente alguns pontos da Polissemia Sistemática daqueles autores. Optou-se para este trabalho, focalizar as operações espaciais das duas preposições, especificamente nos contextos chamados diretivos e locativos,

restritas aos usos com o verbo *ir* de movimento e o verbo *estar* pleno de localização. O caráter prototípico de cada preposição não será renegado neste trabalho, só não será possível um maior detalhamento quanto à questão dos usos prototípicos e as extensões metafóricas de cada uma das preposições, restringindo a análise, portanto, aos seus usos espaciais.

O Capítulo é organizado de forma a se dar maior atenção às operações entre esquemas imagéticos, partindo-se dos construtos teóricos para da LC para a explicação dos usos espaciais de cada preposição.

4.1 Usos espaciais baseados em transformações de esquemas imagéticos

4.1.1 Alternância de preposições e esquemas imagéticos

Pela ênfase dada à teoria dos esquemas imagéticos no capítulo teórico e à apresentação do estudo da GPFB (no prelo) a partir dos esquemas propostos pelos autores para a semântica das preposições do PB, busca-se aqui uma nova abordagem relativa à problemática da regência variável do verbo *ir* de movimento, bem como à questão de variação entre as preposições *para* e *em* que leve em conta a representação do espaço na língua. Tal perspectiva poderia ser não só uma abordagem diferente, se considerada como mais uma discussão relacionada à polissemia das preposições, mas também uma análise preocupada com questões relativas à estrutura conceptual humana, já que aspectos cognitivos são privilegiados na análise. Com isso, a teoria dos esquemas imagéticos mostrou-se como uma boa alternativa para a realização dessa empreitada, por oferecer a possibilidade de tratar do espaço nos casos de alternância observados.

Dos trabalhos até então consultados que se ocuparam de problemas relacionados à semântica de preposições, a utilização da teoria de esquemas imagéticos e a própria forma de lidar com os esquemas são bem particulares. Há autores que fazem uso de apenas um

esquema para dar conta de certa faceta semântica em estudo, como é o caso do estudo de Alvaro (2008) para a preposição *até* no qual o uso do esquema de ESCALA foi bastante privilegiado, pela natureza da relação envolvida e pela proposta da autora. Pinheiro (2007) irá apresentar o esquema imagético DENTRO-FORA como o esquema responsável pelas expressões de localização no PB, e por fim, há a análise na GPFB (no prelo) onde foram selecionados certos esquemas para determinadas configurações espaciais das preposições do PB.

Cada trabalho tem seu mérito e atinge os pontos propostos nas suas especificidades. A única observação a ser feita é a mesma de Hellberg (2007, p. 20), quanto à recorrência, na maioria dos trabalhos que se ocupa da polissemia de certos itens lexicais baseados nos construtos dos esquemas imagéticos, de adotar uma visão ainda estática desses construtos, crítica também feita por Dewell (2005). Tais trabalhos ora assumem que as várias extensões de sentido de um item se devam a extensões radiais de um único esquema imagético ora não se preocupam da faceta dinâmica causadora dessas extensões radiais.

Como já foi várias vezes mencionado, este trabalho busca atender às críticas de Dewell (2005) e adota, parcialmente, a mesma linha de análise de Hellberg (2007), assumindo que o caráter dinâmico dos esquemas imagéticos, a co-existência, as sobreposições ou as transformações desses esquemas são a solução para vários fenômenos cognitivos e lingüísticos para os quais um tratamento estritamente semântico não seria satisfatório, como no caso dos estudos que também fizeram uso da teoria aqui utilizada (ALVARO, 2008; MUNIZ, 2007; PINHEIRO, 2007). É necessário acrescentar ainda que essa dinamicidade dos esquemas imagéticos é uma das facetas mais importantes na elaboração de outras teorias relacionadas a eles, por exemplo, a teoria da metáfora conceitual e dos modelos cognitivos idealizados (LAKOFF; JOHNSON, 2003; LAKOFF, 1987).

Diante de tal posicionamento, a análise a ser apresentada aqui, parte principalmente

desse caráter dinâmico dos esquemas imagéticos. Propõe-se aqui, uma alternativa de análise de um fenômeno de alternância entre preposições que em outras abordagens é relacionada ao grau de gramaticalização das preposições ou ao “esvaziamento” semântico ou opacidade dos itens gramaticais (POGGIO, 2002; VIEGAS, 2008), não considerando, portanto, o papel da estrutura conceptual humana na semântica do espaço.

Nas próximas subseções são apresentados os contextos ditos diretivos e locativos em que ocorrem as preposições *para* e *em* retirados do *corpus* de fala de comunidades quilombolas, cada contexto classificado pelo esquema imagético proposto na configuração espacial. As ocorrências coletadas no *corpus* são apresentadas seguidas de uma descrição da cena espacial para cada preposição no contexto diretivo ou locativo.

4.1.2 Esquemas imagéticos envolvidos na alternância de *para* e *em*

Dois esquemas imagéticos serão apontados como prováveis responsáveis pelos sentidos mais básicos das duas preposições em estudo, *em* e *para*, o esquema CONTÊINER para *em* e ORIGEM-PERCURSO-DESTINO para a preposição *para*. A descrição e análise dos dados nos contextos considerados diretivos e locativos das duas preposições partirão primeiramente desses dois esquemas imagéticos. Para o caso dos fenômenos de alternância entre as duas preposições, o *para* estativo e o *em* diretivo, são adotadas as premissas e operações existentes nas transformações de esquemas imagéticos como elemento primordial, considerando-se também a proposta de hierarquização dos esquemas imagéticos (PEÑA, 2008) e a dinâmica dos processos de transformações (DEWELL, 2005).

Não é pretendida aqui uma análise que recubra todas as possibilidades de transformações e sentidos das duas preposições, deixa-se claro que por questão metodológica delimitou-se a análise especificamente aos contextos espaciais mencionados no item 2.4.

como a problemática norteadora deste trabalho. O recurso aos trabalhos de Peña (2008) e Dewell (2005) deve-se ao fato de que a análise a ser apresentada compartilha com a proposta desses autores o caráter hierárquico e dinâmico dos esquemas imagéticos.

Ainda na mesma linha de análise dos dois autores citados, não se pode considerar ingenuamente que apenas os esquemas CONTÊINER e ORIGEM-PERCURSO-DESTINO estão envolvidos nos casos de alternância investigados, a exemplo do trabalho de Hellberg (2007) que considerou no mínimo quatro esquemas imagéticos envolvidos na polissemia da partícula *fram* do sueco. Pelo o que foi visto em Peña (2008), os esquemas CONTÊINER e PERCURSO são justamente dois dos quatro esquemas considerados como de mais alto nível, servindo de base ou subsídio para muitos outros esquemas. Com isso, quer-se aqui enfatizar que ao se falar no esquema ORIGEM-PERCURSO-DESTINO durante o tratamento da semântica espacial da preposição *para*, tem-se ciência de que outros esquemas devem e estão envolvidos, como no caso do esquema FORÇA, EQUILÍBRIO, CONTATO, PROCESSO, etc., ativando as três formas de dependência conceptual sugeridas por Peña: dependência conceptual, vínculo lógico e enriquecimento/intensificação. Entretanto, por razões analíticas, é necessário que se focalize um esquema por vez, fazendo-se referência aos demais quando assim for necessário para um melhor entendimento dos processos envolvidos nas cenas espaciais.

Da mesma forma para o esquema CONTÊINER, à semelhança do que foi atestado por Dewell (2005) para o esquema de CONTENÇÃO, outras operações e outros esquemas subsidiam a construção de tal esquema. Acontece que, para se desenvolver uma análise em que o foco é a questão relacionada ao espaço e devido a outra característica dos esquemas imagéticos, a prototipicidade, certo esquema se apresentará como o mais prototípico decorrente de suas características e propriedades (OAKLEY, 2007).

Essa foi também a constatação de Muniz (2006) ao tratar dos sentidos de verbos

frasais em *on* e *off* do inglês. O autor atesta:

Outro ponto que deve ser relevante, a nosso ver, é o caso dos esquemas aparecerem geralmente misturados a outros. No processamento de pensamento e linguagem, a combinação de esquemas é uma atividade gerada com base em nossas experiências físicas (*Embodied Mind*). É preciso lembrar que, fisicamente, ocorrem também “mesclas” entre atividades físicas, ou seja, em parte alude a esquemas físicos e em parte a psicológicos. (MUNIZ, 2006, p. 132)

Com tudo isso, torna-se temeroso eleger seguramente um único esquema como principal motivação em determinado sentido, mesmo que por questões metodológicas seja focalizado um esquema por vez. Porém, argumenta-se que em alguns contextos, um esquema imagético se mostrará mais recorrente, fato que os estudos diacrônicos e quantitativos têm apontado, mesmo que indiretamente (POGGIO, 2002; MOLLICA, 1996), o que, entretanto, não é o caso deste estudo.

Assumindo, então, um ponto de partida, pois de outra forma, o trabalho se resumiria à questão de analisar a que esquema imagético o sentido básico das preposições está ligado, os esquemas imagéticos de CONTÊINER e ORIGEM-PERCURSO-DESTINO são tomados para os dois sentidos considerados de base de *em* locativo e *para* de direção, respectivamente. Isso devido também ao nível hierárquico mais alto desses esquemas e às diversas relações de dependência conceptual existente entre eles e outros esquemas imagéticos, de acordo com Peña (2008). Para os sentidos considerados alternantes, o *para* locativo e o *em* diretivo, propõe-se neste trabalho que isso deva ser possível graças às operações de transformações entre esses dois esquemas, como se busca demonstrar nas próximas subseções.²⁸

²⁸ Mesmo adotando aqui a nomenclatura para as duas preposições como locativas e diretivas pautadas nas configurações espaciais de localização e percurso, é necessário mencionar que se está ciente do peso semântico que os verbos *ir* de movimento e *estar* pleno de localização têm para a configuração espacial nos dois casos. Infelizmente não foi possível um tratamento para os dois verbos, o que demandaria uma abertura teórica maior que a utilizada para este trabalho.

4.2 Usos espaciais no esquema CONTÊINER

Como visto anteriormente, o esquema CONTÊINER pode ser representado conforme figura 2. Os elementos constitutivos desse esquema são basicamente três: limite (*boundary*), região interna e externa, conforme apresentação de Johnson (1987). Para Peña (2008), que sugere o esquema REGIÃO DELIMITADA (BOUNDED REGION), duas estruturas satisfariam a lógica interna desse esquema: limites (*boundaries*), e duas regiões dimensionais, não tão diferente da caracterização de Johnson (1987). Para Peña o esquema imagético REGIÃO DELIMITADA seria mais abrangente que o esquema CONTÊINER, por aquele abarcar também, além deste último, o esquema de SURPERFÍCIE, já que para ela, o esquema SURPERFÍCIE é subsidiado pelo esquema CONTÊINER. A autora considera que as evidências experienciais no esquema por ela proposto, REGIÃO DELIMITADA, indicam que este daria conta de exemplos nos quais outros esquemas estariam em jogo, como no caso de SUPERFÍCIE, CONTATO e o Modelo Cognitivo Idealizado de controle (PEÑA, 2008, p. 1045). Além de abarcar o esquema de SUPERFÍCIE, a autora menciona também que a conceptualização dos esquemas imagéticos CHEIO-VAZIO e EXCESSO são subsidiados pelo esquema REGIÃO DELIMITADA, e o esquema EXCESSO é também dependente do esquema PERCURSO.

Considere-se a análise feita por Oliveira (2007b) para a preposição *em* do português brasileiro. A autora fazendo uso de *corpus* recolhido da internet se ocupa das noções topológicas, geométricas e funcionais na caracterização dos usos espaciais da preposição *em*. Adotando o modelo descritivo baseado na semântica distribuída de Sinha e Kuteva (apud OLIVEIRA, 2007b), distingue sete padrões esquemáticos da preposição *em*: inclusão, total e parcial; contato; aderência; inclusão em um meio; proximidade/adjacência; coincidência de

localização/localização pontual²⁹; e localização no alvo de um movimento. Este último padrão na configuração espacial de *em* é que interessará mais adiante. Já na sua tese de doutorado (OLIVEIRA, em preparação), Oliveira apresenta, além daquelas sete categorias no domínio espacial para a preposição *em*, três no domínio temporal e sete em domínios abstratos. Neste trabalho, interessa a análise feita por Oliveira para o domínio espacial, o que não impedirá que seja feita referência aos outros domínios, caso necessário, para fins comparativos em relação às categorias do domínio espacial.

Percebe-se pelos seis primeiros usos espaciais de *em* enumerados por Oliveira, a predominância do sentido de localização, o que aponta fortemente para a prototipicidade de *em* na atuação do esquema CONTÊINER.

Cabem aqui algumas considerações quanto ao papel do esquema CONTÊINER na configuração espacial de localização, nesse caso, para o sentido locativo de *em*.

4.2.1 Contextos locativos de *em*

Do *corpus* de fala de comunidades quilombolas, foram selecionados os seguintes exemplos dos usos mais freqüentes da preposição *em* nos contextos de localização:

- (13) a. e Santana d'uis Cabocu é lá... É lá **na** Santana dais Mercêis. (Emi SPT 6-18)
- b. porque a noite ele tava **em** casa nós tava (int) a noite que ele ia. (Aml DAM 4-02)
- c. É a Francisdalva, tá **em** Guimarães, ela estuda lá. (Aml DAM 4-03)
- d. não, tava lá, **na** dona Francisca (Emi DAM 4-06)

²⁹ A denominação localização pontual será utilizada em Oliveira (em preparação) enquanto coincidência de localização foi utilizada em Oliveira (2007b).

- e. Intão, i essi hómi, essi Tumáís [inint] essi tá **in** Sum Paulu, num é? (Dil DAM 4-10)
- f. Doc: E é em São Luís que ele está?
Inf: Não, ele tá agora **in** Mirinzal. Ele é u médicu da casa. (Ang DAM 4-07)
- g. [...] aí eu fiquei pensando como é que eu fazia e eu lá no hospital sozinha, a mãe c'o o pai, o pai trabaiano, a fia tava **em** casa eu falei como é que eu falo lá em casa (el) num tão sabenu [...] (Ant CAN 4-14)
- h. quandu eu tava assim **in** Guimarães, várias vezis eu fui internada. (Ang DAM 4-12)

Todos os exemplos se conformam ao que Pinheiro (2007) irá chamar de construção locativa no PB, usando para tanto o arcabouço teórico da gramática de construções, de Goldberg (1995). Neste momento, é interessante fazer algumas observações quanto ao trabalho de Pinheiro para a delimitação da construção locativa no PB (para Pinheiro CL), já que a análise do autor toca na teoria dos esquemas imagéticos e está relacionada à semântica da preposição *em*.

Pinheiro (2007, p. 50) ao tratar da proposta de Langacker para a distinção entre *posse* e *existência* considera a abordagem desse autor como abstracionista, por se pautar no conceito de *frame of reference* (traduzido por Pinheiro como “ponto-de-referência), enquanto considera a sua própria abordagem de experiencialista, por se pautar em Lakoff e Johnson (1980), ou seja, nas premissas do Realismo Experiencial. Devido a esse contraponto teórico em relação à Langacker, Pinheiro sugere como arquétipo conceptual que caracterizaria esquematicamente as expressões de *posse* e *locatividade*, o esquema imagético DENTRO-FORA.

Elegendo o esquema DENTRO-FORA como “fundamento conceptual último da noção de locatividade” (PINHEIRO, 2007, p. 57), Pinheiro adequou às suas necessidades um modelo que pudesse ser contraposto à análise feita por Langacker. Ao buscar uma distinção para as noções de *posse*, *existência* e *locatividade*, valendo-se das operações entre TR e MR, ocorre que, devido à própria perspectiva utilizada na análise, as operações realizadas por

Pinheiro acabaram por deixar mais em proeminência o esquema DENTRO-FORA (PINHEIRO, 2007, p. 38-57). Em seguida, o autor toma o esquema DENTRO-FORA como o esquema imagético “último” para a noção de locatividade. Neste ponto, levando-se em conta o caráter dinâmico dos padrões de transformação de esquema imagéticos, seria mais adequado considerar o esquema CONTÊINER como fundamento conceptual da noção de *locatividade*, por abranger outras situações de localização, como demonstrado nos trabalhos de Oliveira (2007b, em preparação), abarcando outras como o próprio esquema DENTRO-FORA como também os esquemas PRÓXIMO-DISTANTE, SUPERFÍCIE, CONTENÇÃO, etc.

Tomando a proposta de Peña (2008) para a hierarquização dos esquemas imagéticos, vê-se que o esquema DENTRO-FORA é subsidiado pelo esquema CONTÊINER, e que este esquema abarca um campo experiencial maior que o esquema DENTRO-FORA. Porém, entende-se aqui que devido aos objetivos de Pinheiro e às operações de que ele lançou mão para resolver um problema de distinção de domínios conceptuais: *posse*, *existência* e *locatividade*, o esquema DENTRO-FORA acabou por se revelar o mais proeminente. Como demonstrado pelos trabalhos de Oliveria (2007b; em preparação), outros esquemas exercem papel decisivo na configuração de um *locativo*, e praticamente todos eles são dependentes do esquema CONTÊINER: inclusão, parcial ou total, contato, aderência, adjacência/proximidade, etc. Em todos os contextos listados em (13), nos quais os constituintes locativos selecionados são conceptualizados como espaços extensos ou genéricos, como “cidade”, “casa”, e extensões metonímicas como em (13)d: “na dona Francisca” para “na casa da dona Francisca”, o que se percebe não é simplesmente uma conceptualização pautada no esquema DENTRO-FORA, mas usos espaciais diversos relacionados ao esquema CONTÊINER.

Tome-se como outro argumento o uso espacial de *em* dito de inclusão parcial, como em:

- (14) a. As crianças estão na piscina. (sentadas à beira da piscina, com os pés imersos n'água)
- b. As crianças estão na piscina. (nadando dentro da piscina)

em (14)a, os esquemas de PRÓXIMO-DISTANTE e de SUPERFÍCIE parecem ter maior proeminência do que o de DENTRO-FORA, enquanto que em (14)b poderia se considerar que o esquema DENTRO-FORA tem proeminência. Tais observações à análise de Pinheiro (2007) justificam-se apenas para uma melhor especificação dos esquemas imagéticos possíveis de estarem “em ação” na conceptualização de um locativo.

4.3 Usos espaciais no esquema ORIGEM-PERCURSO-DESTINO

O esquema imagético de PERCURSO é o que mais serve como fonte de subsídio para a operação de outros esquemas imagéticos, segundo a proposta de Peña (2008). Ao tratar do sistema de dependência relacionado a este esquema, Peña faz uma distinção entre os esquemas imagéticos de PERCURSO (PATH), ORIGEM-PERCURSO-DESTINO ou OPD (SOURCE-PATH-GOAL ou SPG) e MOVIMENTO (MOTION) (PEÑA, 2008, p. 1049). Para ela, nem todo percurso necessariamente necessita de um destino, e quanto ao esquema de MOVIMENTO, ela atenta para os usos estáticos do esquema de PERCURSO como no exemplo: “Estamos na pista certa”.³⁰

Evans e Green (2006, p. 185) consideram o esquema ORIGEM-PERCURSO-DESTINO como parte interna do esquema PERCURSO, o que para eles é apenas mais uma faceta de uma das propriedades dos esquemas imagéticos, de serem internamente complexos.

³⁰ Tradução livre de: “We are on the right track” (PEÑA, 2008, p. 1049).

É interessante notar que talvez a mesma lógica poderia ser aplicada ao caso do esquema REGIÃO DELIMITADA, que abarcaria em sua lógica interna o esquema SUPERFÍCIE e CONTÊINER, conforme proposta de Peña (2008). Da mesma forma, o esquema PERCURSO seria mais genérico, abarcando o de ORIGEM-PERCURSO-DESTINO. De qualquer forma, esquematicamente, o esquema PERCURSO é representado como segue:



Figura 7 - Esquema imagético PERCURSO

Uma alternativa de análise que poderia se adequar às escolhas se se considera o esquema de PERCURSO e ORIGEM-PERCURSO-DESTINO como os mesmos seria a análise de Ekberg (2001). Para ela, o esquema ORIGEM-PERCURSO-DESTINO só será ativado quando o percurso for delimitado, tendo perfilados seu ponto inicial e seu ponto final, aqui considerados a origem e o destino de um percurso. Graficamente, o esquema ORIGEM-PERCURSO-DESTINO seria assim, adaptado de Langacker (2008, p. 33):

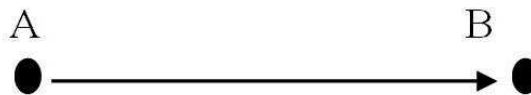


Figura 8 - Esquema imagético ORIGEM-PERCURSO-DESTINO

Os pontos A e B são considerados a origem e o destino do percurso, enquanto a reta é o percurso em si.³¹ Entretanto, como Evans e Green (2006) enfatizam, os esquemas imagéticos são gestalts experienciais (*Experiential Gestalts*) nos quais a estrutura interna

³¹ Hellberg (2007, p. 36) segue a mesma lógica, só utilizando o esquema OPD quando um destino é identificável.

emerge como um todo coerente. Os autores também chamam a atenção para o fato de que dependendo da forma de como se conceptualiza o percurso, alguns elementos do esquema imagético em questão serão perfilados. Tomam-se os exemplos dos autores nos quais os elementos entre colchetes são os elementos dos esquemas perfilados:

- (15) a. ORIGEM
João deixou [a Inglaterra]
- b. DESTINO
João viajou [para a França]
- c. ORIGEM-DESTINO
João viajou [da Inglaterra] [para a França]
- d. PERCURSO-DESTINO
João viajou [pelo canal] [para a França]
- e. ORIGEM-PERCURSO-DESTINO
João viajou [da Inglaterra] [pelo canal] [para a França]

4.3.1 Contextos diretivos de *para*

Tudo indica que a preposição *para* é a que prototipicamente perfila o esquema ORIGEM-PERCURSO-DESTINO. Abaixo estão listadas algumas ocorrências retiradas do *corpus* do uso de *para* com o verbo *ir* de movimento.

- (16) a. A a genti foi, eu i mamãe a genti foi **pra** São Luís, aí passô essi tempu lá.
(Ang DAM 1-14)
- b. Hein, hein. Eu ia **pu** coléguiu, quandu eu chegava lá = issu desdi u cumeçu di = desdi u cumeçu di noventa e quatru. (Ana DAM 1-06)
- c. Sartô daqui pega logo o carro pa í **pa** Mirinzal. (Dil DAM 1-17)

- d. Daqui até que tá pertinho de lá, pela praia, olhando. Mas quando a hente vai *pra*... *pa* cidade de Alcântara, a hente sempre passa numa canoinha ali e chega logo de barco (Emi SPT 1-20)
- e. eiz vão *pra* roça as veiz as veiz sete e meia oito hora (Ant CAN 1-01)
- f. aí fui *pra* Sorocaba, né? Me empreguei (Fra CAN 1-02)

Vale ressaltar aqui que não se encontrou ocorrências de usos da preposição *a* com verbo *ir*, apenas a preposição *para* foi utilizada.

4.4 O ponto final do esquema ORIGEM-PERCURSO-DESTINO como esquema CONTÊINER

Pelo que se vê, a dinâmica dos dois esquemas até aqui apresentados, ORIGEM-PERCURSO-DESTINO e CONTÊINER, guarda uma grande complexidade, isso se também se leva em conta que esses dois esquemas foram considerados como subsidiários para muitos outros esquemas imagéticos (PEÑA, 2008). Nesta seção, argumenta-se que a dinâmica envolvida entre esses dois esquemas imagéticos possibilite uma possível explicação de natureza semântico-cognitiva para a alternância entre as preposições *para* e *em* com os verbos de movimento e estativos.

Assume-se então que pelo caráter dinâmico das transformações dos esquemas imagéticos, o esquema PERCURSO instancia o esquema ORIGEM-PERCURSO-DESTINO como formador de sua estrutura e lógica interna e que cada parte dessa estrutura interna pode ser perfilada (*profiled*), possibilitando as construções exemplificadas em (15). Considere-se, de início, o conhecido exemplo de Lakoff (1987) de transformação de esquema imagético, de foco em um percurso para o ponto final do percurso. Pela análise de Lakoff, essa

transformação resultaria na possibilidade da extensão de sentido da preposição *over* do inglês em contextos ditos locativos, como no exemplo abaixo:

- (17) a. He walks *over* the bridge.
 b. He lives *over* the bridge..

Considerando que esse tipo de transformação de esquema imagético também ocorre em português, como em outras línguas (EKBERG, 2001), defende-se neste estudo que o mesmo é possível para a preposição *para* do PB, guardadas as devidas especificidades de cada língua, entre os exemplos de *over* do inglês e a preposição *para* do português. Partindo dessa primeira possibilidade de transformações de esquemas imagéticos, do foco do percurso para o foco no ponto final de um percurso, tentou-se ir mais longe que a simples analogia com a análise lakoffiana para a preposição *para*. Ao examinar mais detidamente o que acontece com o ponto final de um percurso na transformação de esquemas imagéticos apontada, chegou-se a seguinte constatação: a possibilidade de que a região do ponto final do percurso que é perfilada pelo conceptualizador tome as propriedades, ou em outras palavras, ativa o esquema CONTÊINER, tendo em mente o caso dos usos da preposição *em* com verbos de movimento.

Johnson (1987, p. 125; 2005, p. 21) considera esse tipo de transformação como sobreposição de esquemas imagéticos, uma das quatro transformações de esquemas imagéticos enumeradas por Lakoff (1987). Abaixo, uma citação de Johnson ao tratar da sobreposição do esquema ORIGEM-PERCURSO-DESTINO no esquema CONTÊINER:

Alan Cienki (1997) has compiled a list of basic image schemas, although he recognizes that it is probably not exhaustive. Many complex image schemas are built up from the basic ones through processes of combination, superimposition, and further elaboration or specification. Lakoff and Nunez (2000), for instance, have shown how the meanings of *into* and *out of* involve the superimposition of a SOURCE-PATH-GOAL image schema onto a CONTAINER schema. For example, *into* is based on a CONTAINER schema with the interior profiled and with the goal of the SOURCE-PATH-GOAL schema located within the interior of the container, thus capturing the

motion of an object from a starting location outside the container to an endpoint within the container. (JOHNSON, 2005, p. 21)

Já Peña (2008), no seu sistema de dependência conceptual para os padrões de esquemas imagéticos, considera esse tipo de transformação como enriquecimento/intensificação (*enrichment*), por se tratar de uma relação de dependência conceptual de domínios experienciais diferentes. De uma forma ou de outra, o que se quer chamar atenção é para o fato de que nos usos espaciais das preposições aqui em análise, as diversas operações que devem contribuir para o caso específico do que se está chamando de alternância entre *para* e *em*, são devidas às transformações possíveis entre esquemas imagéticos. A sobreposição entre os esquemas ORIGEM-PERCURSO-DESTINO e CONTÊINER, como descrita na citação acima de Johnson, permitiria que ao direcionar o foco de atenção para o fim do percurso, o falante/conceptualizador seguiria um percurso no qual a origem e o percurso estivessem fora de um contêiner, e o ponto final do percurso não só seria perfilado como DESTINO, como também ativaria o esquema CONTÊINER.

Segue-se, nas próximas subseções, uma discussão sobre as duas situações no uso de *para* e *em* nas quais os esquemas ORIGEM-PERCURSO-DESTINO e CONTÊINER atuam, a partir dos processos de transformação, na alternância em contextos diretivos e locativos. Para o primeiro caso, são apresentados os usos de *para* no sentido estativo, buscando-se caracterizar o tipo de locatividade que é ativada com essa preposição em usos nos quais o esperado seria a preposição *em*. Em seguida, os usos de *em* com verbo *ir* de movimento denominados aqui de contextos diretivos de *em*. Por fim, faz-se um resumo retomando os principais pontos relativos a essa alternância e os resultados decorrentes das transformações de esquemas imagéticos.

4.4.1 Contextos locativos de *para*: transformação de foco em um percurso para foco no ponto final de um percurso

Diante das constatações apresentadas relativas à dinâmica dos esquemas imagéticos, não é difícil imaginar que as transformações de foco no percurso para foco no ponto final de um percurso, instanciados no esquema imagético ORIGEM-PERCURSO-DESTINO, nas palavras de Lakoff, expliquem até certo ponto a possibilidade de extensão de sentido de determinadas preposições. Isso aceito, os exemplos abaixo poderiam ser considerados como decorrentes do foco no fim de um percurso, mesmo que o percurso seja fictício ou já tenha sido percorrido implicitamente:

(18) [...] aí **pu** Carapirau ainda si reza pa Nossa Senhora da Conceição. (Dil DAM 8-04).

No exemplo apresentado, a preposição *para* pode ser perfeitamente substituída por *em*, não causando nenhuma diferença substancial na expressão do que é entendido como locativo, isto é, desconsiderando alguma variedade do português que não aceite o uso de *para* nesse contexto com verbos locativos, o sentido expresso é o de localização. Veja-se abaixo outro exemplo retirado da mesma entrevista:

(19) [...] **Nu** Jenipaúba eles festejum Santa Vitória. Já tá certo, o mês de dezembro. (Dil DAM 8-05)

Do *corpus* foram coletados os exemplos abaixo, todos formados com o verbo *estar* pleno estativo:

(20) a. Doc - O senhor tem certidão? O senhor tem a certidão ... de nascimento?
 Inf – Tem, mas tá **pa** casa da procuradora em que... (INT)
 Doc – Que fez a coisa das terras aqui? (Emi SPT 2-05)

- b. Inf – hein, hein... que procura o... um dinheiro aí que a gente tem, e então está lá, *pru* Santana. (Emi SPT 2-06)
- c. Aqui, aqui mora um, que é dono dessa casa, e outro é dono daquela ali, e as outra foram as muié, tão lá *pa* cidade (Emi SPT 2-03)
- d. Antônio Cí. Antônio Ci tá *pa* cidade (Dil DAM 2-02)
- e. Doc – Em Alcântara?
Inf – Na cidade. Tão lá *po* Rio de Janero. (Emi SPT 2-04)

Fato interessante de se notar é o exemplo em (20)a no qual o sujeito é inanimado (os documentos), enquanto os demais exemplos possuem sujeitos animados e agentivos, uma vez que em julgamentos de gramaticalidade feitos com falantes de São Paulo e Rio de Janeiro, essa construção foi considerada estranha, a preposição *para* usada com verbos estativos e sujeitos inanimados. Construções como essa consideradas as menos aceitáveis para os casos de alternância aqui em estudo.

Nos quatro últimos exemplos, realmente ainda é possível detectar na fala dos informantes, que os sujeitos mencionados se encontram na cidade após um percurso, se dirigiram, foram ou viajaram até a “cidade”, “Santana”, “Rio de Janeiro”, etc. O percurso conhecido pelo interlocutor está implícito, o que não é necessário para que haja construções locativas com a preposição *para*. Revejam os exemplos em (20)d. Abaixo, os exemplos em (21) foram reescritos com a preposição *em*, para fins comparativos:

- (21) a. [...] Tem, mas tá *na* casa da procuradora [...]
- b. [...] tão lá *na* cidade [...]
- c. [...] então, está lá, *no* Santana.
- d. Antonio Ci tá *na* cidade.

e. [...] tão lá **no** Rio de Janeiro [...]

A discussão sobre a existência de um percurso mentalmente percorrido é tratada por Ekberg (2001). No seu trabalho sobre semântica lexical a partir de transformações de esquemas imagéticos são discutidas as possíveis restrições na transformação de foco no percurso para o ponto final de um percurso. Diferentemente da sugestão de Lakoff (1987, p. 423) para quem as restrições de extensões de sentido do foco de um percurso para o ponto final de um percurso sejam devido à natureza da extensão do MR (*extended LM*), e de Dewell (1994, p. 358) que argumenta que qualquer preposição com o sentido de percurso poderia potencialmente ser usada no sentido locativo de foco no ponto final de um percurso, Ekberg contra-argumenta que a restrição de transformação de foco no percurso para foco no ponto final de um percurso seja na verdade devido à própria natureza do processo, que necessariamente deve ter o fim do seu percurso conceptualmente delimitado (*bounded*), ou nas palavras da autora: “[...] the path has to be conceptually bounded at its goal.” (EKBERG, 2001, p. 317).

Para o caso de preposições do inglês que não possuam um ponto final delimitado, como *via* e *toward*, a leitura de foco no ponto final de um percurso não é possível como é o caso de *over*, *across* e *around* (EKBERG, 2001, p. 317-8). Mesmo para a preposição *to* (para), Ekberg sugere ser possível sua utilização com o foco no ponto final de um percurso, como no exemplo seguinte:

(22) The prisoner is already **to** the fence. (LANGACKER, 1991, p. 161)

Como também em sueco (EKBERG, 2001, p. 317):

- (23) Han är till affären.
 He is to shop-the.
 (He has gone to the shop.)

Além do verbo *estar* locativo, há também ocorrência do verbo *ter* no sentido de existência:

- (24) [...] é seis neto aqui mai lá *pru* Tatuí tem uns (par dele) ainda. Lá em Tatuí tem [...]
 (Ant CAN 8-06)

que poderia ser contrastado com o mesmo uso locativo, mas com a preposição *em*, como acontece no mesmo exemplo: “Lá em Tatuí tem [...]”, como em outro exemplo abaixo:

- (25) [...] só essa sinhora aqui tem num sei quantos filho *em* Goiás, e aí pelo mundo inteiro.
 Emi DAM 8-0)

Pela discussão apresentada nesta subseção, constata-se o uso espacial de *para* numa acepção locativa. Mesmo que não tão produtiva em português. Fato já mencionado por Lakoff (1987, p. 441). Na próxima subseção, apresenta-se o caso do uso espacial de *em* nos contextos diretivos.

4.4.2 Contextos diretivos de *em*: o ponto final de um percurso como contêiner

Talvez pela alta recorrência deste uso espacial de *em* no português brasileiro e o estatuto não-padrão dele, em relação à variedade européia e à gramática normativa (MOLLICA, 1996; BAGNO, 2001), tem-se dado bastante atenção para o fenômeno de variação, na literatura sociolinguística, entre essa preposição e *a/para* em construções com verbos de movimento.

No estudo de Pinheiro (2007), após especificar a distinção entre *locatividade* e outras noções cognitivas aproximadas, dentro do modelo da gramática de construções, na vertente de Goldberg (1995), há uma discussão sobre o estatuto de sintagmas preposicionais locativos usados com verbos de movimento. Seguindo o modelo de Goldberg para o estudo das estruturas argumentais, o autor considera como construção *locativa* somente aquelas em que o sujeito é não agentivo, para com isso ser considerado objeto locado (PINHEIRO, 2007, p. 68-73). Das construções abaixo:

- (26) a. João chegou na festa.
b. João apareceu na festa.
c. A bola caiu no rio.
d. João entrou no quarto.
e. João foi no aniversário da ex-namorada.

apenas as três primeiras seriam consideradas construções *locativas* no português brasileiro, enquanto que as duas últimas não, por terem referentes do sujeito agentivos, isto é, terem controle sobre a ação e não podem ser usados no participio absoluto, mudança restrita aos constituintes de papel temático paciente ou tema, como em “Chutada a bola...”, mas não em

“Espirrado menino...”.

Para o caso de (26)d e (26)e, o referente do sujeito, em ambas as construções, é entendido como desencadeador do processo. Já para o caso de construções com referente do sujeito desagentivizado, Pinheiro (2007, p. 70) afirma poder considerar tais construções como exemplo de construções locativas em português, como no exemplo abaixo:

(27) Não entra mais nenhuma roupa *na* mala.

Poderia ser o mesmo caso para a construção seguinte:

(28) O computador vai *no* porta-malas?

Em que o referente do sujeito por ser não-agentivo possibilita a construção *locativa*, nos termos da gramática de construções usada por Pinheiro. Entretanto, o exemplo a seguir:

(29) ?O computador vai *pro* porta-malas?

é no mínimo ambíguo, pois se não houver um contexto específico no qual essa interrogação é feita, e no qual o sentido que se queira dar a tal construção seja diretivo, o sentido será semelhante ao das construções que foram chamadas nos trabalhos sociolinguísticos de “frases feitas” com o verbo *ir* de movimento, nos quais somente a preposição *para* é usada, como nos exemplos abaixo retirados de Vallo (2003, p. 28-9), segundo o qual a preposição não varia e o conjunto “(...) (Ir = preposição + determinado N) adquire um novo sentido, quase sempre acompanhado da perda da noção de movimento no verbo” (MOLLICA, 1996, p.153):

- (30) a. (...) Novamente me destaquei, e *fui pra seleção* do Campeonato paraibano, pelo Esporte Clube Cabo Branco (...) [= CONVOCAR]
- b. Se uma pessoa dessa *for pra faculdade*, se chegar, num sei como é que, como é que pode chegar, num é isso? (...) [= INGRESSAR]
- c. (...) O camarada foi soldado antigo dava um grito num recruta ele baixava mesmo porque se não, *ia pra caneta* (...) [= PUNIR]
- d. (...) Simplesmente, porque o meu vizinho *foi pra greve*, eu vou também
[= PARTICIPAR]
- e. (...) Oxe, a gente brincava menina, quando terminava a gente *ia pro pau* (...) [= APANHAR]

Para Pinheiro (2007), todas as construções feitas com o verbo *ir* no seu sentido de direção, e no qual ocorra um complemento locativo, deverão ser consideradas construções de movimento intransitivo, seguindo os pressupostos da gramática de construções de Goldberg (1995). Pinheiro também chama a atenção para o fato de que Goldberg deve referir-se às construções de movimento intransitivo como forma de contrapor com outro tipo de construção bastante estudado por ela, que são as construções de movimento causado (*caused motion constructions*) (GOLDBERG, 1995, Cap. 7). Baseando-se em Goldberg, Pinheiro afirma o seguinte para a explicação do uso da preposição *em* nos contextos diretivos:

De acordo com Goldberg (1995, p. 159), a possibilidade de instanciação de uma preposição locativo-estativa em uma construção de movimento se explica pelo mecanismo de *coerção* ou *acomodação*. Por meio desse mecanismo, o significado estativo básico da preposição (ou, no nosso caso, também da locução prepositiva) se conforma ao significado do padrão, ou seja, a uma semântica direcional. No entanto, essa conformação não é aleatória: de maneira idêntica ao que observa Goldberg, o *lugar onde* designado pelo sintagma preposicionado passará a ser entendido como o **ponto final de um percurso**. (PINHEIRO, 2007, p. 71) (Negrito adicionado ao original)

Interessante que, além de ser uma explicação alternativa que se enquadra num modelo construcional de gramática para o uso diretivo da preposição *em*, a constatação feita por Pinheiro (no trecho em negrito) de que o sintagma preposicional locativo participando de uma

construção de movimento intransitivo, pode ser entendido como “ponto final de um percurso”, coincide com a proposta apresentada neste trabalho de que, nos termos de transformação de esquemas imagéticos, o ponto final de um percurso será conceptualizado como um contêiner. Sendo assim, para ele, baseado em Goldberg, uma preposição com sentido locativo ocorre em uma construção de movimento devido a mecanismos de *coerção* e *acomodação* atribuídos à construção como um todo, ou seja, há uma adequação à construção de um sintagma preposicional com sentido locativo sendo coagido a ter o sentido relacionado à construção diretiva.

Neste ponto, parece ocorrer uma pequena divergência em relação à explicação dada por Goldberg e a proposta de que o ponto final de um percurso seja conceptualizado como contêiner. Como visto anteriormente, argumentou-se que o esquema imagético que melhor abarcaria as construções *locativas* (ver todos os exemplos espaciais locativos em Oliveira, 2007b) seria o esquema CONTÊINER e não o esquema DENTRO-FORA como proposto por Pinheiro (2007). Porém, como se vê aqui, as construções de movimento intransitivo apesar de terem um complemento preposicional no sentido locativo não são consideradas construções *locativas*, conforme estudo de Pinheiro, por terem referente do sujeito agentivo, ou seja, desencadeadores do processo. Com isso, é necessário deixar claro que as operações entre esquemas imagéticos utilizadas como explicação do fenômeno gramatical dizem respeito às questões relacionadas à semântica do espaço, enquanto que o modelo de Goldberg é voltado para um modelo construcional de gramática voltado para a estrutura argumental. O fato de nos termos construcionais os usos da preposição *em* em constituintes locativos com o verbo *ir* de movimento só serem aceitos como tais caso apresentem referentes do sujeito não-agentivos, não quer dizer que os falantes/conceptualizadores não construam a cena do ponto final de um percurso como contêiner no caso de o referente do sujeito ser agentivo.

Na verdade, seria possível afirmar, e para isso seria preciso um estudo mais

aprofundado e mais relacionado ao modelo de Goldberg, que a conceptualização de um ponto final de um percurso em contêiner reflete, em termos semântico-cognitivos, o que no modelo construcional de gramática é chamado de mecanismos de *coerção* e *acomodação* que são os responsáveis pela sanção de um uso diretivo para uma preposição locativa. Oakley citando Serra-Borneto, afirma que a teoria dos esquemas imagéticos tem mostrado explicações para diferenças sutis de sentido que levam para diferentes realizações gramaticais (OAKLEY, 2007, p. 222), o que poderia ser o caso das construções de movimento intransitivo. Lembrando, entretanto, que o recurso ao conceito de *coerção* e *acomodação* é usado para outras situações além dessa para as construções de movimento intransitivo.

Abaixo, alguns exemplos retirados do *corpus* de fala de quilombos:

- (31) a. Eu fui **na** roça com papai. (Ant CAN 1-01)
- b. Aí eli voltô. Aí Celsu foi cuma, uma muié du meu tiu, elis forum **em** Mirinzal pá comprá. (Ang DAM 3-03)
- c. Ói, sempri qui = quando eu tomu remediú eu num tomu nadinha. A genti ia assim, eu ia **em** festa, assim, brincava, essas brincadera qui tem assim, a genti saía assim, agora faz é tempo que eu num vô. (Ang DAM 3-04)
- d. [...] e tumara que não, purqui eles façum festa aí. Já, já **foi na** igreja? (Dil DAM 3-06)
- e) ô minha fia, se tu me ajudasse nós **ia** até lá **em** casa. (Ame DAM 3-07)

4.4.3 A alternância de *em* e *para* em contextos diretivos e locativos no português brasileiro

Até o momento, o enfoque cognitivista das duas preposições, *para* e *em*, tem se mostrado compatível com os resultados dos estudos variacionistas (ASSIS, 2006; VALLO, 2003; RIBEIRO, 2000; MOLLICA, 1996). As duas preposições em foco apresentam a possibilidade de atuar em duas configurações espaciais, chamadas na GPFB de estática e dinâmica. Assumindo aqui que a protocena³² da preposição *em* se dá no esquema imagético CONTÊINER, a configuração espacial estática da preposição *em* se mostra como a mais prototípica. Era de se esperar então que o uso das construções com a preposição *em* no espaço estático fosse mais privilegiado e certamente mais produtivo. Em outras palavras, ao estabelecer a “configuração do espaço” e o “grau de definitude” dos referentes locativos como grupos de fatores para a sua análise quantitativa, Mollica segue, “intuitivamente” ou não, as pistas da prototipicidade da preposição *em*. Dessa forma, numa construção com o verbo *ir* de movimento, quando o locativo apresentava os traços [+ fechado] e [+ definido], a preposição *em* era favorecida.

Outra observação a ser feita entre a relação das representações espaciais de *para* e *em* com os resultados dos estudos sociolingüísticos é que, mesmo as duas podendo operar nos dois espaços mencionados, é possível se depreender o sentido básico das duas que se mantém de alguma forma. Isso talvez se explique pelo fato de que para cada contexto de alternância no qual as duas preposições são usadas, seja no contexto locativo para *para* e diretivo para *em*, o sentido básico de ambas as preposições parece influir na interpretação das construções de uma forma geral. Tanto “*estar para*” como “*ir em*” torna bastante difícil uma reprodução gráfica, em termos de TR e MR, para uma melhor visualização das cenas espaciais de cada construção

³² O termo protocena é usado por Tyler e Evans (2003) e também Evans e Tyler (2005) e pode ser entendido como o sentido básico de um determinado item, enquanto os outros sentidos desse mesmo item se dariam por extensões de sentido as mais diversas, desde extensões metafóricas a transformações de esquemas imagéticos. Conferir também Evans e Green (2006, p. 342-355).

em alternância.³³ Constatou-se no *corpus* que cada preposição era mais produtiva nos contextos em que seu sentido é mais prototípico, ou seja, estático para *em*, dinâmico para *para*.

Pode-se cogitar ainda que, o sentido direcional de *em* parece ser menos periférico se comparado com o sentido locativo de *para*, isto é, numa provável rede semântica de *em*, seu sentido diretivo não seria tão periférico quanto o sentido locativo de *para*. Como prova para essa hipótese, basta verificar os sentidos das duas preposições diacronicamente (POGGIO, 2002), onde é possível ver que *em* já se mostrava operando em contextos diretivos desde sua forma *in* latina, enquanto *para*, talvez tenha adquirido seu sentido estático após um processo de gramaticalização, surgindo provavelmente das formas *per + ad*, também latinas, talvez um pouco mais tardiamente.

Numa construção com verbo de movimento na qual se faça uso de uma preposição locativa, produz-se um sentido de localização mais pontual, pois de alguma forma, o sentido de direção perfilado pelo verbo *ir* também se mantém. Retome-se o fim do exemplo (34)d, repetido aqui como (33)a. E a substituição da preposição *em* por *para* em (35)b:

(32) a. Já, já foi **na** igreja?

b. Já, já foi **pra** igreja?

Nos dois casos, há uma leve distinção de sentido. Enquanto (35)a estaria mais apropriada para uma pergunta como “Já visitou a igreja?”, em (35)b a construção inteira dá um sentido de ida para igreja de forma habitual, ou seja, de [+ permanência].

³³ Remete-se aqui às tentativas de reprodução gráfica feita na GPFB mencionadas no item 2.4.

Demonstrou-se que operações de transformações de esquemas imagéticos permitem que haja uma certa semelhança na representação do espaço para as preposições *para* e *em*, apesar de a configuração espacial prototípica de cada uma ser bem diferente, uma no espaço estático e outra no espaço dinâmico. Desse modo, acredita-se que até aqui algumas das representações cognitivas do espaço mencionadas por Farias (2006) podem ter sido tocadas, representações essas que devem contribuir para a alternância de *para* e *em*. O tema merece mais atenção em estudos mais abrangentes, e os resultados, conseqüentemente, deverão ser mais satisfatórios, na medida em que, em estudos futuros, leve-se em conta pontos que foram desconsiderados neste estudo, dentre eles, a questão de uma possível rede semântica para as duas preposições e o papel de outros mecanismos cognitivos, como os MCIs, na configuração das cenas espaciais em estudo.

Outro ponto bastante importante, que, mesmo não tendo sido tocado explicitamente no desenvolvimento do trabalho, esteve presente ao se considerar as transformações de esquemas imagéticos na configuração do fenômeno de alternância, é o papel do falante/conceptualizador. Ao ser apresentada a hipótese de que o uso de *em* com verbos de movimento dá-se quando acontece num nível pré-conceptual, ou seja, no nível dos esquemas imagéticos, a transformação do destino no esquema de ORIGEM-PERCURSO-DESTINO em um esquema de CONTÊINER, há outras operações cognitivas co-ocorrendo, como as de perspectivação, atenção (*windowing of attention*) e perfilamento (*profiling*) da forma como é apresentada por Talmy (2007) e Langacker (2007). Como demonstração, observem-se os gráficos abaixo:

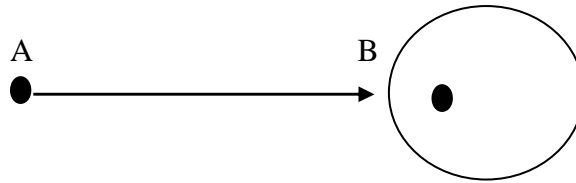


Figura 9 Esquemas imagéticos de ORIGEM-PERCURSO-DESTINO e CONTÊINER sobrepostos

Este gráfico representa os esquemas ORIGEM-PERCURSO-DESTINO e CONTÊINER um ao lado do outro como tentativa de se representar a “sobreposição” dos dois. Imaginando que o falante/conceitualizador faz uso dos dois esquemas, e que há as transformações entre os dois esquemas, a forma como o falante irá perfilar o evento esclarece bem o modo de representar o espaço na alternância entre *para* e *em*. Vejam-se as duas situações possíveis: um falante/conceitualizador ao perfilar o trajeto, o esquema de PERCURSO deve ser o privilegiado, permitindo o uso de *para*, que nesses contextos deverá ser preferível. O gráfico poderia ser representado como segue:

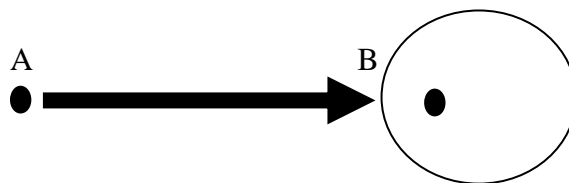


Figura 10 PERCURSO perfilado

Com isso, a seta com espessura maior indica que o percurso é que está sendo perfilado, fazendo com que a preposição *para*, que atua no esquema de PERCURSO, seja preferida e motivando construções como as de “*ir para*”.

Para a figura seguinte:

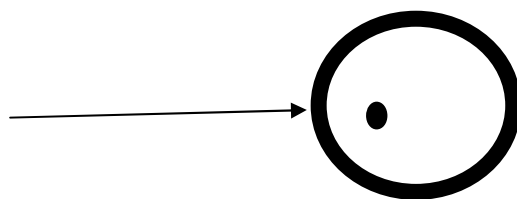


Figura 11 - CONTÊINER perfilado

o fim do percurso é que está sendo perfilado, deixando o esquema de PERCURSO relativamente fora da atenção do falante, ao mesmo tempo em que possibilita a conceptualização do destino como um contêiner. Essa forma de conceptualizar um destino como um contêiner seria mais um dos mecanismos cognitivos que possibilitam os usos ditos alternantes de *para* e *em*, tratados neste estudo. Nessa última situação, os casos de construções com “*estar para*” e “*ir em*” estariam sendo possíveis graças à proeminência dada ao destino, perfilado com as propriedades de esquema de CONTÊINER.

Alguns indícios desse perfilamento do fim do percurso são percebidos pelo uso recorrente de dêitico, comumente o *lá*, que reforça a hipótese de que a atenção do falante está voltada para o fim do percurso e não no percurso em si,³⁴ ativando o esquema de CONTÊINER que, como se viu, entra na acomodação de *para* em construções locativas e *em*, em construções diretivas.

Vale ressaltar que em uma continuação futura desta pesquisa esses construtos deverão ser considerados mais detidamente, já que para a execução desta pesquisa em nível de mestrado deu-se ênfase à teoria dos esquemas imagéticos para um melhor entendimento dos fenômenos em questão.

³⁴ O Professor Augusto Soares da Silva (comunicação pessoal) afirmou que em Portugal não é possível usar “Os jovens estão pra praia”, como é possível no PB, entretanto, com o uso do dêitico: “Os jovens estão lá pra praia”, a construção seria mais aceita que a primeira. Isso reforça a idéia que o *lá* serve como índice de que o fim do percurso é que está sendo perfilado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo oferecer uma abordagem alternativa para a semântica das preposições *para* e *em* no PB, especificamente em duas configurações espaciais. Para tanto, os pressupostos cognitivos amplamente utilizados na corrente teórica da Linguística Cognitiva permitiram focalizar a representação do espaço de uma forma satisfatória, considerando que a análise, a partir da teoria dos esquemas imagéticos, só veio a corroborar os resultados apresentados nos estudos variacionistas.

Partindo de dados de fala espontânea na variedade do português falada em comunidades quilombolas (Cap. 3), foram identificados contextos de usos das duas preposições nos contextos considerados diretivos e locativos. Fazendo uso principalmente da teoria dos esquemas imagéticos (Cap. 1), teoria que também tem servido de base para outros embasamentos teóricos, a problemática da alternância entre preposições, da forma como foi apresentada (Cap. 2), pôde ser analisada sob um outro prisma, no qual se levou em conta questões que parecem estar no cerne mesmo da problemática, a conceptualização do espaço na língua. Primeiramente, foram identificadas e selecionadas as construções nas quais as preposições *para* e *em* permitem que haja uma alternância, quais sejam, os contextos diretivos e locativos, comumente com o verbo *ir* de movimento e o verbo *estar* pleno de locação. Após esse primeiro momento, recorreu-se aos trabalhos no âmbito da linguística cognitiva ocupados com a teoria dos esquemas imagéticos e a possível aplicação para o caso das preposições em foco.

Desses procedimentos, algumas conclusões, não definitivas, mas que apontam para desdobramentos de maior fôlego para pesquisas futuras, podem ser consideradas: as transformações entre esquemas imagéticos podem ser uma das causas da alternância entre preposições, já que a cena espacial para os dois casos, tanto no sentido diretivo como locativo,

os esquemas de ORIGEM-PERCURSO-DESTINO e CONTÊINER estão numa relação de dependência conceptual, de acordo com proposta de Peña (2008).

Foram identificadas quatro cenas espaciais nos quais esses esquemas teriam a primacidade. No primeiro caso, no uso prototípico de locativo, da preposição *em* com verbo *estar* pleno de locação, o esquema CONTÊINER tem primacidade. Para o segundo caso, o uso de verbos de movimento com a preposição *para*, o esquema ORIGEM-PERCURSO-DESTINO é o que exerce a primacidade na cena. Enfim, para os dois últimos casos, considerados os de alternância, o da preposição *para* no sentido locativo e da preposição *em* no sentido diretivo, entram em jogo as transformações entre esses dois esquemas.

O uso da preposição *para* em contextos locativos pode ser comparado com a famosa transformação apontada por Lakoff (1987) do foco de um percurso para o ponto final de um percurso. Dentro do sistema de hierarquização dos esquemas imagéticos de Peña, esse tipo de transformação se daria por vínculo lógico ou por dependência conceptual, o esquema PERCURSO se valendo da lógica interna do esquema de ORIGEM-PERCURSO-DESTINO para focar a atenção do falante no ponto final do percurso. Por fim, o caso de uso da preposição *em* com verbos de movimento, numa construção nos termos da gramática de construções, de movimento intransitivo, a possibilidade de uso de uma preposição com sentido locativo num contexto com verbo de movimento se daria devido à transformação do ponto final de um percurso em um contêiner, ou seja, da transformação do ponto final do esquema ORIGEM-PERCURSO-DESTINO no esquema de CONTÊINER.

Os resultados parciais, ora apresentados, devem ser vistos como uma primeira tentativa de aplicar os construtos de uma teoria cognitiva para uma problemática de alternância já bastante discutida na literatura variacionista. Deve-se considerar que a análise se deu de uma forma não exaustiva e que foi utilizada apenas uma variedade do português em um *corpus* específico, e ainda, que não foram tocadas com mais detalhes questões mais

amplas como a da rede polissêmica das preposições e a interferência de outros fatores cognitivos como a atenção (*windowing of attention*) e a perspectivação (*perspectivization*). Esses outros pontos devem ser levados em conta em futuras análises.

Aplicar os conceitos dessa teoria num tema de pesquisa já bem discutido na literatura sobre as preposições do português brasileiro tornou-se satisfatório no momento em que foi demonstrada uma possível ponte entre abordagens da língua preocupadas com a sua face variável e aquelas preocupadas com questões semânticas e cognitivas (GEERAERTS, 2005). Em última instância, verificar que fatores cognitivos relacionados à forma como o ser humano constrói e lida com o espaço e que fenômenos de variação podem ter e têm uma base cognitiva aponta positivamente para uma inter-relação maior da Linguística Cognitiva com outras teorias voltadas para uma base mais social da linguagem, como a Sociolingüística e mesmo a Etnolingüística.

REFERÊNCIAS

- ALVARO, Patrícia Teles. **Escalarização e mesclagem na polissemia do até**: um estudo das relações lingüístico-cognitivos do uso dos operadores escalares. (Tese de Doutorado Língua Portuguesa) Rio de Janeiro : Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- ASSIS, Telma. **A variação da regência dos verbos de movimento no Português Afro-Brasileiro**. In: JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE, GELNE. 21., 2006 João Pessoa UFPB. Pôster, 3 a 6 de setembro de 2006.
- BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa**: tradição gramatical, mídia e exclusão social. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- BATORÉO, Hanna. **Expressão do Espaço no português europeu**: contributo psicolingüístico para o estudo da linguagem e cognição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2000.
- BERGEN, Benjamin K.; CHANG, Nancy. Embodied construction grammar in simulation-based language understand. In: ØSTMAN, Jan-Ola; MIRJAM, Fried (eds.), **Construction Grammar(s): Cognitive and Cross-Language Dimensions**. John Benjamins. Amsterdam, 2005.
- BLANK, Andreas; KOCH, Peter. **Historical semantics and cognition**. Mouton de Gruyter, Berlim, 1999.
- CASTILHO, Ataliba T. Abordagem da língua como um sistema complexo: contribuições para uma nova Lingüística Histórica. In: CASTILHO, A. T.; TORRES MORAIS, M. A. C.; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. L. (orgs.) **Descrição, História e aquisição do português brasileiro**. Campinas: Pontes/FAPESP, 2007.
- CLAUSNER, Timothy C.; CROFT, William. Domains and image schemas. **Cognitive Linguistics**, 10 (1), 1–31, 1999.
- CREISSELS, Denis. Encoding the distinction between location, source and destination: a typological study. In: HICKMANN, Maya; ROBERT, Stéphane. **Space in languages**. Linguistic systems and cognitive categories. John Benjamin Publishing Company, Amsterdam, 2006.
- CUNHA, Ana Stela. **A atuação do ‘Parâmetro do Sujeito Nulo’ na variedade popular do português falado nos quilombos do Maranhão**. 2003. 233f. Tese (Doutorado em Lingüística) Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.
- DEWELL, Robert B. Dynamic patterns of CONTEINMENT. In: HAMPE, Beate. **From perception to meaning**. Image schema in Cognitive Linguistics. Mouton de Gruyter, Berlim/Nova York, 2005.
- _____. Over again: image schema transformations in semantic analysis. **Cognitive Linguistics**, 5: 351-80, 1994.
- EKBERG, Lena. Transformations on the PATH-SCHEMA and a minimal lexicon. **Studia Linguistica**. 55(3), 2001, pp. 301-323.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive Linguistics**. An introduction. Edinburgh University Press. Edinburg, 2006.

EVANS, Vyvyan; TYLER, Andrea. Applying Cognitive Linguistics to Pedagogical Grammar: the English preposition of verticality. **Rev. Brasileira de Lingüística Aplicada**, v. 5, nº 2, 2005.

FARIAS, Jair Gomes. Variação entre a, para e em no português brasileiro e no português europeu: algumas notas. **Revista Letras de Hoje**. Porto Alegre. V. 41, nº 1, p. 213-234, março, 2006.

FILLMORE, Charles. 'Corpus linguistics' or 'computer aided armchair linguistics'. In: J. SVARTVIK (org.). **Directions in Corpus Linguistics**. Proceedings of Nobel Symposium 82, Stockholm, 4-8 August 1991. Berlin, New York: De Gruyter, 1992.

GÄRTNER, Eberhard. Tentativa de explicação diacrônica de alguns fenômenos morfossintáticos do português brasileiro. In: ALKMIM, Tania. **Para a História do Português Brasileiro**: São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

GAZOLA, Adriana. O emprego das preposições a, em e para na história do português. XII Seminário de Teses em Andamento – **Anais do SETA**. Unicamp, Vol. 1., 2007.

GEERAERTS, Dirk. Lectal variation and empirical data in Cognitive Linguistics. In: RUIZ DE MENDOZA, Francisco.; PEÑA, Maria Sandra (Eds.). **Cognitive Linguistics. Internal dynamics and interdisciplinary interaction**. Morton de Gruyter, Berlin/New York, 2005, p. 163-189.

GEERAERTS, Dirk; Cuyckens, Hubert. (eds.) **The Oxford handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford University Press. Nova York, 2007.

GIBBS, Raymond; COLSTON, Hebert. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. In: GEERAERTS, Dik. **Cognitive Linguistics. Basic readings**. Mouton de Gruyter, Berlin/Nova York, 2006.

GOLDBERG, Adele. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University Press, 1995.

GOMES, Christina Abreu. **Aquisição e Perda de Preposição no Português do Brasil**. Tese de Doutorado em Lingüística. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 148f. 1996.

GOMES, Christina Abreu. Directionality in linguistic change and acquisition. **Language Variation and Change**, 11 (213-230) Cambridge University Press, 1999.

GONÇALVES, Perpétua e CHIMBUTANE, Feliciano (2004). O papel das línguas bantu na gênese do português de Moçambique: o comportamento sintático de constituintes locativos e direcionais. **Papia Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, Brasília: UnB, 14: 7-30.

GRADY, Joseph. Metaphor. In: GEERAERTS, Dirk; Cuyckens, Hubert. (eds.) **The Oxford handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford University Press. Nova York, 2007.

GRENDEL, Adrete Terezinha Matias. **Sobre locuções prepositivas em hipótese cognitiva**. Tese de doutorado (Língua Portuguesa) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004. 153f.

GRIES, Stefan Th. & DIVJAK, Dagmar S. **Quantitative approaches in usage-based cognitive semantics: myths, erroneous assumptions, and a proposal**. Artigo disponível em: <http://www.linguistics.ucsb.edu/faculty/stgries/research/overview-research.html>> Acesso em 25 de maio de 2008.

GRIES, Stefan Th.; STEFANOWITSCH, Anatol (ed.) **Corpora in cognitive linguistics: corpus-based approaches to syntax and lexis** (Trends in linguistics. Studies and monographs ; 172). Berlin . New York: Mouton de Gruyter, 2006.

GRYNER, Helena; OMENA, Nelize Pires. A interferência das variáveis semânticas. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (eds.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

GUY, Gregory. **On the nature and origins of popular Brazilian portuguese**. Estudos sobre Español de América y Linguística Afroamericana. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1989, p. 227-245.

HAMPE, Beate (Ed.). **From perception to meaning**. Image schema in Cognitive Linguistics. Mouton de Gruyter, Berlin/Nova York, 2005.

HELLBERG, Staffan. Polysemy across image schemas: Swedish fram. **Studia Linguistica** 61(1) 2007, PP 20-58.

HICKMANN, Maya; ROBERT, Stéphane. **Space in languages**. Linguistic systems and cognitive categories. John Benjamin Publishing Company, Amsterdam, 2006.

ILARI, Rodolfo, CASTILHO, Ataliba T.de, ALMEIDA, Maria Lúcia L.de, KLEPPA, Lou-Ann & BASSO, Renato. A preposição In: ILARI, Rodolfo & MOURA NEVES, Maria Helena (Orgs.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**, vol. II: Classes de palavras e construções. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas. (no prelo)

JOHNSON, M. **The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason**, University of Chicago Press, Chicago, 1987.

_____. The philosophical significance of image schemas. In: HAMPE, Beate (Ed.). **From perception to meaning**. Image schema in Cognitive Linguistics. Mouton de Gruyter, Berlin/Nova York, 2005.

KEWITZ, Verena. **A representação do ESPAÇO no português paulista numa abordagem sociocognitiva**. Projeto de Pós-Doutorado apresentado à FAPESP, Ms., 2008.

_____. **Gramaticalização e semantização das preposições *a* e *para* no português brasileiro (séc. XIX e XX)**. Tese de doutorado (Linguística) Universidade de São Paulo, 2007.

KRISTIANSEN, Gitte; DIRVEN, René. **Cognitive Sociolinguistics: language variation, cultural models, social systems**. Berlin – New York: Mouton de Gruyter (no prelo).

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind.** University of Chicago Press, Chicago, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by.** The University of Chicago Press, Chicago, 2003.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of cognitive grammar: descriptive application.** Vol 2. Stanford: University Press, 1991.

_____. **Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites.** Vol 1. Stanford: University Press, 1987.

_____. **Cognitive grammar.** A basic introduction. Oxford University Press, 2008.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000). **D.E.L.T.A.** Vol. 17 v. 1 São Paulo, 2001.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. Representação do espaço em inglês e português brasileiro: observações iniciais. **Revista da ANPOLL.** n. 16, p. 101-129, jan./jun. 2004.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. A regência variável do verbo IR de movimento. Cap.6. In: (Orgs) SILVA, Giselle Machline de Oliveira e SCHERRE, Maria Martte Pereira. **Padrões Sociolingüísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1986.

MOURA NEVES, Maria Helena de. **Gramática de usos do português.** São Paulo, Ed. da Unesp, 2000.

MUNANGA, K. ; GOMES, N. L. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos.** São Paulo: Global: Ação Educativa, Assessoria, Pesquisa e Informação, 2004. v. 1. 254 p.

MUNIZ, Mário Junglas. **Uma análise de verbos frasais em on e off à luz da Lingüística Cognitiva.** Universidade Federal do Ceará (dissertação de mestrado em Lingüística) 149f. 2006.

NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Maria Marta Pereira. **Origens do português brasileiro.** São Paulo: Parábolas Editorial, 2007.

NASCIMENTO, A. M. **A variação na expressão do dativo em variedades lingüísticas rurais goianas.** Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 2007.

OLIVEIRA, Aparecida de Araújo. Esquemas espaciais e extensões metafóricas na semântica de preposições do português do Brasil: um estudo de caso. **Revista da ABRALIN,** v. 6, n. 1. p. 223-258, jan/jun. 2007a.

_____. Noções topológicas, geométricas e funcionais na descrição de usos espaciais da preposição **em** do português do Brasil. **Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Lingüísticos,** 11-1 (2007b), 23-49.

_____. Tese de doutoramento. Em preparação.

PAL, Dayane C. "**Aí fui inu, fui inu, aí eu peguei arrumei uma casa no capoava lá**" : **construções seriais em português brasileiro** - estudo com dados da comunidade negra de Pedro Cubas, Vale do Ribeira/SP. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

PEDRÃO, Carmen Rodrigues Fróes. **O que se esconde por trás do uso das preposições a e em**. Dissertação de mestrado (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Londrina: Londrina, 2002.

PEÑA, Maria Sandra. Dependency systems for image-schematic patterns in a usage-based approach to language. **Journal of Pragmatics**. 40 (2008).

_____. Subsidiarity relationships between image-schemas: an approach to the FORCE shema. **Journal of English Studies**. I (1999), 187-207.

PETTER, M. M. T.; CARON, Bernard. (cords.) Projeto: **A participação das línguas africanas na constituição do português brasileiro**, 2004. Manuscrito.

PETTER, Margarida. **Variedades lingüísticas em contato: português angolano, português brasileiro e português moçambicano**. Tese de Livre-Docência. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PINHEIRO, Diogo Oliveira Ramires. **Aspectos sintáticos e semânticos da construção locativa do português brasileiro**: uma abordagem construcional. Dissertação de mestrado 120f. (Língua Portuguesa) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

POGGIO, Rosaulta Maria Galvão Fagundes. **Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português**: uma abordagem funcionalista. Salvador: EDUFBA, 2002.

RIBEIRO, Antonio João Carvalho. Variação funcional na regência do verbo ir. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER (Eds.) **Estudos de sociolingüística brasileira e portuguesa**. Frankfurt am Main: TFM, 2000 (Biblioteca Luso-brasileira; vol. 15)

RUDZKA-OSTYN, Brygida. **Topics in Cognitive Linguistics**. John Benjamin Publishing, Amsterdam, 1988.

SANTA ANA, O.; PARODI, C. Modeling the speech community: configuration and variable types in the Mexican Spanish setting. **Language in Society**. New York. Cambridge University Press, Vol. 27/1, 1999. p.23 -51.

SANTIBÁÑEZ, Francisco. The OBJECT image-schema and other dependent schemas. **Atlantis**, Vol. XXIV, N. 2 (Diciembre 2002): 183-201.

SANTOS, Pedro Perini Frizzera da Mota. **Epistemologia cognitiva para o uso de preposições – o caso da preposição de**. Tese 181f. (Doutorado em Estudos Lingüísticos) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SARDINHA, Tony Berber. Lingüística de corpus: histórico e problemática. **D.E.L.T.A.**, [S.l.], v. 16, n. 2, p. 323-67, 2000.

_____. Que tipo de corpus é a Web? **Revista da ANPOLL**. n. 15, p. 191-222, São Paulo, jul./dez. 2003.

SILVA, Augusto Soares da. Metáfora e conceitos permissivos e proibitivos. In: VILELA, Mário; SILVA, Fátima (orgs.), **Actas do 1º Encontro Internacional de Linguística Cognitiva**. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 1999, p. 231-252.

_____. **Semântica Histórica e Cognição**. (Separata do livro Ciências da Linguagem: 30 anos de investigação e ensino) Braga: Universidade do Minho, 2005.

_____. Sociolinguística cognitiva e o estudo da convergência/divergência entre o português europeu e o português brasileiro. **Revista Veredas**, Juiz de Fora, UFJF, vol. 10, Nos. 1 e 2. Ed. especial Portugal, 2006. Disponível em: http://www.revistaveredas.ufjf.br/veredas_portugal.html> Acesso em 21/11/2007.

TALMY, Leonard. **Toward a Cognitive Semantics**. Vol. 1 Concept Structuring Systems. Cambridge, Massachusetts / London, England, MIT Press, paperback edition, 2003a.

_____. **Toward a Cognitive Semantics**. Vol. 2: Typology and process in concept structuring. Cambridge, Massachusetts / London, England, MIT Press, paperback Edition, 2003b.

_____. Foreword. In: GONZALEZ-MARQUEZ, Monica; MITTELBERG, Irene, COULSON, Seana; SPIVEY, Michael (Ed.). **Methods in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2005, p. xi-xxi.

_____. Attention phenomena. In: GEERAERTS, Dirk; Cuyckens, Hubert. (eds.) **The Oxford handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford University Press. Nova York, 2007.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1990.

TYLER, Andrea; EVANS, Vyvyan. **The Semantics of English Prepositions**. Spatial Scenes, Embodied Meaning and Cognition. Cambridge, Cambridge University Press, 2003.

VALLO, Mário Anastácio Galdino do. **A regência variável do verbo ir de movimento na fala pessoense**. Dissertação de mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2003.

VIARO, Mário Eduardo. **Das Preposições Latinas às do Português e do Romeno: derivações semânticas**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 1994.

VIEGAS, Elaine Marques Thomé. **Preposições de, em, com e para em adjuntos adnominais: uma análise variacionista**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa 111f. – Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2008.

ZELINSKY-WIBBELT, Cornelia (Ed.). **The semantics of prepositions: from mental processing to natural language processing**. Berlin e New York: Mouton de Gruyter, 1993.

ZLATEV, Jordan. Image schemas. In: GEERAERTS, Dirk; Cuyckens, Hubert. (eds.) **The Oxford handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford University Press. Nova York, 2007.

ANEXO

Entrevista

(Amostra)

Informante: Emi da comunidade quilombola Santana dos Pretos, Ilha do Cajual, Alcântara, MA

Idade: 81 anos (29/5/1918)

Local da entrevista: quarto da casa do Informante; Doc sentada no chão, informante na cama. Uma terceira pessoa (moradora de Damásio, Guimarães) está presente, pois acompanhava a Doc.

Doc – Ah, vai destruir? E vai construir onde, lá pra cima?

Inf – O que?

Casa?

Doc – é

Inf – Hein

Doc – O senhor é daqui mesmo?

Inf – O que?

Doc – O senhor... é daqui, de Santana?

Inf – Hun hun. Sou

Doc – Nascido aqui?

Inf – hun.

Inda to até hoje, num sei se amanhã eu saio.

To até hoje, mas amanhã... RISOS

Doc- Ah, vai demorar pra sair!

Vou descansar porque a gente veio lá da praia, é longe. Cansei.

E o senhor é viúvo?

Inf- Eu???

É, há muito tempo.

Doc – E os filhos moram aqui, tudo?

Inf – Aqui, aqui mora um, que é dono dessa casa,

E outro é dono daquela ali,

E as outra foram as muié, tão lá pa cidade.

Doc – Em Alcântara?

Inf – Na cidade.

Tão LÁ pó riu de janeru.

Doc – Ah, é? Eu moro em SP, é pertinho.

E o senhor nunca saiu daqui? Não quis?

Inf – Num quis.

Doc – e era desse tamanho o povoado aqui, sempre foi?

Inf – Sempre foi.

Doc – E como que começou aqui, o senhor sabe?

(interferência com a chegada de um habitante, que pergunta algo à Doc)

Vimos com os barqueiros.

Inf – Onde, onde é que ocêis mandaru fazer? (refere-se ao almoço)

Doc – na casa da professora

Inf – Eu digu: essas coisa...

Doc – Então, na casa da professora.

Inf – Dona Vândia, né?

Doc – essa é neta? Filha do Marcos? Ela é filha do marcos?

Inf não, é filha de...

Filha de Abel.

Doc – Quantos anos o senhor tem, seu Emídio?

Inf – Hein?

Doc - Com quantos anos o senhor está?

Inf – Cum centu e pocu.

Doc – Cento e pouco???

Nossa... o senhor nasceu aqui? Então os pais do senhor eram escravos?

Inf – Não.

Minha avó é que...

É que já foi, escrava.

Nasci em 1918.

Doc - 1918?

Inf – É, 1918, sô de 29 de maio

Doc – Opa, então ta perto o aniversário!

O senhor tem certidão? O senhor tem a certidão ... de nascimento?

Inf – Tem, maish ta pa casa da procuradora em que...

Doc – Que fez a coisa das terras aqui?

Inf – hein, hein... que procura o...

Um dinheiro aí que a gente tem, e então eshtá lá,
pur Santana.

Doc – E a avó do senhor o senhor conheceu?

Inf – Cunheci. Minha avó parte de pai...

Doc – Como ela chamava?

Inf – Vó? É, é... é quatro, é?

É quatro vó? Porque era... por parte de pai e de mãe, né?

Doc – É.. conheceu todas?

Inf - Eu cunheci só as de meu pai,

Que as da minha mãe já tinha morrido.

A de minha mãe era Severa Pereira do Santo.

Doc – Severa...

Inf – Severa.

A de meu pai ...

era Maria Madalena

e hoje eu tenho uma filha com o nome de Maria Madalena.

Doc – E o que que ela contava? O q que ela contava daquela época? Era aqui a fazenda onde elas trabalhavam?

Inf – Era.

Doc – Nessa terra aqui?

Inf – por aqui tudinho.

Negócio de mandioca, essas coisa assim.

Doc – E tinha casa grande aqui ou não?

Inf- TINHA.

Doc – Já não existe mais então...

Inf – Não. Tem agora umas casa de FOURNU assim de...

Só pá faze...

Guentá de fazer... porque ...

só dá vim... interêsse de fazê farinha se vendê MUITA.

Mais poca...

É só pá presentíá pá um

Pá pescado.

Doc- É, senão não vale a pena.

Inf – Ele vendi e vai cumpra.

Doc – E aqui era melhor antes ou agora, o povoado?

Ta igual ou era melhor?

Inf – hun... ta a mema coisa.

Doc – Ta a mesma coisa? Não melhorou nada?

Inf – Melhorô pur que???

Melhorô pur que?

Aumento mais gente...

De gente aumento muito mais.

Doc – E aqui chama Santana dos Pretos porque ficou pras famílias que moravam?

Inf – e Santana duis Cabocu é lá...

É lá na Santana dais Mercêis.

Doc – É tudo na ilha?

Inf – Não, essa é..

du otu ladu.

Aqui é Santana, Alcântara.

Doc – E o senhor não vai nem pra Alcântara, ed vez em quando?

Inf – as veis.

Doc – É longe também, né?

Inf – É.

Mais num é muito não.

Daqui até que ta pertinho de lá.

pela praia, olhando.

Mas quando a hente vai pra...

pa cidade de Alcântara,

a hente sempre passa numa canoinha ali e chega logo de barco

Doc – E vai, é?

Inf – Quando num qué ir de barco,

Vai numa canoua.

De canoua.

Vai remando, vai querendo,

Vai de canoua grande,

De pano.

Daqui pá Alcântra é o lugá que...

Mais a gente vai depressa.

Doc – de toda a ilha?

Inf – Que o brabo...

O brabo é atravessá pá cidade.

Doc – É, tava bravo hoje.

Inf – é preciso...

É preciso se ir de canoua boua.

Doc grande

Inf _ Grande.

Porque...

Tem muita maresia aí, nessa baía.

Doc – É , tava mesmo.

Inf – Mais... e tem muita água doce incima dessa água sargada,
 Ta virano já...
 Doc – Ah, é? Que desce daqui da...
 Inf – De toda parte aqui.
 Doc – e o que que vocês pegam aqui? Siri, caranguejo, tem aqui?
 O pessoal vive de que, da caça?
 Inf – Aqui tem muito..
 Tem...
 TEM MUITO PEXI.
 Não. Vi pegar caça assim,
 Mais é pocu.
 O pexi aqui dá conta de...
 De faze a despesa do povo TODINHO
 Que tem dentro dessa casa
 Dessa ilha, e inda dá pá vende.
 É o lugá que mais...
 Daqui desse setô,
 Dos Pereis pra cá,
 O lugá que dá mais pexi é aqui.
 Doc – Mas vocês não... vocês não vendem, né?
 Inf – VENDI.
 Agora tem uma poção de pescadô aí ,
 Mais... é só daí de...
 Num sei da onde é.
 De Alcântra.,
 Lugá desses lado.
 Puqui...
 Nóis daqui a gente num vamo pescá em parte nenhuma
 Porque num tem...
 Num precisa.
 Só esse daqui dá.
 Doc – Dá pra viver. E caça só pequena? Tem o que? Paca, cotia?
 Inf- Hun... porco do mato,
 Tem um tar de veado que esse é só...
 Doc – tem veado aqui? Opa!
 Inf – TEEM...
 É só pega um dá..
 E quando isto é...
 Giro (ligeiro) como que...
 O mais beishta que tem
 Pá ... pá pega espingarda de [inint] e essas coisa é o tatu...
 Doc – e o tatu, é gostoso?
 Inf – É bom...
 Doc – Guisadinho?
 E tem festa aqui, alguma época do ano?
 Inf – Tem, tem.
 Doc – Qual mês que é? Qual o mês da festa?
 Inf É dezembro, é...
 Agora ia ...ia ... ia tê uma...
 Umah duas noite de...

Agora no...no méis de maio,
 Mais...murreu uma menina aí agora,
 Ontionti.
 E aí a hente num vai fazê.
 Doc – Morreu de que?
 Inf – Nadinha...
 Era de manhã,
 ela passô,
 parece qu'inda foi lá na casa da prima dela,
 quando foi por acaso meio dia
 eles já tava dizeno que parece que ela já tinha morrido...
 depois ela vortô pra casa,
 chego em casa,
 mais foi só pá morre.
 Aí... NEM sei cuntá direitinho porque...
 Eu tava aqui no...
 Doc – Então foi ou do coração ou da cabeça...
 Inf – Disseram que era... do coração.
 Doc – E novinha? Ou já tinha família?
 Inf – Já tinha família...
 Doc – Então vai adiar a festa? Mas daí é festa do que?
 Inf – EU TÔ CUMA PRESSÃO ME...
 ME APORRINHANDO
 TAMÊM...
 Doc – Pressão alta?
 É, o senhor precisa controlar... não pode comer coisa salgada.
 Inf – E eu mehmu nim goshtu...
 Doc – O senhor não gosta?
 Inf – de coisa sargada eu num....
 Doc – Ah, então ta bom, não pode comer mesmo....
 Inf – E coisa sargada eu num toco,
 De jeitu nenhum
 Me'rmão gushtava de...
 Agora já... vamo vê se...
 Ele num demorô mehmu...
 Cumia muito, pá butá...
 Até que (inint)
 Ele butava.
 Ele iá murreu...
 CIGARRU....
 Doc – Ele fumava? Bebia?
 Inf - Fumava.
 Inda bebia uns grogue...
 Fumava até iamba,
 Acabou morrendo...
 Acabou se matando...
 Doc – RISOS... Se matando mesmo....
 E ele morava aqui? Mais velho que o senhor?
 Inf – Eu era o mais velho
 Doc – Ah, o senhor é o mais velho?

Quantos filhos, quantos irmãos o senhor tem?

Inf – Gente? Filho?

Agora, ele num tinha filho...

Doc – ah não? Solteirão?

Inf – Minhas irmã, uma teve filho,

Mas já morreu,

E a outra num teve, NUNCA.

Esse (inint) que mora lá,

Na 18 de novembro.

Essa nunca teve.

Eu tenho um mais veio,

Mais o que eu tenho demais é neto.

Doc – Ah, é? Como praga...

Inf – Hum... Essa aí é uma

Doc – E bisneto já tem?

Inf – Quêra Deus que já num tenha...

É pussíve...

puquê tem fia

que tem...

fia... lá nu Rio,

quando ela manda dizê que a fia da filhaa dela já tem...

é o que ela manda dizê... RISOS

Agora, eu vim pra qui...

Doc – O senhor quer uma bolacha?

Inf – Aí eu vim pra cá pra minha...

Pra minha

Purqui aquela casa ali tava dando muito (inint)

Doc – E o senhor morava sozinho lá?

Inf – Eu mais o garoto, Reinaldinho.

Doc – Ah, uma criança? E o que que o senhor faz aqui, o dia ineiro?

O que o senhor faz, de dia?

Inf – agora eu num to trabalhando nada... (em)

Doc – Fica olhando as crianças

E o senhor gosta daqui, pra morar?

Tranqüilo, né?

E não vem o pessoal lá de Alcântara, lá do POSTO DE Saúde, fazer...

Inf – Eles promete de vim...

Doc – E não vem nunca, medir pressão?

Inf – Eles digu que vem, se eles